Anónim@s do séc. XXIII

anónim@s do século XXIII
são Shivana, Ru e a Comunidade do Além

as imagens são
fotografias a preto e branco
de quadros de ZMB

in memoriam:
Júlio Poeta, Julião, Júlio Alberto Allen Vidal

A mulher invisível, o velho careta e a fresca

ÍNDICE

***

PROLONGAMENTO

# AQUECIMENTO

Bom... saí da minha cidade onde minha mãe morava em Nova Cruz e fui viver em Natal em Rio Grande do Norte onde eu nasci, morava no Morro da Mãe Luísa, na época lutava capoeira e conhecia todos os traficantes que viviam no bairro e todos eles me respeitavam como também eles tinham o meu respeito. Eu era careta na altura, nunca tinha usado droga, não sabia o que era haxixe, só o que era maconha, só nunca tinha usado. Mas passei a usar, e gostei. Pelo menos, eu relaxo, fico tranquila, não faço mal a ninguém, porque as pessoas dizem que as pessoas que usam droga é para fazer mal aos outros... é mentira, isso é uma pura mentira!, isso é uma justificativa, porque não sabem o que estão dizendo, porque eu uso droga e não faço mal a ninguém, deito na minha cama, tomo a minha cerveja, vou para o computador, brinco com o meu jogo, falo com os meus amigos e minhas amigas e olha... estou numa boa, estou tranquila. Mas os preconceituosos dizem que a gente usa droga pra fazer o mal. Isso é mentira. Faz mal quem já está com a cabeça cheia de merda, já com vontade de fazer aquela merda, de invadir uma casa, destruir família, de matar, roubar. Mas não é por influência da droga, não, isso é mentira, uma pura mentira.

E não achas que a droga pode potenciar ou intensificar certos pensamentos ou certas reacções...

Comportamentos...

Comportamentos... ou seja, e a gente está... como a droga nos altera a consciência, nos põe num estado mais...

Elevado...

Elevado mas alterado de consciência...

Sim... passa muita coisa pela cabeça...

Não é pela droga mas não achas que a droga poderá... ou seja, a gente está...

Influenciar...

Certos comportamentos... quando a gente, quando al-

guém vem de fora falar connosco e nos põe em causa, o nosso ser... nós pra nos defendermos e defender o nosso acto...

Não. Não acho. Eu acho que o sujeito que aborda já vem com pensamento mau.

Exacto.

A gente [nós] estamos tranquilos, estamos fumando um charro, tranquilos, viajando na nossa, pensamento bom, não sei, eu pelo menos quando fumo um charro viajo na maionese, penso em viajar, ser feliz, ter um grande amor, é isso o que eu penso, na minha vida eu quero é ser feliz, eu tenho direito a isso, se Ele me pôs no mundo com algum objectivo foi, Ele não me pôs no mundo à toa, pois não?

A música diz «a tua beleza brilha tanto».

É, a minha beleza brilha um caralho, a minha beleza brilha no cu como estrela.

Concentra-te na música agora.

Mas, menino, tem as fotos, há mais marés que marinheiros, a minha Iansã vai tomar conta, certo?, só pega na rodilha quem pode com o pote e ele não pode com o pote, porque com espírito ele não brinca, porque ele não vê, certo?, e eu vejo, é por isso, Ru, não queira ver o meu lado negro, tu sabes qual é o meu pensamento? Eu vou destruir... eu não, alguém, alguém vai tomar conta dele pra mim...

«your beauty shines so...», canta Sheila Chandra no leitor de cedê.

Era uma vez, uma cachopa bem gira chamada Shivana...

Ainda bem que o meu nome não é esse...

Era uma cachopa que andava no trapézio a fazer malabarismos... foi o que ouvi dizer, contaram-me essa história, ela fumava muita erva.

E falava pelos cotovelos.

Fumava muita erva, ela foi iniciada no morro.

Não, ela não foi iniciada no morro, o morro não inicia ninguém, a gente faz o que quiser, porque eu já conheci muita

gente humilde no morro que me deu abrigo, comida, roupa, sapato... e não me ofereceram nem cachaça nem droga. Então portanto, tem muita gente humilde ali dentro, tem muita gente boa.

Pois tem.

Mas o mundo é hipócrita.

Pois é.

O mundo só quer saber Capitalismo, cash, dinheiro, os pobres ficam de lado, certo?, é a massa, a massa podre, é a massa podre, mas sabe porquê?, por conta e culpa de quem?, de nós mesmo, porquê?, porque elegemos esses filhos da puta.

Pois é.

Nós somos os próprios culpados.

É, quem vota e até quem nem vota, porque se formos a ver quem não vota são praí quarenta porcento...

É por isso que... numa coisa... em Portugal...

Diz... «Em Portugal...»

Era uma coisa que eu gostava... era do tempo de Salazar!

Estragaste tudo, oooоó, vou ter de cortar esta história, vou ter de cortar o gravador...

Era igual ao Hitler!

E gostavas do Hitler?

Gostava não, gosto!

Gostas do Hitler?

Gostava não, gosto. Sabe porquê?, porque intruso só atrapalha, intruso tem de morrer, certo?, intruso tem de morrer, mas um pai de família não, um pai de família não deve morrer, um pai de família, ele está lutando pela família dele... e isso eu sou contra o Hitler porque ali...

Mas ele matou muitos pais de família...

Uuuuui!, e não só, e não só, meu querido, matou também criança...

E continuas a defender o Hitler?

Não...

Então como podes dizer que...

Eu estou dizendo que eu, se fosse naquela época, eu apoiava o Hitler...

Mesmo sabendo que ele matava crianças e mães e pais...

Não não, eu aí também me ia revoltar e ele iria me fuzilar claro.

Apoiavas ou não apoiavas, diz lá!

Aos bandidos, aos bandidos...

E se ele te considerasse uma bandida?

Olhe, podia botar no paredão que eu ia morrer pode ser.

Então continuas a dizer que apoiavas o Hitler? Fala lá, diz aí, perante estes factos...

Não. Deixa eu... peraí, eu vou dizer, vou explicar.

Explica bem.

Eu gostava do Hitler numa coisa...

Em quê? Explica aí!

Ele foi um filho da puta que matou...

Seis milhões de pessoas!

Ui!

Pelo menos seis milhões de pessoas!

Isso é o que nós sabemos.

E não foi só judeus [e ciganos e malucos e gays e drogados] que ele matou, matou também muitos na guerra, morreram muitos a combater...

É por isso que eu estou dizendo, seis milhões nas câmaras de gás, criança, pai, mãe, avô...

Eles antes de irem para o gás tiravam-lhes os dentes de ouro, os anéis...

Não venha me ensinar o pai nosso e a avé maria tábem

E ia tudo para o armazém...

Eu sei...

Venderam esse ouro todo...

Eu assisti ao documentário e à Lista de Schindler.

Prontos, então explica aí ao gravador porque é que gostas do Hitler afinal de contas.

Olha, eu gostava do Hitler uma coisa...

Diz aí, explica! Explica!

Calma!

Desculpa. Fala. Leva o teu tempo. Mas explica bem.

Eu queria ser como ele, eu queria ser como ele... mas para fuzilar os bandidos, entende? Era isso que eu queria dizer...

Os bandidos...

Isso.

Sim... os bandidos. Mas que bandidos?

Não pais de família...

Que bandidos?

Por exemplo... estrupador.

Sim, estrupador. Mais. Quem é que querias que ele fuzilasse mais?

Calma, deixa eu pensar.

Estrupador, «violador» em português.

É violador de pessoas, principalmente de adolescente...

E de crianças também.

Pois. Adolescentes, crianças...

Seis anos, às vezes menos, bebés.

Bebés. Isso eu botava no paredão, porque isso não merece viver, caralho!

Num merece, estrupador. Mais?

Deixa, deixa eu pensar, tábem?

Só está saindo «estrupador» porquê? Porque fui violentada?

Claro, mulher, claro! Obviamente que é por causa disso. Isso é grave, o que te aconteceu é grave, é por isso... mas não precisas de ser um Hitler, não precisas de ser um Hitler nem precisas de ser a amante de Salazar, que é a tua fixação. Não é?

Me fizeram mal, entende?

Eu sei. Eu sei. Eu sei que fizeram...

Apesar de... quem me fez mal... está debaixo da terra, já não existe. Quem me fez mal já está debaixo de sete palmos, é assim meu amigo, ele tinha voz de quem tinha tudo na vida...

Que idade tinhas?

Dez anos. É pau para toda a obra. A gente saía galopando a cavalo, eu quase na cabeça do cavalo... eu sei que tu és uma pessoa não-religiosa, mas por eu falar de Deus não vai te afligir,

pois não? Minha casa é fria, estou tremendo de frio.

Pois estás, chega aqui que eu aqueço.

Ru...

Diz, querida?

Obrigada por estares do meu lado.

Eu compreendo, eu percebo-te, não penses que não.

Aleluia, feijão no prato e farinha na cuia.

Ela não pode cantar mais, a Sheila tem uma doença rara em que cantar, mesmo falar lhe faz «arder» a garganta.

# PRIMEIRA PARTE

## SHIVANA

### Espelho da Vida

(Incursões na terra do nunca)

«Tu consegues irritar o próprio satanás!,
ai meu deus, onde fui amarrar meu bode...»

## A pirata invisível

A pirata invisível encontrou um maleiro negro
com dois metros de olhos bem grandes e verdes
com cinquenta e um camelos monstros mais quatro helicópteros,
quatro bicicletas voadoras quatro porcos a andar de bestacleta com asas

Uma tarde de sol e praia na balada
um bom drink uma boa conversa uma boa piscina
Pra tudo acabar bem:
umas lentes azuis para ser gémea com ela

Visitar museu, conversar na galeria, comprar lotaria
de corrida de cavalos para apostar.
Quando chegava a hora dela chegar
eu dizia:
— Eu faço teatro mas eles não me dão o papel,
vou tomar banho e vou embora e volto depois.

Quando ela descobriu e ele descobriu
eu disse: — Batatas para o trabalho!
Ele o maleiro negro de olhos verdes a mim escolheu
Eu tive a desforra e ela não mais comigo falou

Balada todos os dias
A vida que ela não teve
Mas eu pensei no menos que havia no mais,
limusine mandada vir para me controlar?, disse:
— Jesus jenésio cachorro cash
Onde é que eu estou?
Pá, quero a minha liberdade!

É por isso que eu vejo muito filme de terror
Se axaiponou dansou

Aqui se faz aqui se paga
Foi ela quem dansou
Mas eu me lasquei no fim
Ele foi para debaixo da campa
e eu estou aqui de penico cheio pra contar a história.

## Maria João Potiguá

É o que eu digo: dá para fazer um livro. Esse, pelo menos, teve outro tipo de pensamento, não quis se matar, não quis se suicidar, olha, entrou para a polícia, «para fuzilar os bandidos», ah olha, prender os bandidos, «é não é?», pois... hoje ele é tenente... não, ele é capitão, pelo menos teve um bom pensamento, tocou a vida dele para a frente, mas tem um problema: ele não casou, ainda não casou, «eheh vai casar contigo quando voltares à tua terra». Não, não quero, não dá certo, ele é da polícia e eu sou da turma dos vagaba: «ele é o eterno apaixonado». Depois ainda há outro, o pai da minha filha, esse é que foi uma guerra para me livrar dele, chamava-se... é engraçado que tive um casal de filhos e os pais se chamavam pelo mesmo nome: Zé Tó, sim, casei com duas pessoas com o mesmo nome, sim, para me livrar do pai da minha filha foi problemático, eu com seis meses de gravidez parecia que tinha duas crianças dentro da barriga, poim!, uma senhora barriga, não foi à toa que a minha filha pesou três quilos e trezentas gramas, e ele mesmo, eu grávida, puxou uma faca para mim, eu disse que não queria mais ele e botei a roupa dele no meio da rua, eu quando era mais nova era ruim, não suportava ninguém, eu era como minha mãe dizia «tu não tem coração» ah pois não, pois o meu caminho eu faço sempre, não sei porquê, ele ameaçou-me com uma faca, eu grávida, pôs uma faca na minha barriga, eu disse «olha empurra, se és homem enterra, agora ficar contigo eu não fico», e não fiquei, tive minha filha e não fiquei com ele nem lhe dei o direito de olhar para a minha filha, eu não deixei ele se aproximar da minha filha, só o via bêbado caindo pelos cantos, bêbado mesmo, não comia, bebia para dormir e dormia para beber, ia chegar perto da minha filha bêbado por que propósito?, não, não deixei. Aí uma rapariga se interessou por ele, também era cachaceira como ele, juntaram tomé com bebé, e os dois andavam pela rua bêbados, um caía para o lado, o outro caía para o outro, olha que figuras lindas!, mas mesmo depois que o mandei embora ele me pastoreava na rua como se eu fosse a ovelha e ele

o flautista que puxa de faca, ele me seguia. Na altura, a minha mãe estava separada de meu pai, viviam em casa separadas e era minha tarefa levar o jantar a casa de meu pai, ele sabia cozinhar como ninguém, ele era cozinheiro de restaurante e tudo mais, e não tirou curso, nunca foi a uma escola, é analfabeto, só sabe escrever o nome mas cozinha como ninguém, mas eu tinha de levar a comida de meu pai: na altura em que ele se separou da minha mãe, ele passou um período difícil de doença, e era eu que estava ali segurando o barco, ia lá levar-lhe o almoço, ele não obedecia a ninguém, mas eu tinha maneira de falar com ele, primeiro porque ele era meu pai e não lhe ia faltar ao respeito, muita calma, dava as voltinhas, brincava com ele, fazia como com os bebés «olha o aviãozinho» e ele abria a boca, começava a dar-lhe a volta, o meu pai era jovem na altura, e foi aí que quando eu deixei o pai da minha filha ele me começou a seguir quando eu ia levar o almoço a meu pai, e me pastoreava, como eu não levava desaforo para casa, eu era daquelas «a faca entrava, o sangue descia, dizia 'empurra anda lá isso é pouco'», não levava desaforo para casa, senão ficava com remorsos, tinha de chegar perto da pessoa e conversar e com certeza eu ia dormir no xilindró, eu era assim, dormia um dia e o outro dia também, todo o dia eu arranjava uma zaragata, uma bagunça, na minha terra eu chegava num café, começava a beber cerveja e ia logo para o balcão, sentava-me em cima do balcão, parecia a patroa quando não era, eu era uma cliente, já estava chapada «agora vou-me sentar em cima do balcão e se quiser chama a polícia», e eles chamavam, lá vou eu, os rapazes já estavam tão acostumados que acabavam por dizer «dorme aí em cima do balcão e amanhã vais para casa», era assim que eles diziam para mim, era um dia sim outro dia também, o que eles não me aturaram, e olha que na minha terra eu tenho um primo que é cabo da polícia, e por causa de eu estar sempre a ir de saco ao fim da noite, ele hoje não fala comigo, quando ele passa na rua ele muda de passeio, todo fardado todo autoritário nariz empinado ele é a lei mas quando está à paisano como eu e tu: ele quando me vê muda de passeio, e um dia eu estava fodida com esta merda e lhe disse

«vem cá, eu tenho alguma lepra?, porque quando me vês mudas de passeio? não te esqueças que és do meu sangue, muda o sangue que eu quero ver, tu és meu primo!, não te esqueças disso», olha, engoliu minhas palavras, nem disse bem nem mal, abaixou os olhos e foi-se embora para casa. No outro dia, mandou-me chamar para eu ir conversar com ele na sua casa, ele disse que estava fazendo o seu trabalho e que eu pisava a linha, eu disse que meu pai não me ensinou a ser frouxa, sou quase uma maria joão da terra dos Potiguá, Shivana de apelido, uma mulher no meio dos homens pronta para tudo, ele disse «vai-te embora» e eu disse só para o arreliar «mais logo à noite estarei no posto de polícia para a gente apertar dois dedos de prosa.»

## Neste abrigo nada se perde, tudo se encontra

— Havias de ter visto... ontem parecia um circo.
— Um circo, então porquê?
— Não encontro a meia, onde está a meia?
— Vê ao fundo da cama, nas prateleiras...
— Ah, Giuliani, procura as meias, este homem põe-me fora do sério...

Quem assim fala é a Bidente, o Giuliani e eu. Estamos na Casa 4, o Giuliani procura a meia branca de algodão que a Bidente lhe deu. Tem a outra na mão. A cama ocupa o quarto todo, à volta uma parede onde estão as fotocópias de quadros de pintores famosos e uma fotografia de Giuliani personificando Cristo na cruz durante uma procissão pascal, outra parede com armários e livros e outra parede com uma estante onde está o rádio e alguns retratos e caricaturas que um amigo do Giuliani lhe faz. «Olha aqui esta do Guevara, está fixe não está? As pessoas não dão nada por ele, dizem que ele é maluco, mas olha está fixe, quero ver se encaixilho.» Disse-me isto no outro dia, agora procura a meia junto à entrada do quarto-cama, procura por baixo da cortina.
— Olha, debaixo da cama. Diz a Bidente.
— Não está, a cama não tem fundo. Ó Ru, queres fazer um charrinho?
— Está bem, tens uma mortalha grande? Não, pronto, eu uso duas das minhas e faço um l. Mas ó Bi, tavas a dizer que ontem foi um circo eheheh, atão porquê?
— Tudo começou porque o bacalhau à espanhola estava uma merda, o mastodonte passou-se, o bacalhau estava duro e sabes que a Bi não tem papas na língua... Diz o Giuliani.
— Ihihih até já lhe tinha chamado de fascista, ele ficou pior que estragado.
— Mas eu fiz-lhe frente, diz o Giuliani, ele sabe que não pode abusar, se não quiser que vá morar para os palácios que

diz que a família tem.

— E eu ajudei, meti-me à frente como um cento e doze, eu sou assim, estou tão orgulhosa do Giu... foi uma cena de ciúmes na verdade, o mastodonte viu que o Giu me pôs a mão na cintura e passou-se, deu um chapo ao Giu e o Giu ripostou com um soco, eu meti-me à frente, o mastodonte chama às gajas de vacas, ele quando me punha a manápula eu tinha medo, tenho medo dele, ando há uma semana a dizer-lhe para ir ao hospital levar com o decanoato no cu...

— É isso mesmo Giuliani, ele tem que saber que há limites, fizeste bem, tens de te defender.

— Ele não paga nada, queria que a Bi lhe pagasse a ele, quem pensa ele que é?, as coisas mudaram, sinto-me bem, o Heitor ensinou-me, foi ele quem me defendeu no Verão quando o Luís se passou, na altura tive medo, ele andava a dizer que a casa era dele, até queria alugar a Casa 4 e a 5, partiu-me a clavícula e eu fui amigo dele. Retirei duas queixas, ele ontem passou-se e depois pôs a Bi fora da 3, e ela veio práqui, prá minha beira, estou tão feliz...

— Só não consegues encontrar a meia, não te arranjo mais meias!, ah eu não posso viver aqui, passo-me com a falta de higiene, eu vi um anúncio perto do albergue, amanhã tiro o número...

— Calça já essa para não a perderes... digo eu. Viro-me para a Bidente e continuo: — Não Bi, não precisas de te ir embora, só precisam vocês os três, tu, o Giuliani e o Bola, de arranjar maneiras de todos contribuírem para o bem-estar desta casa, por exemplo, tu tratares da limpeza, o Bola ir buscar água, o Giuliani... não sei, mas vocês são muito taralhoucos, já no tempo do Speed e do Ben as meias desapareciam eheheh mas na altura a culpa era do cão, agora não sei é preciso ter mais paciência...

— Ah este homem tira-me do sério.

Eu vejo o Giuliani com um cigarro numa mão, a outra a levantar a cortina e a procurar no chão entre a cama e a parede com a prateleira do rádio. Ele está stressado porque não tem

mais cigarros e quer ir comprar. Faz tenção de calçar os sapatos sem meias e, quando pega num deles, embate no aquecedor que se vira e danifica, parte-se uma das três varetas eléctricas e os vidros caem ao chão.

— Cuidado Giuliani, olha os vidros, cuidado com os pés.

— Olha, encontrei, vou calçar esta.

Vejo-o calçar uma meia azul, a meia desirmanada que ele procurava era branca. Vejo e a Bi não porque está na sala, mas eu não digo nada senão ela irrita-se, ela diz que o Giuliani tem cultura mas está a ficar primitivo. É um pouco verdade, às vezes penso que o Giuliani se desleixa com a saúde, penso não, desleixa-se mesmo, perdeu a medicação pós-operatória há dois meses atrás, a gente até pensou que alguém a roubasse para ir vender no mercado negro mas, afinal, foi encontrada um mês depois ao fundo da cama, o problema é que o problema de pele, ao qual tinha sido operado, passou-lhe para a orelha, agora alastrou para a cara, porque ele não tomou os antibióticos na altura certa, vá lá que houve um enfermeiro na Caixa que lhe fez um penso a cobrir a cara toda, assim ele não vai lá coçar o pus.

Agora já ele calçou os sapatos, faz ideias de ir ao café buscar o tabaco.

— Espera aí Giu, olha o charro, fuma um pouco, acalma um pouco, relaxa.

Entretanto o Bola entra em casa, estamos todos a mudar a nossa opinião acerca dele, está a fazer-se à vida, arranjaram-lhe um curso de formação num centro têxtil, três dias por semana, subsídio de almoço e de deslocação, são mais algumas dezenas de euros por mês, está contente, a Bidente aproveita para me contar que o Luís quando a expulsou da Casa 3 convidou o Bola para jantar.

— Sentiu-se sozinho ihihih.

O Bola ri-se monocórdico: — Ah a conversa dele, só filmes, esteve no Afeganistão como sniper, matou o terrorista, apanhou o avião para casa, aterrou no lago e ainda acordou antes de nós, só filmes...

— E quando ele disse que foi a Madchester... ouviram

bem, a Madchester tocar quatro horas e meia no concerto de solidariedade ihihih. Ri-se a Bidente.

— Bem, Bi, sabes o que eu acho, tu estavas a dormir com o inimigo, tu dormias a dois metros do colchão dele, a imaginação dele cresceu, o teu sofá estava mesmo ali pertinho...

— Não, ele não era inimigo, ele não toma, é, os comprimidos, qualquer dia está aqui a polícia para vir buscá-lo para o acompanhar ao hospital. Mas ele, às vezes, até era fixe, tínhamos conversas interessantes, falávamos sobre sexo...

— Atão claro, interrompi eu, é o que eu digo, a dormir com o inimigo, é natural, a imaginação cresceu, cresceu.

Repito e faço um pouco de silêncio dramático para que ela perceba que além de ter crescido a imaginação também cresceu mais qualquer coisa ao mastodonte. O efeito na Bidente foi tão grande que ela disse:

— De facto, tens razão, eu andava mesmo a dormir com um inimigo, ah aquelas manápulas...

— Olha, vou-vos dizer uma coisa, vocês não se passem com ele, mas o Giuliani não foi sem meias ao café, ele calçou uma branca e uma azul, vá lá, tenham paciência, não lhe fodam a cabeça, a meia aparece. Levem na desportiva. Riam-se apenas, dormirão melhor.

Começo a fazer outro charro quando Giuliani chega. Senta-se em cima da cama em frente a mim que estou na sala, sentado na poltrona de executivo que encontraram no lixo. A Bidente e o Bola estão ao meu lado sentados em bancos. A Bidente repara na cor das meias quando ele passa e ri-se para mim. O Giuliani tira os sapatos e mostra o saco com os novos sapatos que um amigo do café acaba de lhe oferecer, estende-se ao comprido, puxa de mais um cigarro, mete-o na boca, procura o isqueiro.

— Onde está o isqueiro, alguém viu o meu isqueiro vermelho?

— Este é meu, diz o Bola.

Giuliani leva a mão ao bolso e, surpreso, olha para mim. Eu olho para a mão dele e vejo que ele tem a meia branca, aquela

que faltava, na mão. Desato a rir:

— Ahahahah olhem, o Giuliani andava à procura do isqueiro, meteu a mão no bolso e encontrou a meia ahahah o Giuliani é o maior.

— Eu sou mágico, neste abrigo nada se perde, tudo se encontra.

Agora só falta encontrar o isqueiro mas agora vou-me rir até adormecer. O riso é terapêutico.

## Oud blues

O dia amanheceu frio. O vidro da janela está embaciado por dentro. Verifico que o scanner está inutilizado porque o seu vidro, onde assenta a folha a digitalizar, está igualmente embaciado por dentro. Terei de procurar uma chave estrela, abrir a caixa e tentar limpar o gelo. Com um pouco de sorte, conseguirei não ser obrigado a comprar um scanner novo. A verdade é que o dinheiro não abunda. O quarto é húmido, virado a norte, o seu imi extra será talvez nulo, a luz é diminuta, mas permite pintar até às cinco da tarde, abro a janela quando acordo, faço a higiene, tomo o pequeno-almoço, leio informação e emails no computador e começo a pintar logo a partir das onze e meia, paro para fumar, o senhorio preocupa-se com a minha saúde, diz para eu colocar um calço no alçapão que dá para o telhado, assim estabelece-se uma pequena circulação de ar «e vc não morre intoxicado», reparo que as mortalhas se colam umas às outras devido à humidade, as capas dos meus discos de vinil também sofrem mesmo que protegidas por uma capa de plástico, estão a ficar onduladas com o frio e a humidade que entra pela janela, bateram à porta ontem quando estava no banho, era o correio com uma encomenda, deixou o aviso, tenho por isso de ir levantar os discos ao posto de correios, é o que me disponho a fazer agora, acabei de aquecer no microondas as batatas cozidas com pescada e ovo que sobrou da janta de ontem, estava excelente, é um sinónimo de liberdade poder dispensar que me cozinhem o almoço, poder fazê-lo eu mesmo sem recorrer à caridade social, pois não tenho mais de me pôr na fila dos desvalidos para almoçar de graça, permite trabalhar de manhã como fiz hoje, faço-o há três semanas, o quadro está quase terminado, falta secar, o quarto é frio, não apanha sol directo, o quadro vai demorar mais de um mês a secar, depois poderei entregá-lo ao Marco, agora saio de casa, caminho e chego ao posto de correios, sou atendido e dizem-me que tenho de esperar, o aviso diz que a encomenda estará disponível para ser levantada às duas horas, são agora uma e meia da tarde, não

vale a pena voltar a casa, entro no café ao virar da rua, sento-me, depositam-me o café na mesa e cumprimentam-me, sou já quase «cliente habitual», nas minhas costas um casal na casa dos quarenta fala com calor, em alta voz, acho que nem dão pelo exagero do volume, não está ninguém por perto a não ser eu, mesmo que o quisesse não poderia deixar de ouvir, ela fala do marido que está turistando e passa seis meses de férias no ultramar apaixonado por um miúdo que podia ser seu filho, o amigo ouve com mágoa, custa-lhe ouvir o caso e não poder fazer nada, o marido deixa a mulher sozinha em casa enquanto viaja pelo ultramar, ela sem dinheiro porque perdeu o cartão multibanco da conta dele, onde lhe caem as rendas de duas casas herdadas do pai e também o rsi que recebem em conjunto, ela diz ao amigo que faz serviço em casa da sogra e ela pouco lhe dá além da refeição take-away para o jantar e ainda lhe manda umas bocas estúpidas, ela diz ao amigo que quer morrer e o amigo que gosta dela sente-se impotente perante o caso, apetece-lhe denunciar o caso, a SS tem de saber que este cidadão português, com um nome suficiente longo e cheio de sobrenomes e apelidos para ser descendente dalgum imperador, com duas casas já herdadas, e com mais duas a caminho quando a velha fechar os olhos e deixar de pagar o condomínio de luxo onde este imperador vive de aparência com a mulher mais nova que ele, a SS tem de saber que este cidadão português não está em Portugal «de facto» a viver estando a receber rsi sem sequer procurar emprego, portanto, o amigo diz-lhe que ela tem de denunciar a miséria que está a passar, ele, o imperador gay não pode andar a colocar no face os dentes de cavalo do «maisquetudo» e passar impune, enquanto «te impede de teres os teus amigos e saíres e te divertires e o mais engraçado é que ele age como se tivesse razão, como se fosse normal trocar a mulher por um menino e ainda impor condições à mulher traída, só porque é herdeiro de pastel e tu uma pobre que caiu na sua teia!» Eu, perturbado, ouço tudo isto e olho para o relógio na parede, são agora duas da tarde e penso no que ouço enquanto me levanto para pagar e voltar aos correios, não evito olhar para o casal de amigos e reparar nela e

dizer «Que mulher linda! Quem é o homem que a troca por uns dentes de cavalo, eu hei-de ajudar-vos, não só pelo que ouvi mas também pelos ciganos, pensar que acusam os ciganos de roubar o Estado à custa do rendimento mínimo, pensar que um emigrante ou um sem-abrigo não tem direito ao rsi porque não tem morada registada há mais de um ano em Portugal e depois um palhaço imperador engana assim o Estado e a mulher... eu hei-de ajudar-vos a ficarem juntos os dois, pelo que vos ouvi dizer vocês merecem ajudar-se um ao outro, eu hei-de fazer um graffiti dizendo em letras garrafais «O imperador é rabo!» e quero ver qual é o amigo ou amiga dele que ao investigar o porquê de todo o escândalo não ficará do vosso lado, nada temais, eu hei-de ajudar-vos, agora vou receber Ahmed Abdul-Malik aos correios e voltar para casa para me deliciar com o oud e escrever esta história. A Ilga não pode dar razão ao imperador, o politicamente correcto não se pode aplicar aqui.

## Um charro de conversa entre dois amigos

— Sabe que quando eu estive com ele em Marrocos de férias, um árabe quis-me comprar e ofereceu-lhe cinquenta camelos?

— Pois eu ofereço 51!

— Ahahah, mas o imperador não aceitou... e agora, olha... imagina como eu me sinto, ser trocada por um veado, apetece-me matá-lo!

— Ele é mais velho do que tu, vocês estão casados há tantos anos… nunca reparou em nada?

— Pequenas coisas, nunca dei importância…

— Sim compreendo, além de uma ofensa à mulher, é uma ofensa a todas as mulheres… pior do que isso, só tu me desrespeitares e passares a noite, aqui, no quarto ao lado do meu, a beber o vinho que eu não te dou e a dormir cu com cu com o meu colega de casa… olha, costumam crescer-me borbulhas na testa, olha esta, é um chifre, o teu traidor tem dois eheheh!

— Não desconverses, eu gosto de ti e você gosta de mim, não precisa de ficar celoso com isso meu amor.

— Cu com cu… onde já se viu?! Não deixa de ser um bocado gay, dormir com uma mulher é nariz com nariz, aliás!, admito que só o facto de se partilhar a cama com outro homem é um pouco mais de intimidade para o meu gosto… ainda assim, eu próprio no passado cheguei a pensar que não gostava de mulheres…

— Você também?! Estou desgraçada…

— Eu explico gata, eu andava sempre chateado com elas, fazia amor e umas horas depois zangávamo-nos, não as suportava, elas pediam sempre mais do que eu podia dar e elas davam tão pouco… é verdade!, o meio meio nunca funcionou.

— O que é o meio meio?

— O meio meio é a democracia como eu a vejo. Dar e receber, na justa medida, em partes iguais. Chego a pensar que é utopia, ainda assim, o amor é um fim para mim e não um meio, a utopia pode ser uma ficção mas não quero deixar de lutar pelo

que acredito.

— Faz um charro querido!

— Porque estás a tremer com a perna? Sabe que quando a sua perna treme há um terramoto na Austrália que mata os cangurus todos?

— Ahahah!, olha, é tique, quando eu cruzo a perna balanço-a.

— São nervos. Tem de aprender a relaxar…

— É nada… apetece-me matá-lo!

— Olha, duas coisas que vejo em você que estão mal: os nervos na tua perna e o outro, mais grave, o facto de você querer um homem que te acabe com a vida, que te dê um arraial de porrada que te leve desta para pior… tu procuras um suicídio por intermédio de um homicídio…

— Tens razão, eu sou católica, a igreja condena os que se matam, eu não tenho vontade de viver, apetece-me matá-lo!

— Não! Ele não vale isso, ele não vale nada!

— Eu também não…

— Lembra-te do teu passado, foste violentada em menina, e tiveste a vingança que ninguém te podia tirar, foste condenada por isso, sofreste mas pagaste a tua dívida, tu vales mais do que ele, compreendes? Tens de fazer duas coisas: o tremelicar da tua perna é semelhante ao desejo que tens de morrer, pois eu sugiro, tu gostas de dança, tens de arranjar umas aulas e libertares toda a tua energia corporal, até à exaustão, na dança, quanto melhor te libertares melhor dançarás e mais o público te dará atenção. Quanto a ele, não tens de matá-lo, ele não vale as consequências do teu acto, tu queres uma briga, então o que tens de fazer é vingar-te, mas sem armas, usa as mãos, o corpo, a tua arte marcial, manda-o para o hospital com uma perna partida e a boca arrebentada e mais nada. E, acima de tudo, divorcias-te dele, ganhas a tua confiança na dança e tocas à minha campainha sempre que me queiras ver <3

— Ele não me quer dar o divórcio…

— É natural, sei de quem engenhou um internamento hospitalar para não poder comparecer em tribunal para assinar

os papéis e a separação de bens, mas no teu caso o que ele quer é manter a hipocrisia, tanto quanto dizes é que não há bens… o filho já sabe? E a mãe?

— O reino pertence à mãe dele, a mãe pô-lo fora de casa e ligou para falar comigo. Toma…

— Minha amora, é isto que você me deixa, eu pus-me a falar e tu fumaste quase tudo, deixa-me abraçar-te…

— <3

— <3

— Tá bom, estou-me a sentir apertada, já chega, volta para o teu canto agora.

— Olha que eu te compreendo, mas quando eu te aperto nos meus braços não é para te fazer mal, é para te proteger, para te dar calor, carinho, compreendes?

— Sim, compreendo mas vamos mudar de assunto, vamos sair, beber uma cerveja?

— Ok, vamos ao paquistanês, eu aproveito para comer qualquer coisa.

## Competência, um caso bicudo

Era um home tão competente
que inaugurava sempre o marcador
ela prometia o segundo round que lhe daria o empate
mas ficavam a discutir o aluguer da lua
e o presente nunca chegava
um dia alugou a língua
com o proveito escreveu anúncio pedindo
«madame sem dentes para durar até aos cento e vinte dando presente
ofereço três castelos uma língua e quatro continentes com muita terra para cavar batatas
comida pralá de quêbê e a lua como condomínio de luxo privado para amigos ocasionais»
ela concorreu ao emprego e doou os dentes
ele teve direito ao empate diário de lei
montaram um negócio de tuktuks com serviço de gelados gourmet em sistema de franchise
venderam a ideia a um cientista expatriado em Killarney
tiveram uma quinta de porcos para o fumeiro
e as batatas alimentaram a prole
felizes para sempre

## E saiu de casa para comprar um burrofone mais inteligente

Hoje saí de casa de manhã e fui comprar o meu tabaco de enrolar, com o troco tomei o pequeno-almoço no café. Depois cheguei à ilha e dirigi-me a casa do Benjamim, lá encontrei igualmente o Bola. cumprimentei ambos e virei-me sorridente, quase hilariante para o Bola e disse-lhe:

— Atão Bola, estás vivo? ainda bem que estás vivo, nem imaginas o que disseram de ti, olha que o estrumpfe dos states e o quim da coreia do norte planearam uma conspiração para te enviar um míssil num drone pelo cu acima?!, nem imaginas... estás vivo! Afinal, ouvi dizer que ontem fugiste com o ouro!

— Queres um cigarro, Ru? Eu dou-te um cigarro.

Aceito o cigarro e fico contente, Benjamim está calmo, ontem estava com ganas de esganar o Bola, afinal levantaram-se às cinco e meia da manhã, para ir levantar a reforma e a metade do subsídio de Natal mas esperaram até às seis e meia à porta da caixa multibanco. Nada, ainda não havia dinheiro, decidiram voltar para casa, mas, antes das sete, o Bola voltou a sair e disse que já vinha, mas não voltou, e o Bola devia dinheiro ao Giuliani e ao Benjamim que por sua vez deviam dinheiro ao Adriano e à Bidente que por sua vez é conhecida por se vangloriar de ter sido a maior ladra de Amesterdão e que ganhou a alcunha de Bidente porque um dia resolveu fazer olhinhos a um traficante à frente do companheiro, só para que ele lhe desse uma de borla e o companheiro partiu-lhe os dentes todos, ficaram só dois, daí a alcunha, além disso tem cara de bruxa, anda agora a infernizar o Giuliani que passa frio na cama porque ela lhe rouba os cobertores e a ganza além de se suspeitar que lhe roubou os antibióticos para os vender... é complicada a comunidade a que eu pertenço por afinidade e vizinhança, hoje o Benjamim dizia que o Adriano quase que esteve ontem para entrar num táxi e ir buscar o Bola ao Bairro das Lagartas, arrastá-lo pela bochecha e dizer-lhe «anda para casa, paga o que deves conho», a própria Bidente afirmava que o Bola era um perigo em qualquer casa

porque era toxicodependente, mas hoje o Bola estava sorridente, ofereceu-me um cigarro, pagou as dívidas, deu vinte euros ao Adriano por umas sapatilhas e saiu de casa para comprar um burrofone mais inteligente do que o seu actual. Quando ele saiu, virei-me para o Benjamim e disse-lhe:

— Afinal estavam tão alarmados, ele nem gastou muito, pagou tudo e ainda tem dinheiro para um espertafone! Bem vou para casa fazer o almoço, até logo.

Vim para casa, fiz o almoço e pus-me a ler, continuando a leitura de «O idiota» de Dostoievsky, o que eu tenho a dizer é que a personagem principal, supostamente, um idiota recuperado é na realidade a pessoa que mais calma e inteligência apresenta no livro até ao começo da segunda parte, chega a dizer a um palhaço qualquer coisa como «era idiota, mas fui tratado, e estou curado, e já não me sinto idiota, por isso trata-me com respeito, senão vira à direita e eu à esquerda». é certo que o idiota assim o era por causa da epilepsia que era tratada com métodos hoje considerados antiquados, é certo que o idiota ganha uma herança que torna muito mais fácil a sua recuperação, de qualquer modo e para terminar que estou com vontade de fumar... esta história é uma fonte de orgulho, é quase um manual de sobrevivência, é uma inspiração, um grande livro. Disse.

## O fantasma escritor e as donzelas de Santo Domingo

— Iá meu, tenho uma história para te contar, é o guião de um filme que que eu ando a escrever e então é assim, o filme é sobre… uma donzela é levada ao colo durante dez segundos, depois começa a espernear e diz para a porem no chão e então ele põe-na no chão, ela levanta o dedo e diz «mais una mais una», levanta o dedo e diz «mais una mais una» e ele diz «não mais não mais não mais» e ela diz «mais una mais una» e continua a levantar o dedo, ele diz «não mais não mais anda anda anda» mas ela diz «mais una não vou não vou mais una não vou mais una» e ele diz «anda anda mais uma não anda anda» ela diz «não mais una» e ele diz «não!», então ela dá meia volta e volta para trás, ele tem o saco de compras dela na mão e vê-a voltar para trás, afastar-se dele e vai-se embora, fartou-se, então ele vai e ela vai beber mais uma e ele volta para trás pronto, ele volta para trás com o saco dela. Parte um, primeira cena. Segunda cena é o interlúdio em que ele vem a passear o saco dela na direcção do autocarro, entretanto ela liga. Terceira cena, «Ah pá, onde estás?», «Ah, estou, estou no autocarro», «Então, achas bem o que fizeste?», «Fartei-me!», «Pronto Xau aí.». Cena seguinte, ele chega a casa «foda-se que cena, vou masé comer, oh num tenho fome tenho tenho num tenho fome tenho tenho não como nada vou fazer um charro», fumo o charro e ela liga, cena seguinte. «Onde é que estás?», «estoy a beber una cerveza», «pronto, fixe pra ti», «estás zangado comigo?», «Não baby claro que não», «tengo tengo que ir buscar meu saco, não puedo deixar las minhas cosas, preciso delas», «está bem, traz cerveja», «não, compra tu cerveza», «num tenho dinheiro num bou sair de casa estoy cansado, o super já fechou, nenhum café me vende cerveja a esta hora, quando chegares dá um toque», «não, vem-me vem-me buscar», «não vou nada», «vem-me buscar», «não vou nada» «vem-me buscar» «não vou nada»…«pronto io vô praí», «está bem mas traz cerveja», «está bem, eu trago, até já». Cena seguinte, «oh, vou masé comer que estou cheio de fome e

ela também há-de estar quando chegar, vou prá cozinha, tiro o tacho, meto azeite, escolho as cebolas, as cenouras, os bifes de peru para grelhar, o arroz, faço tudo, mas ela está a demorar, ela nunca mais chega, é melhor mas 'pera aí, antes de lhe ligar deixa, deixa pôr a cafeteira no fogão para passar tempo, já passou meia hora, ligo para ela: então ondé que estás?», «Ah, estoy em Batalha, aqui estar fixe!», «Está bem, quando vieres para cá dá um toque», «estar bien», «vem vem-te rápido que a comida está pronta, vem jantar, tenho jantar feito pra ti, não te demores», «estar bien estar bien vou já praí mas olha, encontrei um ciego», «um cego!, sim ondé que estás?», «ahora estoy en san bento, estoy descendo», «encontraste um cego», «si, ele está interessado em mi, quer beber una cerveza comigo», «o quê?!, mas pra ondé qu'ele vai?», «não sei, habla com el». Cena seguinte, o cavalheiro a falar com o cego ao telefone, «Quem é você?, pra ondé que vai?», «e você quem é?», «eu sou o irmão dela», «ah o irmão da amiga…», «então e você vai para onde?», «ah eu para Gaia beber uma cerveja com ela, dar um passeio com a sua irmã», «a sério?!», «sim sim é verdade», «tábem, passe o telefone à minha irmã», «olha, tu vais levar o cego à paragem do metro e depois vens embora, voltas para trás, estou à tua espera, o comer está feito!», «estar bien amor mio vou já praí estar bien». Cena seguinte. «foda-se vou masé comer estou cheio de fome ela nunca mais vem, a comida está a esfriar, vou masé comer os meus bifes de peru, o meu arrozinho de cenoura e ela quando vier, se tiver fome aqueço no microondas». Cena seguinte: «hmm o bife está mesmo bom!, estava cheio de fome hmm, agora a seguir o café de saco é que é». Cena seguinte, «'Tou, ondé que estás?», «ah encontrei una amiga espanhola, a sério, ela quer um gelado, vou praí com ela», «mas vê se vens a tempo senão depois não tens transporte…», «estar bien estar bien», «olha ficas aqui a dormir», «não não eu vou mas depois… compra la cerveza pra mi depois yo pago», «não compro nada não vou sair de casa estou farto não quero saber já comi tens a tua comida a esfriar…», «pronto pronto mas ela quer hablar contigo», «tou, hablas espanhol?», «oui oui claro quê hablo», «ok tá tudo», «olha não

precisas de gelado tens aqui comida boa», «mas eu quero comer um», «ok passa o telefone», «hola amor mira eu vou já para aí, posso levar mi amiga?», «podes claro que podes sim sim traz traz». Cena seguinte: «oh, vou masé dormir, estou cansado de ler o livro, espero por ela deitado, espero deitado, espero que a coisa aconteça deitado e se ela não vier estou a dormir». Cena seguinte, o telefone toca, é a donzela: «tou amor?», «ondé que estás, estou à tua espera», «gostas de mim?», «gosto gosto, estou a dormir, estou à tua espera, quando vens para aqui?», «mira encontrei o Osvaldo!», «o O?!, não tragas o O, não o quero cá, não te deixo entrar com ele!», «não não ele não vai, é só acabar mi cerveza e vou praí com a minha amiga espanhola», «ok ok». Cena seguinte: fim. O que é que achaste?

— Ã?

— O que é que achaste?

— Ã? Ai cortei-me!

— O que é que achaste da história?

— Gostei gostei, eu acho que já vi essa história em algum lado…

— Onde é que ouviste?

— Tenho as minhas fontes, acho que foi num blogue, a história continua, não acaba aí e também gosto do final…

— Qual final?

— Ora... o final. Não contaste até ao final...

— Então conta aí!

— Não me recordo das palavras exactas, vou fazer perífrases mas a donzela trouxe a amiga, afinal não era espanhola era de Santo Domingo, naquela ilha para onde vão os finalistas de curso ou os casais em lua de mel. E para que não falte a referência musical aos Tuxedomoon, também a donzela de Santo Domingo pergunta por «blanca», cocaína para comprar nas redondezas, o cavalheiro pergunta-lhe a idade e ela diz «yo tengo un valor» e ele pergunta «quantos dólares quantos dólares só quero saber não significa que queira dar-tos» e ela responde que não quer ser insultada, a donzela que trouxe a dominicana acaba por se virar para o cavalheiro e diz «passaste no teste, eu

só queria ver se eras capaz de fazer amor com outra, por isso ta trouxe.» E ele diz «não gostei do teste, não voltes a repetir», ela diz «vem-te cá», ele vai e começam a beijar-se, a dominicana está já deitada na cama, não tem blanca e diz para abrir a janela porque não suporta o cheiro do haxe, acaba por se pôr a dormir, ronca prá mundial. O cavalheiro e a donzela deitam-se ao lado dela na cama e fazem amor enquanto ela ronca. Fim. Gostei da história, foste mesmo tu que escreveste?

— Sim este guião fui eu que escrevi, sou o fantasma escritor…

— Um fantasma escritor?! Mas o que é um fantasma escritor?

— Um fantasma escritor é um «escritor» que escreve histórias para um fantasma, é o contrário do escritor fantasma, esse é um fantasma que escreve histórias para um «escritor».

— Ah, não foi num blogue, já sei onde li a história, foi no jornal O Excândalo…

— O Excândalo ahahah!

— Ahahah O escândalo, sim, foi no dia das mentiras.

— Ah agora partiste-me o coco a rir ai cortei-me!

E então o fantasma escritor depois de desinfectar com água oxigenada, coloca um penso na ferida feita pela lâmina de barbear, desliga a luz do espelho e vai preparar o pequeno-almoço. O dia está cheio de sol com vinte e oito graus, está um tempo óptimo para observar pássaros.

## It’s just a burning memory

O dia acordou às oito e meia. O sol voltou. O fim-de-semana nas Flores correu bem: foi produtivo, a interacção com as gentes foi agradável. O Marco aprovou o quadro, vai-mo pagar às prestações, à medida que vai ganhando os seus trocos a tocar o realejo, ontem levou um galo branco, tipicamente francês, para fazer companhia ao papagaio e ao canário e também para soar surreal ao som da melodia da amélie que sai do realejo, as pessoas que passam riem-se agradadas com o cantar de galo, deixam moeda e dizem que se fazia um bom churrasco. Mas isto foi ontem, Hoje acordo com o sol e cheio de moral, saio de casa, entro no metro e quase que saio nos Aliados, mas lembro-me que tenho de comprar tabaco e mortalhas, saio em São Bento, caminho e gasto oito euros e sessenta, terei tabaco para cinco dias. subo e dá-me vontade de mijar, entro na pastelaria e aproveito e tomo café, continuo a subir e entro numa loja de pintura, enquanto escolho os tubos certos de óleo, recebo o telefonema dela, está feliz, combinamos encontrar-nos mais tarde, compro também um caderno A4 para iniciar a nova série de desenhos em Derza, pago e volto para casa de autocarro porque tenho de passar no minipreço, preciso de manteiga de girassol, guardanapos, compro um pacote de bolachas de água e sal, lembro-me que tenho de ir pagar a conta da água, estou com medo da conta da luz, os cabrões se eu não reclamasse queriam roubar-me na última factura, esqueci-me de comprar sabão, chego a casa, pouso o saco das compras e saio de novo para ir pagar a água por multibanco, vou pelo caminho fora e levo a mão ao casaco, reparo na carteira de mortalhas, mas não consigo apalpar o maço de trinta gramas de tabaco, devo tê-lo deixado em casa, tenho de comprar pão, pelo sim pelo não vou comprar um litro de cerveja enquanto o multibanco está a ser utilizado, pago finalmente, regresso a casa, procuro o tabaco, não o encontro, procuro novamente, continuo a não encontrar: «FODA-SE! Perdí o tabaco, tinha tabaco até Domingo, que palhaçada, andas tu a dourar ao sol de Abril para ganhares uns trocos e te sentires

contente por o teu trabalho começar a ter aceitação e perdes-me o tabaco, ganda nabo!, pareces rico.»

«E não é que perdi o tabaco mesmo...»

## Um discurso no jantar de Domingo

Nem sei por onde começar, Acho que tudo começou no dia internacional da mulher, na Quarta-feira. Resolvi esmerar-me e preparar-lhe um bom jantar, com aquele menu que ela tinha sugerido, houve cerveja e café, houve até saída para um bar. Despedimo-nos nessa noite, ela tinha compromissos bem de manhã cedo, eu tinha de me deitar também porque, na realidade, estou a entrar na idade cota ou a cota de pdi já é elevada na existência que levo e, portanto, para mim a noite é para dormir (ou para pinar). Não havendo dela disposição para voltar comigo para minha casa, não estando eu prevenido com um preservativo no bolso para irmos para algum quarto de hotel, querendo ela ficar a terminar a cerveja, eu decidi-me a regressar sozinho a casa no autocarro da madrugada, um pouco frustrado é certo. Trocámos uns beijos apetitosos e combinámos para o dia seguinte.

No dia seguinte, acordei tarde e cansado, nada fiz de produtivo, esperei pela hora de a ver, nada, não houve comunicação, o telemóvel tocando e nada, desisti e desliguei, pensei que, no fundo, eu também não estava em condições de estar com ela, e por isso ela também não ligar ou não atender o telemóvel acabava por até ser uma opção pragmática, afinal ninguém tem uma morte súbita por falta da dose diária de beijinhos, mas ainda assim pensei que algo se tivesse passado de fora do normal, visto todos os dias falarmos pelo menos uma vez.

Só voltamos a falar na Sexta, ela explicou-me que passara o dia de Quinta a dormir, faltara a todos os compromissos e ficara a dormir, depois de eu a deixar sozinha a terminar a sua cerveja no bar tinha conhecido alguém que a convidara para um copo fora de horas, e ela aceitara, por isso pedia desculpa. Reparou igualmente que eu fiquei macambúzio e perguntou se eu estava zangado com ela, eu disse «não, não estou, só acho que não aproveitas quando estás comigo, queres sempre mais um copo e acabas por não cumprir com os teus compromissos além de mim, há aqui um padrão.» Ela diz que eu tenho razão e que

«agora hoje o meu telemóvel recebe sms como se eu fosse uma prostituta!, tenho de facto que mudar de posição» «sim, agora resolve os problemas que te surgem durante a noite!»

Desliguei, mais frustrado do que zangado, afinal o padrão mantém-se, ela prefere beber a pinar, não adianta muito ser romântico e planear um programa «com jantar à luz de vela, no final com romance ou sem ele, ficas a ver os navios passarem no cais.» Ou seja, estava frustrado como se não soubesse o que a casa gasta. Mas comecei a ficar misógino no meu pensamento, quando somei dois mais dois e deu cinco, porque ela disse-me que tinha ido com a amiga beber noutro bar e depois apanharam um táxi para o quinto dos infernos (por tão longe ser) mas também me disse na mesma conversa que tinha encontrado nessa noite um antigo rival meu, conhecido na praça por oferecer bebida, algo em que me bate aos pontos, quero dizer, ele tem simplesmente condições que eu não possuo. Portanto, tornei-me misógino em pensamento, porque «afinal ela foi beber com ele, diz-me que bebeu com uma amiga, faltou aos compromissos, não pinou comigo, não vale de nada fazer a minha parte no negócio, o amor não passa de um negócio!»

Passei Sexta e Sábado a ouvir música, Sei Miguel e Bernardo Devlin, um lp e um cd, música feita e editada em Portugal por músicos portugueses, música mais do que portuguesa, música com um som universal, música que transcende a nacionalidade mas na qual eu sinto orgulho de ser feita por «gente da minha terra», música que tem um som que eu quase transformo em banda sonora para os meus pensamentos, música que me faz pensar «eu tenho a minha riqueza, todos estes discos têm memórias para mim, digo que o meu passado está enterrado, mas toda esta música me evoca fantasmas, ou me evoca situações em que não preciso de mais ninguém, estou bem só, eu e a minha música, ela é-me fiel, ela não me troca, ela não me exige nada, ela vem quando eu a escolho da minha colecção, ela vem, o som sai das colunas e uma memória surge, uma memória que me preenche, eu hoje à noite vou assistir a um novo concerto de Pop Dell'arte, espero que ninguém do meu passado apareça para

me foder o juízo!»

Foi assim, ao som de música editada pela Ama Romanta e pela Ananana, que eu preenchi dois dias de misoginia transformando-se rapidamente em misantropia, a música tem esse efeito, isola-me, fecha-me no casulo e deixa-me a pensar que não preciso de falar com ninguém, de resolver mal-entendidos. Fui ao concerto mas saí a meio, não estava afinal bem, a música era demasiado social, demasiado pop, popular, festiva, era afinal a celebração do regresso da banda a Derza. Mas eu não estava com o sentimento certo, estava misantropo e associal sem ser ofensivo, pelo menos pensei isto até um tipo do meu passado me encontrar e me cumprimentar, foi aí que eu de facto cortei a conversa, dizendo que «ia dar uma volta». Senti-me incomodado na minha solidão e pensei «se queres estar sozinho fica em casa não gastas dinheiro e ninguém te incomoda ao tentar falar contigo!» Vim-me embora a meio do concerto.

Ontem, Domingo, estava combinado que iria almoçar com a minha família mas como dormi mal, acordei de manhã mais cansado do que me deitara. Acabei por, ao meio-dia, ligar ao meu pai para me desobrigar do almoço «e se poderia ir jantar aí». O meu pai disse-me que assim seria «só nós os dois e a tua mãe, vem almoçar, mesmo que chegues tarde, as tuas irmãs e os meninos também vêm.» Eu desculpei-me dizendo que tinha acordado há pouco, ainda tinha de tomar banho e fazer a barba e que me doía a cabeça. O meu pai aceitou e eu adiei o almoço para o jantar. Saí de casa e fui comprar pão. Voltei e fiz quatro sandes de ovos mexidos, passei a tarde a ouvir o «your funeral my trial» do Nick Cave e a ignorar as mensagens que ela me enviava, saí de casa ao fim da tarde, apanhei o autocarro para casa dos meus pais.

Ao jantar, falei da novidade boato do dia, os gémeos do Ronaldo e disse «Se daqui por uns anos o Cristianinho se virar contra o pai eu não me admirarei, ele diz que muitos meninos não conhecem ou não têm pai ou mãe, e diz que o seu filho tem a avó, as tias, etc, certo!, o filho do Ronaldo não chora por falta de brinquedos, nem por falta de comida, nem vive num mundo

em guerra, não lhe falta nada, mas, se calhar, talvez lhe falte tudo, uma mãe, mesmos os filhos que já não têm mãe têm pelo menos uma memória, uma fotografia, um nome, o Ronaldo não tem uma mãe para dar ao filho dele... estas coisas entre gente rica abafam-se às vezes, basta um cheque ou uma viagem de estudantes paga como compensação... mas não me admiraria se o Cristianinho se zangasse com o pai um dia...» «Pois é,» diz a minha mãe «tens razão, o menino precisa de uma mãe...» Eu, embalado pelo discurso e sentindo um peso libertar-se de mim ao falar, ao proferir palavras e sair do meu casulo, lembrei-me de outro assunto de noticiário e continuei a discursar, desta vez sobre o milagre de Fátima, disse-lhes que há cem anos previram através de notícia no jornal o milagre, dois meses antes de Maio, e disse-lhes que bastou irem mil devotos em romaria por estradas que na altura não existiam, chegarem à Cova da Iria, olharem para o céu, e nada verem... disse-lhes que a igreja arranjou três pastorinhos e os meteu depois no convento, isolados do mundo, disse-lhes que a irmã Lúcia disse em 1945 que Salazar era um enviado de Deus, disse-lhes que Fátima era um embuste e que a igreja era fascista, disse-lhes que eles, os meus pais, não tinham culpa, já tinham nascido com aquilo «talvez até o avô tenha lá ido de burro...» A minha mãe riu-se e disse «o avô não tinha burro!» «Pronto, de bicicleta, ele andava de bicicleta, foi tudo uma invenção dos jornais!» O meu pai disse «tens direito à tua opinião, mas não podes estar aqui a fazer campanha contra coisas em que nós acreditamos, porque criticas no teu discurso a igreja e não os radicais do islão?, alguma vez a igreja te fez mal?», eu respondi que a igreja não me fez mal, só acho que é hipócrita, e há muita gente a aproveitar-se dos chamados milagres e falei dos mil euros por um saco-cama, falei de quem vende tubos «com ar de Fátima», falei do ouro nazi do santuário e depois falei na constituição portuguesa, disse que somos um estado laico, que devemos respeitar todas as religiões e não favorecer nenhuma e disse-lhes que não posso falar do que não conheço, que fui educado num meio cristão e que só depois de resolvermos os nossos problemas é que podemos ter alguma au-

toridade para «meter o bedelho no assunto dos outros» O meu pai não ficou muito convencido com o que eu disse mas o jantar foi pacífico e eu desabafei.

Desabafei e, hoje, ganhei coragem, voltei a falar com ela e fizemos as pazes, afinal o cinco era imaginado, a soma tem, na realidade, o quatro como resultado, ela explicou-me que deixara o meu rival plantado no bar no outro dia, no dia em que este relato começou, e que não me tinha trocado por ele. E eu fiquei aliviado, o amor é assim, voltei a sentir-me seguro, o céu voltou a ser azul, o amor, para mim, é sempre assim, um turbilhão inconstante: nuns dias sinto-me um anjo conquistador e noutros dias um chifrudo do inferno. O que me vale é que o processo de oscilar entre estes dois sentimentos é agora mais suave, os danos são já reduzidos, nesta vida tudo passa, e a minha amiga gosta de mim, tem o seu feitio peculiar, é deslumbrante sem ser top-model e, acima de tudo, não é má para mim: isso faz toda a diferença.

## O Adaga e o Osvaldo e nós

Ó meu filho, a concorrência é grande, tu perdes, «é isso que já pensei mas sei que no fundo gostas de mim», olha como ele é convencido, «porque eu faço por gostar de ti, se eu não gostasse de ti... já tive muitos motivos para rescindir a nossa amizade e não, eu voltei atrás, os amigos também se zangam mas não é por isso que...», mas tu sabes que és meu amigo, você é meu amigo, mas tem às vezes... segundas intenções, «eu queria transar», eita olha o palavrão, corta. «Quem é a morte?, se calhar sou eu» O outro diz que eu sou chave de cadeia, sou terrorista, e eu pensei, vem cá, mensageiro da morte, eu pensei: se eu sou terrorista, tanto mato como morro, eu não sou boa coisa, «ele te chama terrorista porque tu não és convencional, tu és diferente das mulheres com quem ele casou, as mulheres dele só não o mataram porque senão iam presas e tu és diferente», eu já aguentei muito, aiai lá vem eu «de pistola na mão» pois se toda a terrorista fosse como eu não havia morte, eu não mato ninguém coitada de mim, agora na hora da raiva acontece muita coisa e o que eu digo gosto de cumprir, agora tenho de pensar duas ou três vezes, ah agora me fez lembrar o outro e a trança que o veado me fez, coitado do Osvaldo, aquilo é que foi um filme, eu vou te matar, uuui aquilo é que foi um filme mesmo, coitado do Osvaldo, saiu, foi-se embora num disparo, parecia que ia perder o comboio, vê lá, eu só armo confusão, por isso é que prefiro estar em casa e não sair para lado nenhum, o Adaga me telefona e convida-me para jantar em casa dele, disse que o Osvaldo ia fazer o jantar para os três, o Adaga tratava do vinho e da cerveja, convidou também uma amiga dele, ele disse que ela estava curiosa para me conhecer, ele falava muito bem de mim para ela, até que lhe deu o meu número e ela até me telefonou, eu atendi e ela disse que estava curiosa por me conhecer, que o Adaga lhe falara muito bem de mim, falámos de outras coisas particulares e privadas do agora nosso amigo comum, e eu tudo bem, «na curiosidade ela te queria conhecer, faz-me lembrar o meu caso com o senhor falcão, um dia ainda te hei-de contar,

ah ah os Xutos do início com o seu general Custer, sim mas tem respeito pelo atitude do «pequeno grande homem» quando se encontrou na tenda do general Custer na noite da batalha...», você tá falando me'mo de quê mesmo hein?, «dum filme de Arthur Penn e do senhor Falcão e de mim, da curiosidade...» ah ok portanto, o Adaga convidou ela e eu disse: tem cerveja?, é que se não houver cerveja eu não vou. Ele disse que estava já resolvido esse assunto. Eu vou por fim jantar em casa dele, o Osvaldo está fazendo a janta, eu estou fumando, tenho o cabelo solto, até aí estava tudo bem, conversam um bocado comigo, dizem que eu desapareço e não ligo, não atendo o telemóvel nem respondo às mensagens e o mais... essa conversa e eu... olha pá, estou dando um tempo sozinha, quero estar no meu refúgio quietinha, falar com ninguém, ver ninguém... estava a dizer-lhes isto quando o Adaga... eu estou sentada, a janta está pronta, todo o mundo está já reunido para jantar, o Adaga vai e pega no meu cabelo e começa a penteá-lo, ele começa a pentear o meu cabelo e a fazer uma trança no cabelo, até aí tudo bem, o Osvaldo olha para ele, ele olha para o Osvaldo, aí de repente o veado manda uma boca, o Osvaldo olha para ele como se matasse oito, aí o veado se aproxima do Osvaldo que lhe dá um murro, o veado prensa o Osvaldo entre a porta e a pia de lavar a louça, põe a mão no pescoço dele que fica ali fodido, sem respirar, prensado sem se poder mexer para um lado ou para o outro, tinha a porta né. Eu acabo por ir lá, atravesso-me no meio, e em vez de um ou outro tentar dar um soco, eu estou no meio e quem leva sou eu, aí, eu apartei a briga, e foi quando o Osvaldo saiu porta fora que parece que ia perder o comboio, nem jantou, ninguém jantou, bem... jantei eu, ah pois! eu fiz a festa, bebi o vinho pelos três, tomei a cerveja toda e dormi lá, não vou dizer que não porque sim dormi, nunca mais vi o Osvaldo porque roubaram o meu telemóvel, o Osvaldo saiu do meu «face» e eu perdi o contacto com ele, nunca mais me ligou, foi desde esse dia, fiquei lá em casa toda a noite e se calhar o Osvaldo ficou à espera que eu saísse também, não não não ficou nada à espera, eu não marquei de ir embora, eu fiquei lá para jantar, acabei de jantar, a

conversa estava interessante, tinha vinho e tinha cerveja, fiquei na conversa, não havia mais transporte, fiquei lá, a amiga dele também ficou, dormimos os três na cama, eu fiquei na beira, eu só sei dormir na beira, ele ficou na outra beira, a amiga ficou no meio, mas a minha sorte é que ela não curte mulher, olha foi a minha sorte. O Adaga é muito esquisito, o Osvaldo pensava que ele queria comê-lo, o Osvaldo tinha às vezes receio quando lá ia a casa e afinal, o Adaga disse-me depois, eu gosto de dar nela e não de levar nela, ele é adaga e não agulha, compreendes?, e afinal o Osvaldo gostava de mim, nunca mais o vi, tenho pena.

## O senhor Falcão e a curiosidade

Aqui há uns anos, estava eu no rendimento mínimo e a morar num quarto sem acesso a cozinha, ia por volta do meio-dia à Rua das Cordas buscar o meu taparuere de comida social e comparticipada, aliás dois, um de conduto e outro de sopa, por um euro, tomava um café no café que se tornou habitual onde podia ver o futebol e falar com turistas. De vez em quando falava com pessoas novas, que apareciam e metiam conversa, falava com eles, fumava, bebia o café, estava lá um pouco mais de tempo e depois vinha para casa, comia a sopa, aquecia a sopa no microondas. Geralmente depois voltava para o café para um segundo café e ficava lá até às onze ou então vinha mais cedo para casa e punha-me a ler um livro antes de dormir. Basicamente esta era a minha vida. De manhã, acordava e costumava ir a uma pastelaria tomar o café e um bolo e com a ideia de ler o jornal, tentava ler o jornal, nem sempre conseguia porque estava a ser lido, estava lá, depois vinha para casa ou andava ali pela zona, não tinha passe de transporte público, tinha que andar a pé, era assim que eu fazia, na altura estava a começar a voltar à pintura depois de alguns anos parado, anos em que tinha feito outras coisas, outros objectivos, outros entretenimentos, outras coisas mais importantes também, uma pessoa com quem as relações tinham terminado, contrato de trabalho não renovado, mudança de casa dos pais para alojamento próprio, sujeição a quartos sem qualidade e a vizinhos sem motivos de interesse, vizinhos que só te puxam para baixo, sujeição porque quem fica sem emprego não pode pagar a renda de uma casa inteira... estava a voltar à pintura que era a única coisa que eu tinha que achava poder apresentar ao mundo... a minha vida era muito básica, estava no rendimento mínimo, uma prestação social, duas palavras com uma carga não metafórica mas muito estigmatizante, a gente às vezes não aceita um trabalho porque tem medo de perder o rendimento mínimo, porque o trabalho correu mal, a gente vem para a rua e a gente fica sem nada porque nos cortaram o rendimento mínimo, isto quando há contra-

tos oficiais e não contratos só falados, só de boca, muitas vezes os contratos são temporários, de um ou dois meses, a gente perder o rendimento mínimo por um contrato de dois meses, às vezes ao fim de quinze dias, mesmo ao fim de uma hora a gente perde o contrato porque fez qualquer coisa de errado, o patrão não gostou e mandou embora. Então, às vezes não se procura trabalho, deixam-se as coisas andar. Não será a melhor maneira de viver a realidade laboral ou a realidade de procurar emprego mas acontece a muito boa gente o desistir e conformar-se e tentar viver com o mínimo que tem ou que lhe dão. Resumo: estava no rsi, comia na assistência social, e passava o meu tempo no café ou na rua vendo os turistas que passavam, pintava nos entretantos, lia para me entreter, era assim que eu vivia. Nestes dias era novo na zona, tinha ido para lá há dois meses, era relativamente novo e não conhecia ninguém, vivia das pessoas que ia conhecendo, com quem fazia contacto no café ou na pastelaria. Foi deste modo que conheci o senhor Falcão, também aparecia com livros na mão, a ler e nós acabámos por fazer contacto. Começámos a falar de livros, ele muito interessado em ouvir-me falar de livros e para mim, que sou uma pessoa que nem sempre tem os melhores ouvintes ou nem sequer ouvintes tem, poder falar de coisas além do futebol, poder falar de livros, para mim é bom poder ter uma conversa num café sobre os livros que estou a ler ou os livros que li, tirar ideias e receber ideias vindas de dentro dos livros, até o meu cunhado, que poucas vezes lê e quase só lê Tolkien, ou desse género, foi capaz de transcrever com palavras suas uma frase que leu: num livro um leitor vive uma vida imaginada e pode fazer da sua vida o que quiser... vim a saber que o senhor Falcão era psicólogo ou tinha sido psicólogo, dera aulas em universidades ou institutos, agora por acaso acabou por me dizer que também estava no rendimento mínimo, ele era mais velho que eu, cinquenta e poucos, também era um leitor ávido, falou-me de Kierkegaard, ficou muito pasmado por eu estar a ler no momento Gilles Deleuze em inglês, o anti-édipo, nunca consegui arranjar a tradução em português, quando a vi custava trinta euros, ele disse-me que a tinha ar-

ranjado em livro usado com um super desconto porque lhe faltava a última página, fui uma vez a uma livraria que já não existe e encomendei, eles tiveram que mandar vir do distribuidor em Espanha, demorou dois ou três meses mas eu consegui lê-lo em inglês, ele estava espantado, eu falei-lhe que o estava a ler também para me conhecer melhor, para conhecer melhor o que se diz sobre a esquizofrenia, cheguei a comentar que Deleuze dá voz aos mecanismos da esquizofrenia mas também será um pouco irónico quando diz que nunca viu um esquizofrénico, cá para mim ele via esquizofrénicos por todo o lado porque o mundo em si assim o é, os mecanismos pelos quais se rege o mundo é a esquizofrenia, é a gente tentar-se aproximar do centro e ser afastado para a periferia, para a fronteira, para lá da fronteira, os esquizofrénicos são aqueles que tentam furar essa barreira ou são aqueles que se conformam e desistem deitados num qualquer canto. Falámos de outros livros, eu também lhe disse que escrevia, mostrei-lhe alguns zines que eu próprio tinha editado e que andava a distribuir por um euro, dois euros, uns zines de texto e desenhos, acabou por me dar dois euros por um zine que eu lhe tinha dado e ele dado a uma amiga que gostou e fez questão de pagar. Pronto, foram assim os contactos iniciais com o senhor Falcão, eu cheguei a numa consulta ter dito à médica que me segue que agora tinha um amigo que me dizia: torna-te muito doente e escreve; recordo que a médica não ficou impressionada com este novo amigo e eu próprio compreendi que, às vezes, as pessoas não se importam que outros tenham um colapso se entretanto puderem lucrar com isso, seja na forma de um espectáculo de variedades ou de uns versos loucos e perfumados, para algumas pessoas a loucura é bela, vão visitá-la ao hospital quando não a deixam morrer sozinha lá dentro, e dizem: «é a vida, a mim isto nunca me acontecerá mas os versos do poeta louco são únicos». Entretanto, começámos a marcar horas no café para nos encontramos, «foi assim que começaste a ser namorado», é, irra!, parece que sim, falar e tal, tomar café, estávamos uma vez à noite, nove horas ou quê, estávamos a conversar já não sei de quê e aparece um tipo que co-

meça a falar comigo e a dizer que me conhecia, eu olhei para ele e não o conheci de lado nenhum, ele começou a dizer: tu não és aquele de há vinte anos atrás, tinhas o cabelo comprido, tal, eu lembro-me de ti tal, começou a dar pormenores, e eu de facto comecei a ver que sim era um gajo que eu tinha conhecido quando andava na universidade, ele estava também bastante diferente, acabou por se sentar connosco e eu reparei que o senhor Falcão ficou a sentir-se trocado, o gajo estava com uma garrafa de cerveja de dois litros num saco com latas de Red Bull, uma das latas entornou-se e ele andou a limpar o chão sem ninguém lhe pedir, todo ele num estado ultra ansioso, disse que tinha vindo de comboio, acabou por perguntar se eu não me importava que ele dormisse no meu chão, porque estava sozinho e já não tinha comboio para casa. Eu disse que não, que não, que não podia dormir, que o quarto era pequeno, não tinha condições. Ele estava a fazer o filme, a dizer que estava desgraçado, contou como ganhou muito dinheiro como serralheiro ou soldador a árgon e como estourara o dinheiro todo em coca, que tinha sido hospitalizado e que não podia beber, que podia morrer de um momento para o outro, a dizer que ia então dormir na rua... ah eu acho que ele não tinha dinheiro para pagar o dinheiro do bilhete do último comboio da noite, então eu sugeri comprar-lhe a cerveja, dar-lhe dois euros pela cerveja para ele ter dinheiro para ir no comboio embora, ele tentou fazer negócio, tentou que eu lhe desse mais dinheiro mas ele viu que eu não ia dar mais e aceitou os dois euros, vi-me assim, eu que não bebo, a sair do café com o senhor Falcão e com um garrafa de dois litros de cerveja na mão. O senhor Falcão estava um bocado incomodado por o nosso patois privado estar a ser corrompido por um estrangeiro que ele não conhecia de lado nenhum, disse-me até que eu tinha desempenhado o papel de um médico e ficou melhor quando eu decidi aceitar o convite para conhecer a casa dele. Acabou por não se beber a cerveja, tinha uma grande estante de livros, tinha uma tv que só dava a cor castanha, era uma casa pela qual ele já não pagava renda, por estar quase devoluta, mas era uma casa só para ele, com dois quartos,

uma sala, uma marquise para as traseiras, ele começou a falar-me de Ramakrishna, leu escritos indianos em francês, eu comecei a dizer-lhe que o meu francês era um bocado rústico e que há muito não praticava nem lia em francês, ela começou a falar na metodologia do amor, no transcendentalismo, depois quando eu lhe disse que tinha livros em francês do Genet, e que ainda não os tinha lido por não perceber bem as palavras, aí ele ficou interessado, acabou por me querer mostrar as traseiras para ver a vista do rio, aquilo era estreito, era um espaço estreito, só cabia uma pessoa, e ele quis quase que eu me encostasse a ele para eu poder olhar lá para baixo, ele com cara de dominador, e eu não disse que não, encostei um bocadinho, ignorei, olhei, só vi noite e escuro e voltei para a sala, sentei-me, havia charros a rolar, os meus e os dele, e eu comecei a ver: estou aqui a apanhar um bocado de seca apenas com o pretexto dos livros. Ele começou a ligar as antenas, a fazer perguntas sobre os meus gostos, falou-se do pintor Francis Bacon, ele sempre a associar, a insidiar-se, sempre interessado em que a coisa corresse bem, eu comecei a ver que a coisa começava a correr mal, comecei a disfarçar, a cortar as conversas, a ser insolente, a abolir as distâncias verbais e os modos de comunicação, comecei a dizer que o que me interessava no Genet era a mitologia do criminoso, do ser que assume que é mau, que faz maldades, que trai por motivo nenhum, sem razão aparente, ele começou a chegar-se mais no sofá, a fazer sorriso, e eu para disfarçar enrolava mais um charro, ele começou a dizer que mais charros não, que já tinha fumado a conta dele, e eu comecei a ver que a única coisa que me sustentava ali era poder fumar o charro, porque embora a conversa fosse literariamente interessante estava a ficar emocionalmente perigosa, eu comecei a entrar naquele estado em que começo a disparatar, em que começo a fazer de maluco ou a ser maluco, a fugir à pressão, é tornando-me guna que eu afasto o perigo das pessoas que se aproximam demais, em momentos de tensão eu, por vezes, reajo à tensão de um modo disparatado, estúpido, irracional, não têm explicação as palavras que eu digo quando estou numa situação de confronto, e eu neste caso co-

mecei a ver que ele estava numa de fazer o papel de senhor perante mim, estava a querer pôr a asa e eu comecei a disparatar, a tornar-me desinteressante, sempre a fumar charro atrás de charro. Aqui, ele talvez tivesse visto o que queria ver, ele como psicólogo talvez estivesse a fazer também um outro jogo, a testar os meus limites, para ver o que eu era na realidade depois do limite, o modo como a gente reage depois de se atingir o limite, isso define muitas vezes o nosso carácter, perdemos qualidades humanas e tornamo-nos bestas, eu sinto um bocado de revolta por eu próprio ser assim, por não ter melhor carácter, foi aí que ele se entendeu ao comprido no sofá e eu pensei: já fumei ganza o suficiente, o homem quer dormir, vou embora, já é meia-noite, vou para casa dormir, amanhã tenho coisas para fazer. Vimme embora, a pensar no caso, na minha prestação e no que tinha sido dito, e no que ele poderia ter querido com aquela conversa, pensei: olha, frustrei-lhe os planos. Mas não deixei de recordar que, além da tentativa de engate através da literatura, também fui capaz de lhe ignorar a tentativa de me chular, de eu lhe ter de dar dinheiro. Sim, ele ofereceu-me um quarto em sua casa, não me lembro agora se disse preço, aludiu que eu o podia ajudar vindo morar com ele, eu disse-lhe que estava bem alojado, ignorei-o ao recordar, e não lho dizer, o que ele já me tinha dito uns dias antes, que já não pagava renda. No dia seguinte, encontrei-o ao pequeno-almoço na pastelaria, estava a ler Proust em francês, aquele da casa de Swann, não sei bem o nome do livro, e eu comecei a descobri-lo, ele muito terno para mim, e eu a sorrir, a manjar as suas ideias, a perceber que ele queria ser dominador, e eu não gosto de ser dominado. Não foi nada falado sobre o dia anterior, para ele era tudo já subentendido, como se eu e ele fôssemos iguais. Eu sorri, ignorei o subtexto, tomei o café, não consegui ler o jornal, vim-me embora. Ficámos assim. Dois dias mais tarde, no mesmo café das seis da tarde, estou eu, ele, e outro rapaz que tem problemas mentais piores que os meus, porque a sua linguagem é sempre incoerente e a minha o é só em situações limite, estávamos lá, eu e o Né a falar, o senhor Falcão mete-se na conversa, a falar em inglês, a

perguntar o que se passava para eu o ignorar, e acaba por terminar uma das suas frases a dizer «porque tu és um paneleiro!», eu olho para ele com cara de mau, e digo ao Né para irmos fumar um charro lá fora, fomos, deixamo-lo sozinho, estivemos lá fora cerca de dez minutos, voltámos para dentro, ignoramo-lo, ele acabou por se sentir ignorado, veio até à nossa beira para se despedir, eu apertei-lhe a mão naquela de o mandar embora, e foi assim a última conversa com o Falcão. Dois dias depois, no mesmo café, estava eu e uns colegas, ele entra, mete-se mais uma vez no meio de mim e dos outros, alguém protesta, eu digo «é um curioso!», foi o que bastou para alguém dizer «raios fodam lá os paneleiros!», foi assim que ele foi embora tão depressa como chegou, ainda olhou para trás para mim, ele quase chorava ele sofria, nunca mais apareceu no café, comecei a vê-lo na rua incomodando meninos de erasmus ou estudantes de artes, a tentar manter contacto com eles na rua, mas sempre caminhando um metro atrás, sempre com as mãos em concha levantadas, inclinado para a frente a tentar explicar qualquer coisa, a tentar cativar, como se fosse um pedinte sexual, como se estivesse a ressacar, tendo sido recusado por mim estando a tentar arranjar substituto para mim, eu passei por ele, ele não me viu, e eu pensei: olha como as coisas são, o senhor Falcão, psicólogo, escritor talvez de livros até publicados em nome próprio, já que falcão é a alcunha que lhe dou, o falcão é afinal um desgraçado no rendimento mínimo, a vida tinha corrido mal, casamento falhado, os filhos não querendo saber dele, reduzido a cortejar na rua, é... é isto que tenho a dizer sobre a curiosidade.

## O andor em marcha

O andor em marcha
Certamente terás o que mereces.
O meu espírito Madre Teresa de Calcutá esgotou-se.
Não vou sentir remorsos quando te desvaneceres em pó.
Não posso ajudar quem não se ajuda a si próprio.
Vais dançar sozinha, este é o recibo de confirmação,
Boa sorte desejo aos que me fazem bem à saúde.
A ti não desejo nada.
Apenas digo: a musa caiu do pedestal.
Risco-te da minha vida para todo o sempre.
Se morreres não deixes mensagem.

## Anorexia

Olá mundo, estou triste, estou em modo pausa, estou sem fazer nada, hoje não me apetece fazer nada, há alguns dias que ando assim, eu sei porquê, não basta ter espírito positivo, não bastar ter esperança na ilusão d«o meu tempo chegará!», sei que a ilusão acabou, perdi a vontade de continuar a alimentar a ilusão, esta dava-me, de vez em quando, vontade de viver, de pôr uma cara alegre, era aparência, agora reparo que estou mais uma vez só e nunca deixei de o estar mesmo quando acompanhado, a ilusão dava-me vontade, dava-me força para pintar, ciclicamente perco os estímulos, numa fase decadente disse um dia que estava a ficar sem ideias para pintar, uma amiga minha diz que tem o dom de prever, eu às vezes penso que tenho o dom de prever a minha catástrofe mas não lhe chamo dom, pensava que o meu dom fosse aplicar tinta na tela, um dia verbalizei que este meu dom estava a fenecer, assim são os estímulos, as ilusões que me fazem trabalhar e esquecer os maus futuros que prevejo, só a força da razão me cria vontade, começou tudo muito antes e esse antes, sei-o, não tem solução, o trabalho não resolve, entra em loop com os estímulos e a ilusão, o amor, uma mulher poderia resolver em muitos homens todos os passados, comigo o amor nunca funcionou, foram poucas as vezes em que me senti satisfeito em pleno, tenho a sensação de que dei sempre o máximo e elas sempre deram pouco, um abismo de diferença, cheguei a esta conclusão recentemente, mas houve alturas em que fiquei confuso, talvez não gostasse de mulheres, talvez fosse essa a minha culpa, na minha confusão senti-me curioso, talvez gostasse de homens?, fiz os esforços para o descobrir, sabia que fisicamente nada teria a ganhar, mas interessei-me por algumas causas, li alguma literatura comprometida, tentei até dialogar, mas nunca concretizei nada, nunca aderi ao programa, pus-me sempre na posição de observador, imaginei cenários, imaginei um «e se...» e cheguei à conclusão que o homem é insuportavelmente pior do que a mulher, não se trata só de um desconforto físico, um real desejo ausente,

trata-se do carácter: o homem é salamaleques por interesse e competição, braços-de-ferro por desporto, arrogância em pés de barro, elas, as mulheres, ainda ao menos me deram alguma coisa, deram-me tudo o que tinham, o seu corpo, as suas maneiras de fazer amor tão desajeitadas como a minha, os homens nem para amigos servem, eu sei que o problema também é meu, nasce do facto de não ter uma saudável convivência com o meu pai, para quê ter amigos se não consigo ser amigo do meu pai?, há abismos entre nós e a consequência é que não aprendi o que era a amizade, nunca soube, nunca pude confiar e quando confiei as pessoas não eram de confiança, tive conhecidos e alguns influenciaram-me, deram-me ares de estrangeiro no meu próprio país e depois desprezaram-me quando eu lhes disse «podes falar português comigo», hoje não tenho um amigo com quem beber um café e passar um bocado de tempo, não tenho quem me apresente uma visão válida, coerente, não tenho quem me aconselhe e se porventura tivesse iria cansar-me de nada aprender ou iria esquecer tudo no momento seguinte porque eu tenho um bloqueio, eu não confio, não deixo ninguém entrar, no passado confiava na música e nos livros, procurava as suas histórias, vivia as sua canções, imaginava como seria se essas ficções se tornassem verdade mas infelizmente os meus heróis vão morrendo ao longo dos anos, de modo que as referências e também os estímulos estão a desaparecer, hoje não tenho heróis não tenho amigos tinha uma amiga mas terminei a relação, é por isso que estou triste, andei iludido, cansei-me dela e do seu modo de vida, vejo-a trilhar um caminho semelhante ao meu, vejo-a dar passos que eu dei errado no passado, sei onde fui parar e sinto-me cansado porque impotente porque a minha experiência nada vale como conselho, ela acha que o seu futuro pode ser diferente e em certa medida está certa, somos diferentes, as nossas atitudes, reacções e circunstâncias são diferentes, ela não precisa de passar pelo que eu passei mas ela não me dá ouvidos, eu estou depois do futuro, ela está antes, custa-me ver os seus passos sem poder influenciar, ajudar, persuadir a agir, ela não faz o necessário, ela não faz a sua parte, e eu não tenho

nem quero vir a ter a autoridade para a obrigar, de mandar nela, como não quis que mandassem em mim também não lhe vou negar o direito de viver segundo a sua cabeça, nem o papel de marido me daria essa autoridade, e eu sou apenas um amigo, um amigo que andou iludido e pensando que ela me ouviria sempre e faria como eu quero, ela bem me avisou que eu não sou o centro do mundo, é um erro em que caio, pensar que a minha ideia é central, está certa e é a melhor, não o sendo, não o fazendo ela por livre vontade e não querendo eu obter a sua concordância por métodos coercivos e tiranos, só me resta abdicar porque não posso aceitar que ela se destrua a meu lado, só me resta remeter-me mais uma vez ao meu solitário quadro.

«Faça-se segundo a minha vontade!», poderá o mundo pensar que eu digo, mas há muitas coisas que se não podem contar tal como havia noutras situações passadas, a diferença é que são problemas que não me pertencem nem tenho real poder de voto na matéria, essas coisas não mudam de figura só porque eu existo, eu sou algo de intermédio para ela, a ponte de tédio entre um contrato a cair de podre e um futuro que nunca será comigo, sei-o por convivência, eu sou apenas um amigo que se introduziu num dos compartimentos do seu coração, os outros quartos continuam a ser habitados, novos inquilinos surgem e assim não tenho a exclusividade garantida, sou por isso um amigo com quem ela gosta de estar, de conversar, beber fumar ouvir música, temos até uma playlist de discos que ouvimos sempre que estamos juntos, «parece o paraíso... mas pelo tom a coisa acabou, o que se passou na realidade?», poderia o mundo perguntar e eu diria, digo, respondo «a idade não perdoa», já não tenho paciência para conversa de café, beber não bebo por causa do estômago. ando a enganar os médicos quando digo que não fumo mas na verdade ando a enganar-me a mim mesmo, os fumantes que uso são em tão ínfima quantidade que qualquer fumador ficaria envergonhado e diria que eu ando a falsificar a trip, ando a fumar placebos, concordo que é mais uma acha psicológica para a fogueira da ilusão, eu preciso do ritual de enrolar um fumante, é o meu comprimido contra a depressão, o meu

regulador de humor, portanto não bebo, não fumo nem ofereço fumantes de qualidade, não tenho paciência para chachacha de treta e ela é muito intolerante quando se trata de experimentar ouvir um disco diferente e eu fico frustrado e quando chega a hora gosto de jantar, parece tudo razoável e lógico, ainda assim penso que qualquer pessoa poder-se-ia perguntar onde está afinal o problema, mas eu explico: o problema é que ela não come e faz de propósito para não comer, isso custa-me, podemos estar três ou quatro horas a conversar e a beber fumar ouvir música e depois eu vou fazer o jantar e ela não come, acabo sempre por comer sozinho, ela recusa-se a comer, por um lado tem vergonha que cozinhem para ela, por outro lado diz que quando bebe não come, não come contra todas as opiniões, não serei só eu a pensar assim, não come porque ao beber se lhe apetecer vomitar então vomitará e não sujará o chão do amigo, nada a faz mudar de ideia, é uma burra velha à altura de um burro velho como eu, nada aprendemos mais, eu gasto o meu latim a dizer que os líquidos do estômago precisam de comida para agir e se assim não for vão corroer as paredes estomacais e poderão até provocar uma úlcera, sei do que falo, eu tive quase uma igual, safei-me porque passei a alimentar-me melhor, mas isso para ela não vale nada, ela diz que está sob a protecção de deus, que o seu deus a alumia e que cuida do seu destino, e como eu não acredito nesse seu deus não posso aceitar o que me parece uma irracionalidade, faz-me lembrar as famílias anti-vacinas, devem pensar que o seu sangue é puro e imune e que deus os escolheu, depois vai-se a ver e o carteiro bate uma, duas, três vezes e traz-lhes a morte de um filho em quem tanto futuro estava investido, nada vale que façam promessas de joelhos à virgem, à velha bruxa, morrem e deixam saudades e eu digo «não fizeste o necessário», e com ela passa-se o mesmo, às vezes chama-me ateu de merda e eu respondo-lhe que deus te levará um dia, quando tu mais desejares viver, ela diz faça-se a vontade de deus e engole mais um trago de líquido, um dia começou a beber às três horas da tarde e vomitou o vazio do estômago às três da manhã no meu chão, como não comeu, pouco sujou e a limpeza foi fácil na

manhã seguinte, foi apenas um dos momentos desagradáveis, como posso eu frequentar uma mulher que a cada nova noite aumenta a dose e não sabe parar, uma mulher que não cuida da saúde, que está intencionalmente num caminho destrutivo até que deus a leve porque ela sabe que deus não gosta de suicidas, uma mulher que, burdosca após burdosca, não me quer ouvir, o filme tornou-se repetitivo, cheguei a dizer-lhe: tu tiras-me a tesão, bebes até à inconsciência e depois dormes, não prevês no plano sequer um quarto de hora para fazermos amor, a tua vida é beber mijar e dormir anestesiada, comer ou comermo-nos não faz parte do teu vocabulário, quando se acaba a cerveja vais-te embora se tiveres dinheiro para o táxi, estou cansado, ganhei um trauma de te tanto olhar a beber e ver quando a garrafa termina para ver se aí tenho a tua atenção e te dou a volta e te seduzo para fazermos amor, se não te seduzir tu nunca pinarás comigo, estou cansado de seduzir-te ou de o tentar bebedeira após bebedeira, tudo devia ser espontâneo, o amor, o beijo, o toque, a penetração não deveria precisar de expedientes, deveríamos primeiro pinar e só depois fumar e beber, e acontece o contrário com o pormenor importante de já não pinarmos há uma eternidade, está mal, faz-me mal à saúde, não há relação entre um casal saudável que sobreviva sem sexo, sem sexo todo o pormenor é amplificado milhares de vezes, tudo se torna insuportável, sem sexo o amor transforma-se em ciúme, como pode o ciúme não surgir quando a cerveja acaba e tu fazes planos de me deixar para ir continuar a beber na companhia de um novo rival?, e mesmo que não faças sexo com eles eu sinto-me traído como se houvesse entre nós um contrato, como podes gostar de mim, um velho careta?, como posso eu gostar de ti, um pau de virar tripas?, a conclusão a que chego é que a novidade terminou, não fomos feitos um para o outro, o nosso futuro não segue uma linha comum, ah!, mais valia que me traísses de verdade e aproveitasses com eles o que não aproveitas comigo, aí o meu orgulho seria mais válido, poderia odiar-te de verdade, riscar-te do meu mapa, tornares-te uma «falecida» e não um fantasma, porque eu gosto de ti e sei que tu gostas de mim e sei

que nem tu nem eu nem o nosso amor é perfeito, sei que se tudo fosse perfeito nada haveria a construir, estaria já tudo pré-feito logo mal-feito, não haveria sal na minha comida nem álcool na tua cerveja anoréctica, pesas trinta e nove quilos?!, alguém te dê o juízo que eu não consigo dar, alguém te faça comer, alguém te encaminhe para um médico, eu desisto de ti, de nós, não tenho o espírito de evangelizador, desisto de nós, desisto de ti, encontra alguém que te aceite como és.

## Mensagem do alien no além

Olá radiouvintes, aqui fala-vos o Moore da família, estou a falar em favor do Ru da família — aquele que escrevinha barulhentos e desavergonhados pensamentos irracionais, estou a falar a partir de um cibercafé e incapaz de alcançar o meu próprio computador pessoal, ele avariou de modo permanente e, assim por dizer, a família está... todos eles estão reféns da fresca extraterrestre e da mulher invisível, estão sem portátil mas mantêm os chapéus, ratos por todo o lado, a companhia que está a tratar da reparação ligou a dizer que deverá demorar mais uma semana vamos fazer figas, estamos assim em modo de espera para actualizar a operação Release the Id conscience, mas esperem, o comboio está a chegar, orgasmos e gritos, liguem depois, vamos agora actualizar algumas notícias para o futuro: não haverá reedição de J. Alberto Allen Vidal nas Edições Cassiber como tinha sido anunciado antes, as razões são propriedade do autor, haverá um novo ficheiro audiovisual também no vimeo que lidará com a tentativa em entender que aquilo que muitas vezes está por detrás dos pensamentos fascistas são resultado de traumas escondidos e provocados por abuso sexual precoce, haverá uma nova repintura chamada Moriarty's, o inimigo figadal do sr. Holmes, muito limpa e organizada nestes dias de menos intoxicação, liguem depois, estou entrando no comboio agora.

Eu gosto sempre de falar na terceira pessoa do singular, posso bater no meu ser com mais efeito, então lá vai: John, o Moore da família estava calmamente a fumar a sua erva de cachimbo quando recebeu uma chamada de longa distância no seu anel de relógio multi-universos, era o Cláudio, ele tinha algumas novidades, a operação estava off, deixa a equipa arejar, dá banho aos camelos e lava as tendas, segue agora para o deserto, teremos sempre A casa, a prata rival foi suavemente aceite ou de modo nenhum aceite, nada nasceu daí, o futuro continua na mira de longo alcance, apenas se mantém o desejo de ver os monumentos carnais, realmente as pirâmides de pele ficam a matar em modo fotografia e eu aproveitei a sorte, o estômago dela está

melhor e, embora ela se recuse a ver um médico, está agora a chá, eu, às vezes, sinto-me um demónio porque se eu lhe tiro Deus da sua vida este terá de ser substituído por alguma coisa e, dado o génio se estar a silenciar, o que restará na equação será devoluto em significado para ela, deixa-la-á desequilibrada, ela tornar-se-á como eu, uma deficiente construção, outro perdedor à solta, ela vê alegria e boa conversa mas eu sou o que ela recusa ver ou acreditar, não tenho condições, mal chega para mim, então imagina Moore, eu não lhe posso tirar deus porque eu não sou deus e não sou bom, vou agora descansar-te com o meu último desejo para esta noite, ainda nada de orgasmos e gritos, Ru diz adeus, mandando mensagem agora:

Ó, os seus poderes são multiversais e eu para ficar calmo tenho que pesar a magia de cada um, então mudo da música quilombola da Clara Nunes para os fumos de chaminé de Be do Coltrane, a seguir as ragas de Shankar e o oud de Abdul Malik e, por sucessivas iterações, adormecerei calmo e relaxado como um bebé com os gongos e a flauta do cd Samadhi de Aranos, ela nunca estará sozinha, deixa ela ser como quer, eu sou apenas humano.

A diversidade, a dualidade, a duplicidade, a luz que absorve toda a luz e fica negra e invisível, a miscigenação, a mistura de cor, de pele, de realidade e ficção ou alucinação onde se não sabe o que é a verdade, como diz o Reeves :), ser hoje um e amanhã não ser nenhum ou sermos dois em movimento, com um rabisco de fotógrafo pincelado no cavalete, e alguma biblioteca, fonoteca e palete e tubos de tinta, what is truth? A única fuga à realidade opressora que resulta é viver sendo invisível, viver sendo todos e sendo nenhum.

## Sabes, eu compreendo parte da tua dor

Sabes, eu compreendo parte da tua dor, parte dela é minha também, compreendo que não tenhas conseguido integrar-te, eu próprio não gosto deste país, também eu sou um estrangeiro aqui, perguntas-me se eu não gostaria de emigrar e eu digo-te que já o fiz, tive bons momentos, fui até feliz em certos momentos mas o custo de vida era alto, na altura gostava de beber e embora bebesse menos de metade do que os meus colegas bebiam ao fim de um ano pouco dinheiro pude trazer para Portugal, não ganhava o suficiente, para poder comprar antecipadamente um bilhete de regresso com desconto estive um mês a jantar pão-de-forma com manteiga e leite de pacote, até fiz rádio numa rádio pirata por convite de um amigo mas a maior parte dos meus discos estavam aqui, nunca pude fazer um programa em condições, eram apenas remendos, a minha vida continuava aqui, os meus pertences, todas as minhas memórias, as pessoas amigas, os ódios de estimação, a família, a língua, falar a minha língua, entender tudo o que me dizem, tudo isso me faltou, cheguei cá pelo Natal e fui ao café, tive a sensação que era figura pública, houve até quem dissesse que tinha chorado por eu ter ido para fora, coitadinho... o menino teve saudades que eu não voltasse, uma amiga que no passado não tinha querido fazer amor comigo por não o desejar agora queria conversa, os conhecidos do café queriam saber novidades, como era tudo e diziam que este país é uma merda, que lá fora é que é bom, e eu com saudades deste país e a não saber como esconder que apesar de tudo a vida lá fora não fora fácil, no fundo indo contra a multidão e em sentido contrário, eu com saudades do país e das pessoas e as pessoas com saudades do que eu tive, dei palestras, fiz discursos, urso a troco de nada, senti-me importante, comecei a contar a minha vida a qualquer bicho careto que me aparecia, o dinheiro que trouxe deu para quatro meses à grande, depois tive de aceitar um emprego numa multinacional, entrei lá a pensar no paraíso, tinha a ilusão que ia ser alguém, ter uma carreira e tal, uma cama cheia de di-

nheiro, continuei na empresa a vida nova que trouxera do café, falava de mais, confidenciava, inventava, confiava segredos que tinha lido nos livros, mas a verdade é que começou a surgir em toda a gente à minha volta a sensação de que eu era um aldrabão, um bem-falante, só forma e nenhum conteúdo, afinal de contas eu não sabia sequer programar uma folha Excel e passava o tempo de trabalho a escrever no computador, a folha Excel era apenas passar o tempo, era o tempo em que as multinacionais recebiam do estado apoios à integração de licenciados, a multinacional recebia o dinheiro, pagava ao licenciado encostando-o a um canto com trabalhos de fantasia e o restante dinheiro ia para equipar os escritórios dos directores com computadores de último grito, no fundo estava no meio de aldrabões, a diferença de mim para eles era a minha falta de filtros, a minha falta de hipocrisia, ao acusarem-me de ser aldrabão e dizendo «mantém-te assim e serás recompensado» eu respondi que não queria aquele mundo, ganhei inimigos, houve quem se quisesse aproveitar da minha ingenuidade, bati no fundo sem saber que parte da culpa era minha, eu falara demais, fizeram-me a folha e contigo mulher passa-se o mesmo, tu contas a tua vida a qualquer pessoa que te faz um sorriso e te paga um copo e te fala em trabalho, não consegues perceber as segundas intenções, acredita o trabalho honesto e com os direitos de lei... é preciso lutar por ele, concorrer com milhares de outros candidatos pela vaga, e depois de muitas negativas ser finalmente aceite, ser melhor que os outros candidatos para aquela posição e o patrão fazer-te a festa, ter um sorriso de confiança, sentires que foste valorizada, que és útil a terceiros e vais ser razoavelmente paga, é isso que tens de procurar, alguém que te valorize e que te não conte histórias da carochinha, e sabes que mais?, quando eu ia ao restaurante almoçar e jantar havia alturas em que me queixava da comida, podia às vezes não estar aceitável ou podia simplesmente o cozinheiro oferecer um pitéu de qualidade e eu não dar o valor, reclamava, há sempre quem reclame contra o serviço de terceiros, mas agora que cozinho a minha comida eu nunca reclamo, está sempre boa, a melhor do mundo, tão boa que

penso até em ta oferecer, no fundo o que eu quero dizer é que o caminho é fazermos nós próprios, com o nosso esforço, o nosso trabalho, dando passos seguros, aprendendo na carne com erros, fazendo a nossa parte e com a esperança que os outros façam a parte deles, tudo o mais surgirá, eu sei que estás farta deste país, tiveste tudo de graça e agora que precisas deste país sentes que ele não te dá o que queres, mas tens de lutar, tens de aprender a lutar, não há soluções fáceis. Ao querermos ser tudo sem esforço, criamos pés de barro, fáceis de cair do pedestal.

## O substituto

Ah minha bela!, adoro quando fazes esse beicinho de menina de babete que tenta uma última vez que o seu papá lhe compre um gelado banana slip, adoro porque pareces mesmo a tua neta, adoro o sorriso que fazes, adoro a carne dos teus lábios, adoro tudo em ti mas agora ouve-me... não precisas mais de fazer de criança mimada, eu explico, eu já não vou vender o teu quadro ao Benjamim, eu explico, ele ia ter problemas quando chegasse a casa, com a mulher percebes?, tu sabes que vocês mulheres têm um sétimo sentido, notam qualquer tentativa de escondermos, não descansam até descobrir. Por isso, não lhe vendo o quadro, eu explico, ele quando entrou aqui no meu quarto, o quadro que mais lhe chamou à atenção foi o teu, quis logo comprar-mo, disse que ia levá-lo para Alamut para oferecer à mulher, disse que no quadro via o retrato da mulher e da filha, gostou do tom de pele, a sua mulher é africana, a sua pequenina é mestiça, ele não tentou saber quem era na realidade a personagem pintada, identificou-se logo com o quadro, quis comprá-lo e fui eu, que fazendo resistência, comecei por lhe pedir um preço bem acima da minha maior venda — o que ele aceitou — e depois contei-lhe para ver se o desmoralizava a história do quadro, disse-lhe que o quadro eras tu, tu em dose dupla, do lado direito, tu de olhos bem abertos e com as rugas de hoje e tu do lado bem esquerdo, com a idade e a maquilhagem dos vinte verões gingando na disco, disse que eras uma amiga minha dançando mas isso só veio aumentar o interesse que ele tinha pelo quadro, acertámos o pagamento das prestações, combinámos o envio por correio registado para Alamut, mas os meses foram passando e ele, o Benjamim, foi ficando entre nós, como na sua casa o telhado devoluta chuva, o quadro está bem melhor guardado aqui em casa e o pagamento da primeira prestação ainda não aconteceu pelo que o teu quadro ainda não foi vendido, apesar de estar prometido e reservado, mas tudo isto, Shivana, foi antes de ele te conhecer, agora que ele te conhece ele já não pode contar a história que pretendia contar à

mulher, ia-se enrolar na história e a mulher ia ficar a pensar que a mulher no quadro era uma namorada extraconjugal em Derza, e eu digo isto tal como lhe disse a semana passada quando falámos os três ao telemóvel, eu vi o carinho que ele te tem, a voz doce de te aconselhar, ele ia ficar em terra e a mulher seguiria para o México à procura de um chico, como eu não quero que uma pintura feita com amor se transforme num objecto de ódio disse-lhe a ele tudo isto e estou-te a dizer a ti, ele está aqui ao nosso lado e pode confirmar, disse-lhe «não te posso vender este quadro mas vou fazer-te um substituto.», este aqui que vês no cavalete, o que achas, Shivana?

## Um maluco testa os seus limites até ao ponto de ruptura

Num Domingo de São Martinho, sem castanhas mas com uma vaquinha reunida entre os vizinhos para comprar um pacote de vinho, ao qual se adicionará açúcar para o vinho virar suminho, disse-lhes eu:

— Vocês gostam é do suminho eheheh!, e eles respondem:

— Sabes?, Ru irmão, é para cortar o amargo deste vinho...

— Sim, eu sei, faz-me lembrar o vinho doce, a primeira tiragem pela torneira do lagar, antes da fermentação, antes até de se pisar as uvas, dá cá uma diarreia eheheh.

De modo que o Benjamim quis saber:

— Ru, diz lá, tu no outro dia disseste que estiveste hospitalizado, pois eu diria que tu és normal, irmão!

— Eu pareço normal não pareço?

— Tu não pareces, tu és!

— Sim, eu sou normal.

Concedo porque reparo que ele acha estranho eu lhes ter um dia dito que tinha sido internado, sei que eles querem perceber o porquê, porque eu não pareço louco, pareço até o mais calmo e são desta pequena comunidade que se foi formando algures na mitológica cidade de Derza, acabo por dizer:

— É complicado explicar, sei que hoje estou bem, mas nem sempre foi assim, a minha sorte foi melhor que a do Giuliani e do Luís, a família deles abandonou-os, a minha nunca o fez, sei que tenho as minhas culpas, fui uma espécie de agente provocador, mas sempre que saí do hospital tive o meu pai, a minha mãe e o carro de família para me trazer de volta à casa, isso diz tudo o que é necessário dizer, é tudo o que preciso de reconhecer como nota testamento de vida, o que os meus pais me deram — se não foi boa vida e boa educação — foi amor filial, um pai, uma mãe não abandonam a cria e a cria volta sempre pródiga para casa e agradece, agradeço a meus pais o terem-me dado uma cama, comida, roupa limpa, um tecto para dormir, uma anexo para desenvolver o meu passatempo que começara a

germinar, se eu não tivesse tido esta necessidade básica da vida resolvida pelas pessoas que mais sofreram com a explosão da minha cabeça, eu certamente morreria na rua como sem-abrigo ou na prisão com a cabeça aberta, se eu não pudesse, caso os meus pais não me dessem abrigo, alugar um quarto... eu na rua estaria desgraçado, teria fome e iria roubar um pão?... levavam-me para uma prisão com presos comuns e eu não passaria da primeira noite, chegaria lá dentro, pôr-me-ia a espingardar com um maioral e tratar-me-iam do sebo!... acredita.

— Sim, irmão, mas... o que eu gosto em ti é tu és tão calmo, não procuras confusão, pareces um buda, que...

— ... que não pareço gajo maluco, não é? Olha que te digo, que um maluco não é idiota, um maluco sabe quando parar, por exemplo, uma vez evitei que me fodessem o corpo, levantei o braço e disse «tens razão, desculpa, eu errei, vou-me embora», e eles, sorte a minha que repararam que eu estava alterado, eles recuaram quando já se formavam neles as mesmas chispas assassinas que devolvi do meu olhar a um gajo que estava comigo a assistir ao concerto do Iggy Pop em Coimbra, na Queima das Fitas, porque eu me lembro do meu olhar nesse concerto que procurava uma eventual vítima para uma bulha, também eu nesse olhar a formar-se neles reparei, levantei a mão, pedi desculpa e vim-me embora, por isso tive a consciência de que se continuasse a provocar iria sair mal e magoado da bulha, por isso um maluco não é um idiota!

— Sim, é do caralho!, tu tens consciência do que fazes mas isso só prova que não és maluco, irmão acorda!

E eu pensei, tenho de lhe contar algo de verdadeiro que o faça perceber porque eu próprio me considero um maluco-lúcido, então digo-lhes:

— Uma vez fiz de cicerone de um amigo imaginário, e passei pela noite dentro na cidade de Triza, de cabeça pregada no chão e só a levantando para dizer ao meu amigo que ia a meu lado e não existia nem como fantasma e quem me visse só viria um gajo a falar sozinho e parar numa casa e dizer alto «... e então aqui no ano de 93 morei e estive com estas pessoas e

aconteceu isto e aquilo...», é claro que eu sabia que o meu amigo imaginário não existia, era eu que estava a representar uma peça de teatro em directo para o mundo, as estrelas, a lama e o azul escuro do céu eram a minha audiência.

De modo que eles ficaram pasmados, e eu pedi um pouco de vinho, senti-me emocionado ao falar e quando falo com emoção sinto a garganta a ficar seca, e só ouvia o Benjamin a dizer com o seu sotaque angolano: — É do caralho essa história, irmão!

— Mas há mais irmão Ben!, houve uma altura em que eu e um amigo estávamos na fase de roubarmos bicicletas, passámos num bairro social e roubámos uma bicicleta...

— Oh, isso é coisa má, irmão...

— Sim eu sei!, e deu problemas porque eu fui reconhecido um dia num café ao qual fui com a bicicleta e o dono confrontou-me e eu devolvi a bicicleta e fui-me embora, não me aconteceu nada e o meu amigo mais tarde foi lá explicar-se em meu nome e saber de eventuais novidades ou se o assunto morreria ali. E morreu ali. Até que eu o desenterrei nessa viagem que já te falei pela noite a dentro em Triza, até à hora do primeiro comboio de volta à Derza, cheguei nesse Domingo a Derza e liguei a televisão no quarto, e observei que passavam um especial em directo na cidade de Triza, o jornal falava de teatro, é estranho, num tempo em que ainda não havia internet e tecnologia e redes sociais era como se a televisão e os jornais comentassem a minha viagem de véspera a Triza, é muito estranho... mas dizia-te desenterrei nessa noite o caso das bicicletas roubadas porque ao fazer a minha caminhada nocturna entrei no tal bairro social, primeiro olhei para o chão e disse alto «encontrei uma pedrinha, vou já fumá-la!», e depois disse «oh é merda é apenas um calhau de merda», e continuei a avançar, seria meia-noite, via-se pessoas reunidas no café do bairro, cá fora a fumarem, eu não olhava para eles mas sabia que eles olhavam para mim, então cheguei ao sítio das bicicletas e disse alto ao meu amigo imaginário «e aqui no ano de 95 roubei uma bicicleta» e continuei a andar, diz lá que isto não é de maluco! Um gajo entra

num local cheio de gente e começa a dizer que os roubou, é mesmo não ter amor à vida, e eu, na altura, não me importaria de morrer, mas não... para te provar que não sou um total idiota e apenas um maluco lúcido que se reformou da vida de merda... pois eu digo-te que bastou ter pressentido ou mesmo ouvido dizerem não sei se para mim ou não «está a pisar a linha!», para eu ter virado costas ao local de bicicletas, ter seguido em frente sem falar, e a ouvir enquanto me afastava as vozes a silenciarem-se ao fundo, no fundo o que te digo é que um maluco testa os seus limites até ao ponto de ruptura, às vezes até ao colapso, compreendes agora, Benjamim?

— Sim, agora te compreendo irmão, fumemos!

## Tal e qual a metadona do Giuliani

Chego a casa após passar duas horas lavando e secando a minha roupa numa lavandaria self-service. Quando ponho a chave na fechadura, o Benjamim olha para mim da sua casa e diz-me «anda daí para um cigarro aromático!». Antes do mais, eu penso em guardar a roupa na cómoda e ir fazer um café. Por isso, digo ao Ben «talvez daqui um pouco».

Dirijo-me assim à cozinha, preparo a cafeteira para o fogão eléctrico e vou ao andar de cima guardar a roupa. Ouço bater com força não habitual na porta e vou à janela olhar para baixo, ver quem é, é ela, abro-lhe a porta, ela entra e diz «abraça-me amor, deixa-me dar-te um beijo». Abraço-a e dou-lhe um beijo rápido, abraço a sua magreza e penso «onde estiveste nos últimos dias?», beijo-a uma segunda vez e vou para a cozinha esperar que a cafeteira ferva, ela vem atrás e diz «estás zangado comigo não estás?», eu não digo nada e vejo o café começar a ferver, desligo o fogão, retiro uma caneca do armário e verto para lá o café, ela diz «sim, tu estás zangado comigo mas tenho explicação, eu estou em grande perigo, agora abraça-me, eu vou-te dizer...»

Saboreio um gole de café e digo: — Atão diz-me, onde estiveste?

— Em casa, não podia telefonar, perdi o celular.

— Perdeste o telemóvel?

— Sim, na privada, foi engolido pelo sanitário, eu não podia ligar-te.

— Mas tu não ficaste de me ligar mas sim de vir cá, ficaste de vir cá há dois dias.

— Eu tenho um problema, eu te direi, agora me abraça, querido.

— Vamos lá para cima e dir-me-ás tudo...

— Pelo menos tudo o que eu posso contar, amor, vamos ouvir a nossa música!

— Ah já to disse, tenho um novo disco deles.

Vamos para cima, ela senta-se num pequeno tamborete de

pintura e eu retiro do leitor o cd de Nass El Ghiwane e ponho o novo lp, que comprei, dos Blackhouse. Um lp que comprei porque ela na altura me disse o quão belo era o som deles, e eu tinha de o comprar. O primeiro lp por mim adquirido, o primeiro Blackhouse foi um êxito estrondoso nas nossas festas privadas, cheias de ganza e cerveja, uma vez ou outra champanhe e galinha com feijão preto, sim montanhas de Blackhouse para as nossas noites privadas, cada noite ela me contava uma nova história e eu sempre escutava com atenção tal como hoje a vou ouvir porque se percebe bem que ela está borracha, eu vejo que ela está a sentir-se sozinha e a precisar de refúgio. Se eu perscruto fundo sobre a situação, penso e verifico que ela precisa realmente de mim. Porque ela pensa em mim quando está em perigo e precisa de um local seguro. É por isso que ponho o novo disco e irei ouvir cada pedaço da sua história e da bebedeira retirar as partes verdadeiras «se ela apenas pensasse em mim, não beberia tanto, vamos ouvi-la»

— Vamos lá conta lá.

— É uma situação mafiosa, é matar ou ser morto, amanhã é a hora e depois tudo acaba. Eu entro para sempre. Ando a ser vigiada.

— Atão que fazes aqui?

— Vim dar-te uma explicação, ainda não te encheste de moscas, ainda estás zangado, tenho de me ir embora daqui às oito horas. Eu precisava de falar contigo, de te abraçar, tenho de matar uma pessoa amanhã.

— Como assim? Isso é ir bem longe, mas que merda andas a beber Shivana?

— É a verdade amor, estou a ser vigiada, eles puserem cinco mil na minha conta, não há volta a dar, não posso voltar ao que já foi...

— Atão tu me dizes que aceitaste dinheiro de um indivíduo para apagar uma vítima, e agora estás dizendo o quê mesmo?

— Meu sangue é veneno, eu não morrerei, irei executar, estou dizendo a você, os gajos andam me vigiando, se eu não

matar eles me matam, este gajo...

— Quem caralho é ele?

— Não haverias de querer saber né, é a máfia, já to disse, é o gajo em quem eu mais confiava e ele é da máfia.

— Eu pensava que era eu o gajo em quem tu mais confiavas...

— O gajo pôs-me dinheiro na caderneta e disse: amanhã tu pegas um avião e irás para matar.

— Sim sei, tu disseste sim ao dinheiro e à bebida, agora arranja-te, eu vou visitar-te a Santa Cruz do Bispo!

— Como assim?, eu estarei morta amanhã, eles vão-me apanhar, eu tenho de matar, na verdade eu sou uma matadora sabes, ainda gosta de mim querido?

— Não posso gostar de uma assassina, estou apenas à espera das oito, o momento de te ires embora, não quero ter nada a ver com as tuas matanças, pelo menos ganhaste dinheiro para a viagem de regresso a casa.

— Espera um segundo, tira esse disco, põe o nosso, não gosto deste, vamos ouvir o Five minutes after I die, sim?, por favor.

— Oh, este também é bom, comprei-o para nós...

— Põe só o cinco minutos, é uma ordem!

— Ok, ok, a tua voz é o meu senhor. (quando estou bem disposto, eu diria, Shivana.)

Coloco o «antigo» disco dos Blackhouse a tocar e logo ela se acalma, pede um cigarro mas não se lembra se trouxe a bolsa, eu vou lá abaixo buscá-la, ela procura os seus cigarros e pede-me lume, dou-lhe lume, ela respira finalmente, e pede-me para lhe desapertar aquelas botas joelho abaixo.

— Estive com a Fa, ela é da máfia também, o gajo trabalha para ela, estive lá até agorinha e estou borracha e vim cá porque te queria dizer, compreendes?

— Tu precisas de dormir, hoje não vais trabalhar.

— Mas eu tenho de matar alguém.

— Beija-me em vez disso!

— Chama um táxi!

— Nem pensar Shivana, estou só à espera que saias.

Ela desmaia sobre a cama, quer dizer, deixa-se cair em sono profundo como se não tivesse dormido durante todo o fim de semana. Mudo a música. Ponho um cd de música zíngara, uma compilação da série Air Mail Music, deixo-a a dormir e vou espairecer até a casa do Benjamim, estou a precisar de um cigarro aromático.

— É o que te digo irmão, eu vi, ela estava a bater na porta do Ernesto, eu disse-lhe a porta do Ru é a outra...

— É irmão, ela está literalmente uma noz, contou-me cá uma história, está a dormir agora...

— Que história?

— Não posso dizer, ela é tal e qual o Giuliani, ele é a metadona ela é a bebida, digo-te, estou a sentir-me mais pai que amante, ela está mal, a sua vida uma barafunda.

— Ié senti isso no outro dia que ela veio mas eu te digo irmão, se ela vem dormir em tua casa tu devia estar grato, porque se ela vem dormir contigo é porque se sente segura contigo. Ela vai trabalhar hoje à noite?

— É o que te digo, não sei, ela está a dormir, ela uma vez disse-me que a patroa, a Fa, quer levá-la para a Madeira, ir com ela para todo o lado mesmo dormir tásaver?, mas ao mesmo tempo também já me disse que a Fa é afinal um trans, que removeu a pilinha, por isso... eu vim até aqui mas tenho de ir embora porque ela pode acordar e passar-se por se ver sozinha...

— Tábem mas enrola mais um para te acalmares irmão, que história é a dela que eu já senti antes?

— Olha a cabeça dela tá dando tilte, ela é casada, o marido está se passeando há meses com um menino do rio, eles os dois juntos há mais de um ano...

— Queres dizer que o marido dela está com um gajo, já compreendi, eu tive uma namorada que me contou de uma amiga que foi trocada por um gajo, ela ficou tão, tão sozinha tão abandonada, ela começou a pensar que não era mulher, pensou até que talvez fosse lésbica, sim compreendo as razões da Shivana irmão, e tu tens o meu apoio mas... porque não a ajudas,

porque não lhe proporcionas a saída, porque não vem ela para aqui viver contigo?

— Não dá, não consigo sustentar-nos, e ela vive de noite e eu vivo de dia, ela é boa como amiga mas eu não viveria com ela, teria de lhe suportar a bebedeira, os cigarros, a comida, só a música dela, não seria nós, seria apenas ela emagrecendo-me, é como ela é, ela precisa de um pai a quem bater de chicote, ela mente, ela mata, a minha vida é um eterno colapso, mas não acontecerá de novo, recebo pouco ou nada em troca, não é meio meio, não serei novamente enganado, e depois o marido ainda lhe paga as contas, e depois, ela já teve muitas oportunidades para pedir o divórcio, mas ela também não quer, por isso vou deixando andar.

— Sim irmão, compreendo-te, quando me disseste que foste parar ao hospital por causa da cabeça... pois eu te digo: para mim tu não és nada maluco!

— Fui hospitalizado quatro vezes, ninguém me apanha novamente, ié este charro bate, fuma irmão...

— Faz outro.

— Não, não tenho tempo, vamos só acabar este, tenho de ir, ela afinal está sozinha em minha casa.

— Ok irmão, até logo.

## O inferno e os capeta

Pois é leitor amigo, estou já deitado debaixo de quatro cobertores porque o frio já se começa a sentir, estou bem e a fumar o penúltimo cigarro do dia. São, agora que escrevo «agora», dez horas e vinte e três da noite, e o dia foi socialmente produtivo, muito hoje aconteceu nesta pequena ilha de vizinhos em Derza, também tenho aqui vizinhos maus, mas os melhores são meus amigos, somos uma comunidade, ocupámos duas casas, e eu pago a minha renda por um quarto a um senhorio, eu estou bem e dentro da lei, eles não têm nem água nem luz, andam a velas e a água... bem, a água somos nós — os vizinhos bons — que lhes damos, ou senão, vão fora da ilha recolhê-la no fontanário.

Dizia que estou a fumar o penúltimo cigarro do dia, o último irei fumá-lo quando acabar de escrever estas novidades sociais do meu dia de hoje.

De manhã, o Benjamim tocou-me à porta a pedir se eu lhe podia guardar o portátil porque ele tinha de ir arranjar os cigarros avulso e ir visitar o Giuliani ao hospital onde estava internado. Giuliani tinha saído de casa na Quarta-Feira, bem antes da sete da manhã, antes de qualquer dos vizinhos acordar, estava com medo porque se dirigia ao hospital, tinha uma consulta às oito da manhã, Giuliani não tem passe social de transporte e como é reformado por invalidez como eu (mas com uma reforma de miséria, e de um valor inferior ao meu, que também não é grande), mas eu safo-me bem, eu tenho passe social de transporte público mas Giuliani anda a pé, não tem dinheiro para comprar nem sequer bilhetes de viagem quanto mais dar vinte e poucos euros por uma assinatura mensal e social de transporte público, eu posso pagar, Giuliani anda a pé, vai para todo o lado a pé, quer chova quer faça sol, e foi a pé que ele saiu de casa há dois dias para ir a uma consulta. Como não voltou nesse dia a casa, percebemos que tinha sido operado, ele tinha um quisto do tamanho de uma moeda de cinquenta cêntimos no pescoço, bem por baixo da orelha. Como hoje ainda não tivesse regressado, dois dias depois, Benjamim fez tenção de o

ir visitar, a Raquel ligara ontem à tarde para mim e eu passei o telemóvel ao Benjamim que ficou a saber e nos deu as novidades: Giuliani está internado. Hoje, Benjamim pede-me para lhe guardar o portátil, bate-me à porta, acompanhado do Adriano (marido da Raquel), dizem-me que voltarão depois de arranjar uns cigarros, o que me dá tempo de ir comprar umas coisas no supermercado, e que depois eu guardarei Speed, o nosso cão de estimação, enquanto eles irão visitar Giuliani ao hospital. Quando eu volto do supermercado vinte minutos mais tarde, fico a saber que Giuliani afinal já regressou, deram-lhe alta esta manhã, deram-lhe um bom pequeno-almoço, trataram-no tão bem que ele até escreveu um poema que mostrou ao médico e às enfermeiras e ao qual o médico quis tirar um foto para recordação, ou até para meter no face, quem o saberá?, eu não, nenhum de nós, ficámos todos contentes quando vimos o Giuliani em casa de novo. A verdade é que ele nos faz falta, arranja-nos cigarros quando pode, vai-nos comprar vinho ao supermercado, eu não bebo mas estou sempre com eles, e até contribuo para a recolha de fundos, eles pagam-me de outra maneira, eu ganho uma vida social, até tenho pintado menos mas também não posso só pintar, até porque já não tenho quase paredes disponíveis no meu alojamento para pendurar quadros a secar, tenho de pintar com mais lentidão e aproveito os dias em que não tenho trabalho de pintura para passar o tempo com os vizinhos bons... recordo algumas palavras do Giuliani quando o vi da janela e ia ele já a sair para caminhar quarenta e cinco minutos para almoçar no albergue:

— Vocês são uns queridos ao se terem preocupado comigo, sabes que eu estava com medo, a gente não sabe se acorda da anestesia e depois da operação, mas correu tudo bem, estou vivo!

É isso, Giuliani!, como o Mané disse um dia destes, és um sobrevivente, escrevo eu agora. O Giuliani estar às onze e meia da manhã cheio de energia e vivo, foi a primeira manifestação do dia importante que tenho para contar, o melhor vem ainda a seguir, é o que vou contar já, mas acho que vou parar para

enrolar um finex de tabaco, porque preciso de dar descanso ao dedo, já teclei bem mais que uma crónica da Leninha... o texto segue dentro de dois minutos, são agora vinte e três horas e dois minutos.

Despedi-me do Giuliani pela janela, fiquei a vê-lo descer a ilha, e voltei para começar a fazer o almoço, tinha arroz de pimentão doce num taparuere que sobrara do tacho de ontem, tinha dois hambúrgueres já descongelados, foi só grelha-lhos, depois pensei no Benjamim: «Ele não pôde ir buscar comida ao restaurante da prima, não pode ficar sem comer nada todo o dia, vou-lhe fazer uma sandes com este hambúrguer, como só um, e vou tomar o meu café ao sol com ele.». E assim foi, almocei, lavei a louça, fiz café e a sandes, seriam já agora talvez quase uma da tarde.

Saí de casa e perguntei-lhe se não queria comer uma sandes de hambúrguer, ele perguntou se tinha queijo porque não gosta de produtos lácteos, e eu disse que não, é só um pão com hambúrguer, «pensei em pôr um pouco de manteiga mas lembrei-me que tu não gostas», «sim, vou comer, obrigado, Ru».

Comeu, eu bebi o meu café, e estávamos a apanhar sol e a conversar quando aparece o Adriano, de volta a casa, Speed até ladra e Benjamim acha estranho pois o Speed adora Adriano, reparámos então que com Adriano vem a Elisa.

A Elisa é uma amiga que a Shivana está a ajudar, Elisa está por uns dias a viver em casa de Shivana até resolver a sua situação, o seu visto expirou, e ela ou arranja um contrato de trabalho ou tem de voltar para o país de origem. De modo que Elisa aparece com Adriano na nossa ilha. Elisa tinha ido a uma entrevista de emprego de manhã que correra sem sucesso, ao voltar e como tinha de esperar por Shivana, lembrou-se de ir esperar por ela perto do trabalho, ela está neste momento quase a entrar no terceiro dia de teste num emprego, e amanhã saberá ao fim do dia se fica nesse trabalho, estou também a escrever este texto para ordenar as ideias e fazer a minha parte na história caleidoscópica que fará com que Shivana consiga um traba-

lho efectivo com salário e folga, é bem melhor que o trabalho anterior onde era tratada abaixo de cão pela Fa, a patroa que gostava dela mas a fazia trabalhar quinze horas sem folga por trezentos euros, pois é leitor amigo!, quem precisa de ganhar dinheiro tem por vezes que aceitar trabalhos de quase escravo, Shivana saiu dessa escravatura e amanhã ligar-me-á a dar as novidades, que serão boas, vamos aqui pôr um like e transformar o que um católico chamaria de prece, e vamos nós transformá-lo no movimento «Shivana a Efectiva!»

Assim, esta manhã, Shivana e Elisa saíram de casa, Shivana para o trabalho e Elisa para a entrevista, como esta correu mal, Elisa pensou em esperar por Shivana perto do restaurante, mas enganou-se na referência do local de trabalho, esta referência era a paragem de metro perto do hospital, mas ela saiu na paragem do hospital errado, como reparasse que estava perto de minha casa e como ontem também já cá estivera procurando empregos a partir de anúncios na internet, foi assim que ela arranjou a entrevista desta manhã, assim ela lembrou-se hoje de vir ter aqui à ilha e logo que Shivana terminasse o trabalho iria com ela para casa. Foi um filme, ela não se lembrava do caminho que fizera ontem para aqui, andou perdida pelas redondezas perguntando se ninguém conhecia um Ru pintor, foi assim que deu com o Adriano na rua e ele a trouxe para cá.

Ela chega e conta a história, diz que foi Deus que pôs aquele amigo no caminho dela. Chega e conta a entrevista que fizera de manhã, onde lhe disseram que não lhe fariam contrato, então ela chega e conta isto e diz que se se vai embora, ontem fora ao Centro Nacional de Apoio ao Imigrante e que eles a encaminham para o Estado lhe pagar a passagem de regresso ao país de origem, ficando impedida de voltar durante cinco anos e com uma dívida que lhe será cobrada se ela voltar antes dos cinco anos, diz que chegou a um ponto de ruptura, este país já lhe fez muito mal. Conta que se não fosse a Shivana estaria a viver na rua e que já chega de miséria, ela estava a viver na rua porque, diz ela calmamente, tão calmamente que parece maluca, fugiu dos irmãos que estão em Portugal a gerir uma casa de alterne,

e que a ameaçaram de morte, extorquiram-lhe o salário, ela era garota de programa no bar dos irmãos e ela simplesmente fugiu, contou o sonho da cobra amarela e da cobra preta, ela tivera um sonho em que duas cobras apareciam: a amarela representava o irmão e ela pisou a cobra amarela mas a cobra preta ia atacá-la, era a irmã que tinha inveja dela, ela conta o sonho, Benjamim e eu ouvimos, eu penso que ela está tendo intuições próximas da loucura, o Benjamim pensa e diz-me mais tarde a sós que ela parece fugida da máfia, Benjamim fala em que ela deve ir à embaixada pedir asilo político, mas eu digo que não, ela está sendo ameaçada pelos irmãos em Portugal, o que ela precisa é de não ver mais a família, nunca mais ter contacto com eles, arranjar um trabalho com contrato e ficar com a autorização de residência e daqui a um ano ela obtém o seu cartão do cidadão.

Pergunto ao Benjamim se não sabe se alguém precisa de funcionária num restaurante, ele diz que talvez e liga do meu telemóvel para um amigo da família que tem um restaurante, combina-se uma entrevista para amanhã de manhã.

Amanhã de manhã, Elisa sairá de casa com Shivana, irá ter com Benjamim que a levará à entrevista, Benjamim diz-me depois que fará tudo e só dependerá dela o ficar no trabalho e ganhar o contrato. Elisa foge de um submundo que ela própria definiu como «O inferno e os capeta», nós tentámos dar-lhe boa moral, ela oscila e conta pormenores da sua vida no inferno do alterne, nós dizemos-lhe: «só depende de ti, amanhã se tudo correr bem ficarás já a trabalhar, se trabalhares bem, o patrão faz-te um contrato como a Shivana terá já amanhã após o seu período de experiência, faz por te correr bem, trabalha duro e fala pouco e faz o teu melhor, é a tua última oportunidade, aproveita-a bem, tu podes sair do inferno, os teus irmãos podem ser da máfia mas de dia dormem numa cidade bem longe daqui, se tu tiveres um trabalho diurno e te afastares dos locais nocturnos de alterne, não terás problemas em desaparecer e a tua família não mais te fará mal, eles não saberão onde te procurar. Arranjas o contrato e trabalhas, ao fim de um ano e alguma burocracia tornas-te portuguesa e tudo correrá pelo melhor, te-

rás o teu dinheiro, sairás de casa da Shivana que não te pode ter em casa por muitos mais dias, e arranjarás um quarto para dormir, ter-nos-ás como amigos, este é o caminho bom e o melhor que a gente te pode ajudar, não é fácil, se seguires este caminho bom sairás bem desta situação, se amanhã não ficares no trabalho irás ao CNAI na Segunda-Feira e pedirás a tua passagem.»

Ela ouviu-nos, entretanto a Shivana passou por cá depois do trabalho de hoje, concordámos todos com este plano de fuga da Elisa, estamos conscientes que ela vive numa situação pior que a nossa, uma mulher na rua está sujeita a muitos mais perigos que um homem, e vamos todos esperar que amanhã ela resolva a situação.

Eu agora vou rever este texto e fumar um último cigarro e dormir. É meia-noite e quatro, é já Sábado, amanhã é um dia importante para a nossa comunidade. Vai correr tudo bem, boa noite leitor ou leitora.

## Shivana and me

Shivana é como se chama a minha amiga especial. Agora que sei um pouco da sua história, contada por ela no decorrer de alguns bons momentos de partilha ao longo dos últimos anos, penso que poderei dizer sem cair em grave exagero ser ela uma pirata de longo curso, uma rainha, mas uma rainha caminhando actualmente no limbo, ou para ser mais urbano e menos metafísico, Shivana vive sentada em cima do muro. A seu lado tem o portátil com câmara web, cigarros de bico amarelo ou camelos electrónicos, cerveja, pipocas, de vez em quando sonha em comprar um porco-espinho.

Shivana é uma pirata com largas provas dadas. O seu objectivo sempre foram homens mais velhos, os naturais substitutos do seu pai, e quantos aos mais novos ou da sua idade, bem na verdade chegou a ter sete namorados ao mesmo tempo, cada um tinha hora marcada de entrada e hora de saída, achava-os muito sem atitude, não eram homens que lhe pudessem proporcionar o que ela bem mais queria, o que igualmente tanta pessoa quer: aliar o melhor conforto de um ombro ou do membro de uma pessoa à bolsa exuberante que paga todas as contas. Os Sem Atitude tinham pêlo na venta e muita explosão prometida, ela ria-se com todos eles, passava um bom bocado de letra jogada fora, mas... havia sempre um mas, não passavam de aspirantes. Shivana queria um homem feito, teve vários até hoje estar com o actual em cima de um muro. Acabaram mortos e enterrados como Pessoa Não Identificada num qualquer pinhal em Para-lá-dos-Montes, mortos pelos amantes das suas amantes. Shivana queria conforto e teve-o de vários homens, casou com eles, teve filhos, uma casa, até mesmo uma família. Só não se sentia bem quando o marido passava a semana toda fora e voltava bêbado. Quando se fartou, pô-lo fora de casa. Três meses mais tarde, soube pela rádio local: «Crime numa casa de alterne. Uma mulher desfigurada e um homem morto. Assassino a monte. Desconhece-se a identidade dos protagonistas além da mulher atingida à facada nem as reais causas, notícia em

desenvolvimento.»

Shivana chorou duas lágrimas mas não reclamou o corpo. O seu filho não conheceria o pai. Passaram tempos difíceis, mas a família não a abandonou, tomou conta do neto enquanto ela procurava emprego. Shivana ouviu muitos nãos. Chegou a ir a entrevistas marcadas pelo centro de emprego, sentou-se em frente a directores de recursos humanos e psicólogas, e uma destas disse-lhe que mesmo para cuidar de idosos era preciso ter perfil e as unhas cortadas, ao que ela com dignidade respondeu que a sua principal preocupação era o bem-estar da pessoa idosa, tantas vezes carente, sozinha, a necessitar de assistência. Nesta entrevista em particular, saiu de lá derrotada, elas disseram-lhe que lhe ligariam mas ela não acreditou, decidiu que não gostavam dela, que talvez não tivesse o perfil, apanhou uma bebedeira nessa mesma noite, andou desaparecida durante três dias, roubaram-lhe o telemóvel e o cartão multibanco, cortaram-lhe a luz.

Quando voltou à tona e me contactou pela videochamada, disse que estava em casa de uns amigos, e que tinha ido a mais um escritório para outra entrevista, desta vez uma cunha dos seus actuais senhorios: um casal jovem que até já lhe faz promessas de ela poder no futuro ser babysitter da sua filha de sete anos. Eu fiquei aliviado, ela estava bem, mais um filme realizado em tempo recorde por ela, eu que me deslumbrei com os meus próprios filmes tenho agora uma amiga na profissão!

O certo é que ela chegou a ir fazer um dia de experiência, e logo num Domingo às oito horas da manhã, no mesmo lar de idosos onde a psicóloga lhe tinha dito que talvez Shivana não tivesse perfil. Pois bem, Shivana alimentou as pessoas acamadas, deu banho às pessoas idosas, limpou e lavou os quartos de repouso e as casas de banho, houve até uma senhora que lhe perguntou onde ela tinha estado que já não a via há muito tempo, e ela, rindo-se afectuosamente, disse que tinha estado de férias. Ou seja, correu tudo bem. O problema, segundo Shivana, era que, ficou a saber depois, o trabalho era a recibos verdes, três euros à hora. Ela não aceitou. Eu fiquei a pensar: então

uma pessoa não tem perfil para trabalhar e ter um contrato de trabalho digno mesmo que a termo certo, mas já serve para trabalhar a recibos verdes?? Há muita hipocrisia no mercado laboral, depois os patrões queixam-se que as pessoas não querem trabalhar.

Era nisso que estava a pensar há pouco, quando ela me liga:

— Atão Ru, tá tudo?

— Sim, novidades?

— Hoje só tenho desgraças para contar...

— Conta na mesma.

— Sabes aquela minha amiga que mora em Ninde e que tem aquelas duas crianças que eu digo que são minhas filhas?

— Sim... aquela que se acha muito bonita?

— Ela é ainda uma mulher bonita, não sejas assim...

— Está bem, que se passa com ela?

— Levou porrada do namorado, ele bateu nela e nos filhos...

— A sério!?, porquê?

— Não sei, o que eu acho estranho é o pai não ter feito nada... que pai é esse que não vai atrás do namorado da ex-mulher? Bem, eu vi a foto da nova mulher dele, parece que tem problemas de cabeça, ele andava sempre a dizer que queria uma mulher rica...

— Eu acho que ele não bate bem da mona, ora essa!

— Também é o que penso mas há mais...

— Mais? Conta.

— Lembras-te do Frederico e da Isabel?, aqueles com quem estive uma semana e brinquei com a menina deles?

— Ah sim, aquele que te disse que quando o gajo, que te roubou o telemóvel, aparecer no Nandos lhe parte os dedos?

— Sim, eles os dois, pois olha, andaram ao estalo e estão em processo de separação, estão a viver em quartos separados, só falam o estritamente necessário, ele até anda a dizer que se vai mudar para casa da mãe, acabou de me convidar para ir lá amanhã, a Isabel tem o seu dia de folga, convidou-me para al-

moçar com eles, o que achas?

Eu, que fui uma ou duas vezes íntimo de cama com Shivana e que actualmente sublimo o meu amor por ela sendo apenas seu amigo de conversa e cerveja, tenho às vezes de passar por cima de algum ressentimento provocado por algum ciúme que as suas palavras me provocam. As suas palavras são reveladoras das suas acções e são palavras sinceras. Ora, eu prefiro a sinceridade à mentira, mesmo que não goste da verdade, o tempo em que eu pedia mentiras já lá vai. Ela já não me vê como parceiro sexual, nem nunca me viu como um futuro marido. Lá está, eu sou um ou dois anos mais novo, e portanto sou apenas uma criança, isto claro está segundo o modo como ela vê e classifica os homens. A verdade é que ela anda sempre a arranjar-me sucedâneos, cria-os de todos as cores e idades, uns mais novos outros mais velhos, uns pernetas outros carecas outros com turbante e com alguns fala recorrendo ao tradutor do google, alguns já estiveram no aeroporto chegados do Egipto prontos a levá-la a conhecer as pirâmides, outros ofereceram-lhe casacos de pele outros pagaram-lhe a internet, a luz e a água e a nova cor do cabelo, eu até lhe disse que aquele azul prussiano lhe fica muito bem... «especialmente agora que desfrisaste o cabelo.» A verdade é que ela me dá paz de espírito, é a primeira mulher que se torna minha amiga depois de ter sido minha íntima, é uma evolução benéfica para mim, antigamente eu tinha namoradas, amava e era amado, zangava-me e nunca mais conseguia ter uma relação de amizade com elas, ou elas me passavam a desprezar ou era eu que as passava a ignorar. Com Shivana as coisas são diferentes, somos iguais na diferença, eu sou pintor e ela é pirata, temos em comum o prazer de ouvir música, beber e fumar, conversar, contar e pedir conselhos um ao outro, quando um precisa o outro está o mais perto possível dando a ajuda possível. Isso é bom e para o momento vai-me chegando, os seus filmes contagiam a minha imaginação e eu ponho aquele disco especial só para ela.

— Bem Shivana, nesse segundo caso de violência doméstica há várias coisas mal explicadas, e não acho bem que tu vás

para casa deles enquanto eles estão zangados um com o outro, a Isabel pode ficar furiosa contigo e podes perder outra amiga...

— Eu quero que ela se lixe...

— Mas conta lá, eles andaram ao estalo? Quem começou, quem teve a culpa?

— O Frederico estava a brincar com a filha e deu-lhe uma lambada de brincadeira na testa, e a Isabel deu um murro a Frederico e o Frederico respondeu por tabela, tudo isto à frente dos cunhados.

— Parece-me que a Isabel não devia ter feito o que fez mas não sei porque o fez, talvez as coisas já não andassem bem, acho ainda assim que deves recusar o convite dele, deixa-os fazer as pazes.

— É, acho que estás certo, é melhor deixar os abutres pousar e a poeira assentar, e tu que fazes hoje?

— Estou à tua espera minha querida, estou a convidar-te para um copo e uma cachimbada de erva, que dizes?

— Vou já praí!

## Eu era ruim

— ...

— Eu tomo atenção...

— Ainda agora és bonita!

— Estás a brincar comigo ou quê?, pá, eu tenho espelho em minha casa, eu me vejo todo o santo dia...

— Estás temperada, sabes o que é temperada? é... tou a ler... olha, estou a ler o Moby Dick.

— Nem comece!

— Tou a ler o Moby Dick que é um livro de caça à baleia...

— Pronto lá tá tu.

— Uma coisa que hoje em dia já não se deve fazer porque é uma atrocidade e qualquer dia as baleias não existem...

— Estão a ficar extintas.

— E pronto, lá no livro eles falam de fabricar um arpão para arpoar a baleia, para matar a baleia e, então, explicam como o arpão é fabricado, na forja, está o ferreiro, está o carpinteiro a fazer o cabo...

— Ah mas eu não quero saber dessa história não, ela é muito comprida.

— Eles temperam o aço com sangue.

— Olha só, não queres que eu acabe a conversa?

— Prontos, fala.

— Eu ia dizer uma coisa, o meu oitavo namorado, era o Luciano, é... ele morreu tão triste pá quando eu acabei o namoro, praticamente eu fui a culpada...

— Oh a sério?

— É me'mo, ele se matou... numa festa na terra onde eu moro tásaver, eu fui para a puta da festa, e ele com raiva porque eu acabei o namoro... a gente, eu me chateei com ele, eu acabei o namoro, a gente se desentendeu... e aí eu acabei o namoro, como tinha muitos né?

— Claro...

— Eu tinha por onde escolher, se acabasse já tinha outro na agulha...

— É, é a lei do mercado eheheh.
— Nunca ficava sem!
— Um mercado de namorados... ehehehe.
— Um harém, era tipo um harém...
— Eheheh...
— E então portanto... ele nessa noite bebeu todas e mais algumas, foi para a puta da festa, chega na festa, e dá uma de doido pá!
— Urr!
— Muito bêbado começou a pensar na nossa situação, juntou...
— Tomé com bebé...
— ... tomé com bebé... e disse «eu vou acabar com a puta da festa, não estou feliz, ninguém vai ficar feliz», pois, subiu... atrepou-se no poste... é... cumué que vocês chama aqui?
— Quê?, da luz? É um poste de iluminação, de alta tensão...
— Mas vocês chama de candeeiro...
— ... é... um candeeiro de iluminação pública...
— É mas a gente chama de poste... então... ele pegou no fio de alta tensão, tásaver... e...
— Deu um choque nele próprio...
— ... e acabou com a festa toda...
— Pois, o curto-circuito... morreu no poste...
— Pendurado no fio... acabou com a puta da festa, faltou a energia na hora... e no outro dia... quando eu acordei fodasse levo logo com essa má notícia: «olha sabe quem morreu?, fulano, sabe aquele teu namorado e tu acabou o namoro, ele suicidou-se e tu és a culpada!»
— Urr...
— Tásaver... as pessoas me incriminavam... aí eu dizia: «eu não... eu nem sequer conheço!», sou culpada nada, quando uma história acaba acaba, tudo que tem começo tem fim, não é?
— Sim...
— As pessoas me apontavam o dedo e diziam que eu era culpada, quando não era... e depois, deixa eu ver... qual foi o úl-

timo namorado que eu tive, tá no céu o meu nono namorado...

— ... urr, ele morreu da mesma maneira?

— Não, morreu de ataque cardíaco.

— Sei. Não tiveste também um coreano com quem estavas a falar pelo computador... e morreu de ataque cardíaco?

— Não. Eu tive um namorado coreano mas quem morreu de ataque cardíaco foi o Renato.

— Ah tábem, então eu confundi, uma vez falaste de um coreano, que queria casar contigo, tu disseste que sim, e ele teve um ataque cardíaco...

— Foi o Renato.

— Atão não era o coreano?, foda-se, disseste que sim e ele morreu?!

— Porque é assim: eu quando conheci o Renato... ele era amigo do meu noivo.

— Ãh

— E houve um dia em que num jantar do meu namorado, comemorado em minha casa... e ele trouxe esse amigo dele que era o Renato, apresentou o Renato...

— Sim.

— E aí pronto! Se axaiponou por mim e eu comecei a irritar-me com aquilo. Depois eu pensei e decidi ir a casa dele conversar sobre isso, e ele disse que um dia eu ainda ia ser namorada dele.

— eheheh

— Bom, namorada eu fui, isso ele não mentiu, eu fui com a cara dele, e um dia, também ele me pediu em noivado, aí eu disse: vou pensar no caso, ainda não estou preparada para casar.

— Mas quando disseste que estavas finalmente preparada ele... pumba!

— Ele tinha uma academia, só de homem, onde se fazia musculação. Ele um dia abriu a academia, tomava o pequeno-almoço, fazia o que tinha a fazer, ia para a academia, tásaver?

— Sim.

— E... depois que ele abriu a academia, ele sempre me ligava, e a gente em conversa, ele dizia assim: «Então minha

resposta?, estou à espera, já pensou?», eu disse: «Ó, pensar eu já pensei, mas não sei se vais gostar da resposta...»,

— urr...

— «vá lá eu sou forte!»

— Ei-iiií!

— «Eu sou forte, eu vou aguentar.»

— Fo...oda-se...

— E não é isso, ele continuou: «se for um não... eu vou aguentar, a gente vai ficar amigo na mesma, não vai alterar nada», tásaver era esta a nossa conversa, e eu disse «olha, não custa nada dar-te um oportunidade, mas tem calma comigo, porque eu sou assim e assim e assim assado.»

— Iá.

— Eh... eu disse: «eu quebro o meu noivado, eu aceito», disse sim na cara podre, e o homem ficou tão animado, tão alegre, tão feliz... olha deu-lhe o peripato, abriu a academia mas ainda não tinha chegado ninguém, e ele estava morto ali dentro da academia sozinho, e quando os alunos começaram a chegar, para falar com ele e ele não responder... estava morto, eh pá, foda-se!

— Iá...

— O pai dele não fala comigo, ele diz que eu matei o filho dele, e o irmão dele também não, ele se abria com o irmão, era o confidente... enfrentar a família foi...

— Mas tu agora estás diferente...

— Mas eu fui a culpada, não fui?

— Foste a culpada, tu? Não, tu não tens culpa se as pessoas, se as pessoas têm ataques cardíacos, pensa assim, ele tinha uma academia de musculação, fazia tanto exercício físico...

— Ele não fazia, ele estava lá a gerir...

— Ah pronto ele não era treinador...

— Não, ele ensinava os alunos...

— Mas dizer que a culpa é tua?

— Eu estava lá, eu passei um fim-de-semana lá na casa dos pais, transei com ele, ia na academia, ele me levou lá, fizeram o jantar para os pais dele me conhecer...

— Tu falas do ataque cardíaco... mas tu até lhe disseste uma coisa boa...

— Olha ninguém pode ter alegria demais nem tristeza de mais, acaba por morrer.

— Mas que culpa, tu também foste uma vítima, tu até ias casar com ele, ele estava todo contente, iam ser os dois felizes...

— Ou eu ia ser muito feliz, ele me amava de uma tal maneira, ele esperou por mim.

— Lá está, vocês iam ser felizes, ele morreu e tu ficaste infeliz, que culpa tens tu que ele tenha ficado tão feliz e tenha tido um ataque?, não tens culpa! Foi uma desgraça, para a família dele, para ele e para ti, não é?, tu também foste vítima dessa desgraça... e se formos a ver... também não tens culpa do primeiro que se suicidou no candeeiro público, não é?, esse quis vingar-se de toda a gente, que culpa tens tu que um gajo se queira vingar?

— Mas tirando a própria vida?

— Tábem mas...

— A vida é bonita mas as pessoas são feias...

— É, a vida é bonita mas as pessoas não conseguem gerir as rejeições, as pessoas não conseguem aceitar que os outros possam não gostar delas, de nós, de não as querer para todo o sempre, olha, há uma música que é assim «o nosso amor será eterno até ao dia em que acabe» não é?, as pessoas quando se apaixonam é para todo o sempre, é nisso que pensam, são apenas namorados e já é para todo o sempre, depois algumas casam outras divorciam-se, os amores começam e os amores acabam.

— A vida não pára, acaba para quem morre...

## O padrinho

Não há aqui ressabiamento e muito menos misoginia, há o aceitar da realidade. Eu e a amiga que tenho na vida real somos agora irmãos. Fomos homem e mulher, agora somos só irmãos. Queremos o bem, o melhor para o outro. Ela gostaria de vir a ser a madrinha de um filho meu e eu aceito que o Cá seja um bom sucedâneo meu. Tenho de admitir que é um senhor que a ama, talvez mais do que eu alguma vez a amei. E ele tem também a disponibilidade e a estabilidade necessária para que a minha amiga viva bem. É claro que este viver bem é aquele que a sociedade qualifica como casamento feliz, o presente deles é bom, melhor do que algum que eu lhe dei, e o futuro deles contém projectos mais adequados à sua escala, ao que ela qualifica de bom viver.

Cá é uma excelente pessoa, mais velho que nós, podia ser aliás meu pai, vive num bom apartamento, tem uma reforma fruto do trabalho de uma vida inteira e não é um reformado inválido como eu, é um senhor respeitado pela vizinhança que dele só diz bem. É também o cozinheiro que eu não consegui ser para ela: no meu tempo, ela pesava trinta e poucos quilos, hoje pesa cinquenta. Isso diz-me que não era só por ela achar insosso o meu arroz que não jantava o meu menu quando me vinha visitar. E com efeito, ontem, ele cozinhou javali no forno com batatas e arroz à parte.

Eles convidaram-me e eu aceitei ir jantar à sua casa. Estive lá quatro horas e vim-me embora por volta das onze da noite. Conversámos os três de modo franco, sobre a relação deles e o que às vezes corre mal e eu apercebi-me que talvez ele não se tenha apercebido do papel que eu tive na vida dela há bem pouco tempo, e eu deixei que ela se tenha resguardado por detrás da frase «ele é o meu irmão aqui em Derza», ela é diplomática e o segredo foi por mim igualmente guardado, e foi por isso que, eu-próprio, fui capaz de o ouvir afirmar sem a minha face trair o coração, que não acreditava que ela tivesse sido tão feliz sem ser na companhia dele, deixei-o continuar a ser feliz mas fui-lhe

dando indicações de que pelo menos a nível psicológico eu fui importante na vida dela.

Falei-lhe que, quando a conheci ela me falava fixamente da ponte Luís I e ela não negou eu dizer que ela só não se atirou rio adentro porque eu lhe disse que o deus dela pune os suicidas com o inferno, falei-lhe que me neguei a aceitar que ela quisesse comprar uma caçadeira e que ela andava à procura de um suicídio assistido através de um homicídio provocado, falei-lhe que o estado em que o marido a havia deixado tornara-a permeável a qualquer oferta de emprego em troca de corrupção emocional. «Cá, ela bebe para esquecer, ela não é má pessoa, só não consegue controlar o número de garrafas, não sabe dizer não ao álcool, não sabe dizer esta foi a última.»

Ao dizer isto, ele concordava e dava exemplos do que corre mal entre eles, parece que ela teve um clique e partiu pratos, houve discussão e os vizinhos chamaram a polícia, eu disse então para ela que no meu tempo nunca nos zangámos a sério e perguntei-lhe porque faz ela isso. E percebi que ela tem de facto muitos quartos no seu coração, tem uma casa no seu coração e um dos quartos é habitado por mim. Foi com esta aceitação e convergência de ideais que nos conhecemos há quase três anos. Será sempre assim. Ela não expulsa do seu coração os homens que lhe quiseram bem, estes homens tornam-se irmãos. Eu sou irmão dela. E disse-lhe que não devia ignorar que se o seu passado foi acidentado e se o seu presente é bom, não deve estragar o futuro que vai construindo a cada dia com Cá. «Todos nós estamos a correr para velhos e tu também minha irmã, quantos homens bons irás tu ainda encontrar na tua vida? Olha que o Cá é um homem bom e faz tudo por ti.»

Faz mais do que eu alguma vez poderia fazer e contento-me hoje com o papel de padrinho. O meu caminho segue paralelo. Sinto-me bem por ter conseguido terminar uma relação sem que houvesse dor e sinto-me satisfeito por ter passado o testemunho a uma pessoa boa. Ela viverá melhor com ele.

Dela guardarei, além do seu carinho, a voz maravilhosa que me deu a conhecer da Clara Nunes.

## Mixtape for a kiss

(Madredeus no youtube)

— Geralmente eu penso que falo muito mas não faço nada... mas eu já tenho a minha cruz...

("a barca da fantasia / o meu sonho acaba tarde / deixa a alma de vigia")

— ... eu não quero cometer os mesmos erros...

("acordar é que eu não queria")

— ... estou tentando ser diferente...

— Vá, escolhe uma música.

— Eu sou meia míope, eu sem óculos não enxergo!

— Olha, esta também é fixe!

— Num gosto.

— Dá uma oportunidade!

— Não simpatizei.

— Ó...

— Pá, quando gosto gosto, quando não gosto não sou obrigada a...

— Escolhe aí uma música!

— Ã... aquela música... a...

— Amor Electro, a máquina, a nossa música?

— Isso!

— Ei já não ouço isto há muito tempo.

— Quero essa música no meu telemóvel.

— Tá bem.

("não ter o que fazer/ tudo a acontecer")

— Já viste como eu sou uma mulher sortuda?

— É! És muito prendada!

— Ihiihihii... na verdade eu sou uma mulher sortuda, toda a gente gosta de mim...

— Pois...

— Bom, pelo menos a maior parte dos homens... eu acho que sim...

— Sim, mas não só, as mulheres também, nem todas te querem foder, por exemplo a Vanda do bar... ela gosta de ti, ela

compreende a tua natureza, ela gosta de pessoas como tu... vê-se que é uma pessoa fixe, que encara...

— Não sei porquê, mas eu acho que tu estás interessado na menina...

— A Vanda é muito bonita... é bonita, achei interessante, é um regalo para os olhos.

— Estás interessado nela...

— Não estou nada, é bonita, mas não vai acontecer nada, não vou fazer nada, não vou...

— Mas estás interessado...

— É bonita, é interessante, gostei muito dela hoje, do vestido, das tatuagens...

— Anda lá, diz a verdade para mim!

— Não estou nada interessado não... mas gostei.

— Anda lá, somos amigos pô... quer dizer... eu posso falar das minhas merdas... e tu não falas das tuas porquê?

— Não... é... é uma mulher e não uma menina, é uma mulher de vinte e cinco anos... deve ser a idade que ela deve ter... tava muito bem vestida... muito bem apresentada para uma empregada de bar... o corpo é fabuloso... as tatuagens são bonitas...

— humhumm...

— É atraente... mas agora... não me vou meter com ela, ela está a trabalhar, não vou estragar o trabalho dela... só por causa dum... fetiche... ela é bonita de ver, é fixe para toda a gente, enche o bar, ganha clientes...

— Ela é carismática...

— É, ela é um pouco como tu, ela atrai as pessoas aos bares, tal como tu só por estares num bar as pessoas acabam por entrar no bar... ela é igual...

— Ã, eu fiz quem entrar no bar?

— Tou a dizer... a tua presença, a tua cara é tão carismática... as pessoas sentem curiosidade...

— Ah, estás falando do Araújo!

— Qual Araújo?

— O negro...

— Ah aquele... tu disseste que o conhecias do...

— Sim, mas ele estava ali acompanhado de muitas mulheres...

— Mas ele quando veio falar contigo, ele estava sozinho...

— Mas naquele dia que a gente foi lá à esplanada, ele estava com muitas mulheres...

— Mas estás a falar de quem? Aquele que falou contigo agora neste bar?

— Sim, o negro.

— Quando é que eu o vi antes?

— Eu vi ele quando nós fomos lá na primeira vez...

— Ah, na Terça-Feira ele estava lá? Não reparei...

— Eu fui contigo fumar um cigarro, ele olhou para mim, eu olhei, ele sorriu e eu fiz assim...

— Ã... Não reparei, só reparei hoje pela primeira vez, não tinha reparado nele... olha tens o isqueiro?

— Eu não, não tenho o teu isqueiro. Ou eu tenho? Deixa eu ver.

— Ora vê.

— Não, não tenho, tenho o meu, é... se quiser me revistar?

— Não...

— Ah, está aí no teu rabo, estavas sentado nele, olha... já ia levar por tabela!

— Não... eu estava a perguntar porque assim ajudaste a encontrá-lo.

— Eu sou tudo menos ladrona! Vê lá, presta atenção, já estás farto de me conhecer.

— Claro, não estou a dizer nada disso, não entres em filmes, não estou a duvidar de ti, perguntei porque podias tê-lo visto, não é? Para ajudar a encontrar... E agora qual é que queres? Olha, esta é fixe!

— Não quero, não sei quem é.

— Pronto, esta agora é fixe!

— Num gosto, não gosto dessa música!

(The Gift: ”Talvez por eu não saber falar de cor/ Imaginei”)

— Ah gosto!

— É, é bonita...
— É, eu só não gosto do princípio da música...
— Mas tens que dar uma oportunidade...
— É mesmo uma voz do caralho...
("O teu virar de costas/ Um último adeus")
— Sabes que ela é casada com um cantor de heavy metal? É assim uma junção de mundos diferentes...
— É mas cada um vive à... ele tem a ideia dele que é cantar o que gosta, aquilo em que acredita... e ela também...
— Sim, e às vezes colaboram os dois, cantam juntos...
— E?
— É fixe, é bonito até.
— Quer dizer que?
— Gostam um do outro, gostam de fazer coisas em conjunto, isso é bom...
— É vero!
— Olha, esta tem o Rui Veloso, gosta desta?
(Perfume: "câmara lenta/ oito ou oitenta)
— Veríssimo, é o meu amigo, já estive com ele pessoalmente, eu sou uma pobre mas sou uma pobre vip foodasse ihihih
— Sim já me tinhas falado...
("o livro que não li, o filme que não vi")
— Dá-me um beijinho...
— Tu gosta muito de mim, não gosta?
— Um bocadinho! Dá-me um beijinho...
— Au au, olha que eu mordo! Bom, já dei!
— Estás-me a olhar de lado? Eheheh...
— Tu és bandjido, olha que da tua escola eu fui expulsa.
— Só mais um...
— Never!
— Jamais?

— Eu jantei ainda agora...
— O que é que jantaste?
— Macarrão com salsicha!
— Ainda tens?
— Sim, não vês que eu voltei para casa dele.
— Mas eu só te dei um pacote e duas latas, um pacote só dá para duas refeições.
— Mas aí eu tomei água.
— Iá...
— Quando eu olho para a minha casa e ela está de cabeça para baixo, chega a dar-me uma tristeza, no máximo em dois dias eu ponho ela em ordem. Tem que ser. Tu já jantaste?
— Já. Já são quase nove horas. Eu daqui a pouco até me vou deitar, mais uma hora ou quê e...
— Ora eu me acordo e você vai dormir? Danou!
— Ihihih, sabes como é o meu sistema, deito-me sempre cedo.
— Eu vou dormir aí estilo meia-noite praí, vou assistir ao filme, vou dormir, amanhã tenho de acordar cedo para ir resolver os meus problemas, dependendo da hora que eu acordar eu vou lá buscar as minhas coisas... e entregar a chave dele.
— É o que fazes melhor, ele mandou-te embora.
— Eu fiquei revoltada com ele é porque... foi a maneira como ele falou «saia de dentro da minha casa», e me humilhou.
— O que é que ele disse mesmo?
— Saia de dentro da minha casa!
— E a que horas é que ele disse isso?
— Quando eu cheguei.
— A que horas é que chegaste?
— Sei lá, umas cinco, seis horas da manhã.
— Ele queria que tu saísses de casa às cinco da manhã?
— Pois. Mas eu estava com sono e fui dormir.
— Claro, foste dormir, e onde é que ele dormiu?
— Ã!, ele dormiu no canto dele... mas ele dormiu e quan-

do eu cheguei ele acordou... e depois não dormiu mais, ele saiu, uma coisa assim, eu peguei no sono e acordei na hora do jogo, olha o meu Boavista ganhou de três!

— O Boavista ganhou três?

— Quando eu saí estava três a zero e não sei quanto ficou no final.

— Espera aí que eu vou ver, deixa ver se eu consigo ler na net o resultado do Boavista... ah, o Boavista ficou três a um...

— Eu não estava reparando muito no jogo, depois de terminar o jogo eu estava sentada numa mesa e ele estava sentado noutra, mas eu nem falei com ele nem nada, não quis conversa, portanto... eu ia falar com ele para ele me tratar mal? Não!, e à frente dos outros? Aí é que eu me ia passar dos carretos.

— Iá...

— Eu fiquei num canto e ele ficou noutro e quando terminou o jogo ele ficou mais um pedaço ali, depois foi embora para casa dele, depois... ele voltou, só para ver se eu estava lá, ele voltou, sentou numa mesa, e nem passados cinco minutos levantou-se e foi-se embora. Foi quando eu me vim embora, terminei a minha cerveja, vi um pedaço do Boavista e vim embora, se ele voltou lá novamente eu não sei, também não me interessa, quero lá saber, para mim ele morreu, está morto e enterrado, agora não tem volta, quero a minha liberdade, estou na minha casinha estou no meu canto, não me chateio não digo nem escuto. Não é?

— É, acho que sim.

— O homem sempre a duvidar... como é que eu ia saber se era homem ou mulher quando o telefone tocava e eu não atendia porque não conhecia o número?

— Diz...

— Eu disse: ninguém podia ligar-me para o telemóvel que ele queria saber quem era, e eu sou obrigada a dizer quem me liga?!, ele queria saber se era homem ou mulher... havia dias em que chegou às duas horas da manhã, duas!, quer dizer... ele pode sair e eu não posso?, a hora que eu quiser ora que caralho!, desde quando ele é meu dono?

— Claro!

— E apeteceu-me ir tomar uma cerveja e fui, o bar estava fechado, então fui ao da porta ao lado, bebi paguei e olha, e fui-me embora, quando eu chego depois ele acorda e diz «saia de minha casa!», ele tratou-me como se eu fosse uma cadela, ele que fique com a riqueza dele, eu fico aqui na minha pobreza...

— Tratou-te mal.

— Mas ele não é meu dono, ninguém é meu dono, eu sou dona de mim própria.

(Silêncio na chamada pela câmara web, ouvimos um vinil de música andaluza marroquina.)

— Gostas mais desta música?

— Não. Música indiana é muito mais bonita.

— Não gostas? O que queres ouvir? Queres ouvir Nubinha?

— Pode ser.

— Eheh eu já tinha saudades destes momentos. Vais ouvir Nubinha. Nunca ouviste Nubinha pelo computador!

— Pode ser.

(Então eu ponho um lp de Núbia LaFayette a tocar no gira-discos, a primeira música chama-se Lama, fala de humilhações conjugais.)

— Estou sem net no telmóvel. Não posso falar com a minha mãe.

— Tens que te ligar à rede do computador pelo wifi.

— Ah mas eu não sei como isso se faz.

— É fácil, é ir ao router e ver por trás o nome da rede e a palavra passe e depois meter no telemóvel.

— Ah mas eu vejo isso amanhã, deixei lá os meus óculos...

— Tem a lupa!

— É! Com um olho fechado e outro aberto?

— Escreves num papel.

— Quando eu criar coragem que eu daqui não saio agora.

— Tábem, não precisa de ser agora.

— Também agora não vou falar com a minha mãe, mas nem consigo jogar, não tenho os óculos... diz?

(Ouve-se Núbia a cantar «Devolvi» e eu começo a cantar o refrão.)

— Ah mas eu não devolvi nada, que ele não me deu nada, quero dizer, para não dizer que ele não me deu nada ele deu-me umas botas e eu gosto muito delas.

— Já trouxeste?

— Não, estão lá. Vou lá amanhã.

## Eu sou santinha mas não obro milagre, a santa é de barro, eh pá, deixa de ser mal-educado

— Então, vamos lá falar das nossas amigas...
— Que nossas amigas?
— Das nossas amigas do bar.
— Que bar?
— ihihih sabes que a própria empregada estava a fazer-te olhinhos!
— Quem?
— Esta nova empregada...
— Ãaaa...
— Também te perguntou «que música quer ouvir?»
— Eh pá, tu és do piorio...
— E depois à saída saudou-te tchau beijinhos...
— Eu não vi nada...
— E eu também saudei e disse tchau para ela mas ela fez uma cara...
— Ahahah!
— Mas pronto, tás curtindo com minha cara, é?, tu estás inventando coisas...
— Ora, eu estou a dizer a verdade...
— A verdade é que ela me veio perguntar qual era a música que eu queria e eu disse «por mim tá tudo bem», depois eu podia querer uma música que ela não tinha...
— Ela iria procurar.
— É verdade eu gosto daquela música «eu só quero é ser feliz», põe essa música, anda lá, «morar tranquilamente na favela onde eu nasci», bom, eu não nasci em favela mas gosto do povo que mora lá, morro do dendé. Parece que naquele dia eu estava muito concorrida.
— É, estavas.
— Eu imagino se ele me visse lá ihihih eu ia cagar de tanto rir.
— É, se fosse um homem saltava-lhe a tampa mas se visse

que era uma mulher saltavam-lhe duas tampas.

— Ihihih...

— Vamos lá contar a história outra vez, conta lá do teu ponto de vista, faz o filme, o resumo.

— Eu faço o filme verdadeiro.

— É isso, conta os pormenores à tua maneira, conta a verdade.

— Bom, nós estávamos no bar, eu «santinha muito sossegadinha no meu canto né», estou ali com a minha cerveja... portanto, o meu colega aqui do lado, que se chama Ru, estava todo empolgado, parecia que tinha visto passarinho verde, todo risonho prá gaja, foi assim que eu vi o filme, todo risonho todo empolgadão, de repente ela tem assim um piti no cérebro e me diz que eu sou muito bonita e me chama pra dançar...

— Eheheh...

— Tem uma piada não tem?

— Eu achei piada porque ela entrou no bar e dirigiu-se à casa de banho, passou por mim, olhou para nós, olhou para mim e riu-se, eu pensei, eu liguei logo as antenas, disse logo «vai haver festa».

— Ah pois!

— Depois ela voltou, saiu, voltou outra vez, comprou duas cervejas, pegou nas cervejas a olhar para nós e a rir-se, para mim e para ti, ainda dançou um bocadinho a olhar para nós, a sambar pelos vistos muito mal...

— Realmente aquilo em termos de samba é como diz o outro «jesuí»

— Pegou nas cervejas, sambou um bocadinho, foi lá para fora, depois voltou para dentro já sem as cervejas e foi aí que fez aquela brincadeira, eu estava meio parvo a rir-me porque estava todo contente...

— Ahahah

— Estava a ser um espectáculo interessante, estava a divertir-me com a dança dela...

— Ah tá! Aquela palhaçada...

— Ela a olhar para mim e ela a olhar para ti, depois é que

disse «você é muito bonita, não quer dançar comigo?», tu disseste «não sei dançar não».

— É verdade, realmente com mulher não sei dançar.

— E o que ela disse, ficou assim meio parada, acho que fez uma cara meio esquisita, e depois perguntou-se «mas eu vim aqui procurar qualquer coisa», deu meia volta, dirigiu-se para fora, na soleira sambou mais um bocado, olhou para trás, ela tinha um puxinho na cabeça loura, corpo lindo, devia ser mais nova que nós...

— Eu só sei de uma coisa, você todo empolgadão e o tiro saiu pela culatra, ihih que vergonha ihihih.

— Oh que vergonha não, não estava à espera que ela gostasse mais de mulheres que de homens.

— Ó pá, e eu estava à espera? Eu estava achando engraçado é que tu estava todo empolgado...

— Estava pois estava...

— E de repente levaste um tiro pela culatra, que vergonha...

— Mas eu, na altura, nunca duvidei, nunca duvidei de ti, quando ela te fez a pergunta eu nunca duvidei de ti, não olhei para ti a ver o que respondias.

— Tu acha que eu sou parva. Com certeza que tu disse «caralho, eu pensando que a rapariga me tava dando bola».

— Iá...

— E eu santinha no meu canto tenho de levar com isso.

— É, a gente no nosso canto, a curtir a nossa música, a ver os vídeos da Anitta, a beber a nossa cerveja...

— Ó meu filho, a concorrência é grande, tu perde...

— É o que eu sempre digo, eu perco sempre, mas... quero dizer, no fim tu voltas sempre para mim eheheh.

— Ó pá, eu não tenho outro amigo.

— Pronto, mas eu naquela noite cheguei a casa e pensei «nós somos mesmo o duo maravilha, ou é cerveja de graça ou é alguém que torna a noite divertida». Até falei ao Xis e disse «a minha amiga e eu somos o duo maravilha, divertimo-nos sempre quando vamos ao centro, ela é carismática, as pessoas ficam

como que enfeitiçadas, metem-se connosco, com ela, ela agrada tanto a homem como a mulher, ela gosta de estar no meio da multidão, no meio do fumo, observar, curtir a música, o ambiente, agora a gaja, que se chegou à frente, olhou para mim a ver se eu dava autorização»...

— Tu estás bem, desde quando tu é meu pai?

— Eu pensei que quando ela entrou no bar e olhou para mim ela me conhecia de algum lado...

— Você conhece ela de algum lado?

— Não, mas como eu pus aquela foto minha com o cromo na testa... sei lá se ela não viu a minha cara em algum lado, eu pus também já fotos tuas...

— Ah deixa eu ver!

— E então ela podia nos conhecer ou conhecer um de nós. Então, quando ela começou a dançar e olhou para mim, como eu não me manifestei e estava ali meio parvo a rir-me, ela viu «este gajo não diz nada, é lelé da cuca, eu quero me'mo é ela, vou mas é fazer-me ao bife, porque é ela que eu quero», mas depois tu deste-lhe o corte e ela sentiu-se fodida, dançou mais um bocadinho para disfarçar e foi ter com um grupo que estava na esplanada, deu beijinho a todos e sentou-se com eles.

— E fez muito bem.

— Prontos, mas para que as pessoas que nos ouçam não se fiquem só a rir de ti e dela, também tenho de dizer que eu também tenho, às vezes, algumas ideias malucas, em que nem sei bem se sou homem ou mulher, lembras-te dos beijinhos que mandei ao senhor da galeria?

— Ihihih foi mesmo engraçado.

— Eu estava contigo nessa tarde e ele telefonou e perguntou se eu estava bem, eu disse que estava no paraíso e ele perguntou «como assim?», eu disse que estava com a minha amiga, então ele compreendeu, falámos dos nossos assuntos e no final eu, ao despedir-me, mandei-lhe beijjinhos, perdi a noção de que estava a falar com ele, pensei que estava a falar contigo mas tu estavas ao meu lado eheheh isso é que tem piada...

— É engraçado que o teu tiro sai sempre pela culatra, tu

não sabe que não pode comigo? Eu sou uma deusa!

— É, para mim tu és uma musa.

— Sabes o que eu acho? É que só há dois animais fiéis: o cão e o cavalo marinho, ele é fiel à companheira e vocês... aparece sempre uma gaiata no navio, estavas ali, os teu olhos brilhavam, um sorriso de orelha a orelha e depois... que decepção, os seus olhos murcharam...

— Ó sabes o que eu pensei quando cheguei a casa, é que há sempre alguém que me quer roubar a amiga, já não é a primeira vez, já uma vez eu tinha uma amiga galega de vinte e poucos anos, nós fomos um dia prá noite de Derza divertirmo-nos, e olha... pagaram-nos cerveja, charros, paniques de chocolate e ovo, chegaram até a meter conversa para ver se eu me perdia dela, mas olha, no fim quem a acompanhou ao metro às seis da manhã fui eu! E contigo é igual: tu voltas sempre para mim.

— Tenho de ir para casa, gosto daquela música «me dê motivos para ir embora», põe em ecrã grande.

— Ah sim o Tim Maia.

— É a última, depois vou.

## Fim

— Eu preciso de uma mulher que goste de mim e faça amor comigo e não de uma mulher que gosta de mim e me quer apresentar aos namorados e está à espera que eu a ajude quando ela não tem mais ninguém e nas outras situações me ignora porque eu não sou de querer pagar-lhe as contas nem de dizer que quero casar com ela.

— Ru, com que propósito você me mandou está mensagem eu pensava que você era meu amigo o Cá abriu a porta da casa dele e VC faz isso com ele, ele te considerava como amigo e vc apunhalou ele pelas costa dele a quem não merece, pensei sempre que sua amizade fosse verdadeira mas afinal é falsa e não temos nada mais para conversar. Eu pensava que você queria minha felicidade mais me enganei

# Epílogo

O primeiro sinal foi quando o galerista veio buscar o quadro que tinha encomendado e eu falei dos quadros que já pintei este ano e lhe disse que Shivana, motivo dos últimos quadros, deixara de o ser. Há quase três meses que não nos falamos, disse-lhe. Ele opina e diz que se calhar a relação era uma coisa sem fundo, sem futuro. Eu defendo-nos e digo que não foi bem assim mas tudo aconteceu porque eu não quis ser deixado para trás. Ela estava lá com ele e quando se zangava vinha para aqui beber cerveja e eu cansei-me, eu gostava dela mas ela sempre gostou de homens mais velhos, e ele até era bom para mim, chegaram a convidar-me para almoçar e ele cozinhou, cheguei a comer javali. Claro, disse o galerista, não quiseste ser trocado. Sim, não quis ser menino de mão. Quis tê-la, quis oferecer-lhe tudo o que Cá lhe dá mas ela sempre olhou para os meus esforços com displicência, sempre me viu como o seu padrinho de casamento, o seu amigo em Derza, no fundo desisti. Achei que não valia a pena continuar a amizade e, para que ela não insistisse, fui bruto e mal-educado nas palavras.

O segundo sinal veio na manhã seguinte a esta troca de palavras com o galerista e por volta das oito da manhã quando recebo uma chamada que me faz despertar do sono já em fase terminal e ao olhar o número no visor não o conhecer mas mesmo assim atender a chamada e desligarem. Ao pensar quem poderia ser que me ligasse àquela hora, fiquei mal disposto toda a semana, sim, suspeitei que fosse ela, ela chegou a ligar-me de um número novo das últimas vezes, um número que não guardei... fiquei tão mal disposto que me pus a lembrar ela ter dito que eu apunhalei o Cá, que traí a sua confiança. Defendi-me nestes dias dizendo a mim próprio, convencendo-me que se eu o traí foi quando a levei comigo à exposição na galeria, ele deixou afinal naquela tarde, eu estava lá a almoçar, eles zangados um com o outro, ela a dizer ironicamente «sim patrão», e eu salvei-os da discussão deles se agravar, dei-lhes um tempo, roubei-lha por três horas com o seu consentimento, ela esteve

feliz comigo e até me disse elogiosamente «ah bandjido como foi capaz», mas, à noite disse-me ela noutro dia, quando voltou a casa dele, ele fez uma cena de ciúmes e pôs-se a tentar adivinhar o que diriam os amigos se vissem a mulher dele, como ele disse, a passear com outro. Já o verdadeiro marido, esse está longe e parece não notar os chifres, esse mudou de orientação sexual ou revelou-se finalmente, nem sei como ela nunca desconfiou. Mas ela gosta mais deste Cá, que podia ser meu pai, do que de mim, é ele que lhe dá garantias, ela mudou a verdade dos factos porque gosta dele... ah pobre de mim, que tenho pulgas e não marisco para cozinhar! Que me sirva de exemplo... vou pôr tudo para lavar, vou comprar ácido muriático para limpar a sanita, vou ganhar o brio da limpeza e da higiene.

Hoje, depois do almoço com os meus pais, depois de chegar a casa e estar a fumar um charro, depois do Giuliani vir oferecer um charro e falar sobre revisões ao texto final dos Contos de Deus e da Cidade, Volume 1, novo livro em edição de autor, depois de eu oferecer um café ao Vermelho e ao Giu, depois destes momentos ricos de convívio social, o telefone toca, Shivana liga e eu deixo tocar. Não atendo porque estou com o Giu e o Vermelho a tomar café e a fumar. O Vermelho vai ficar hoje na ilha a dormir, porque à hora a que os jogos de Domingo terminam, ele já não tem transporte para casa, faz tenção de ir ao supermercado buscar uns rissóis para o jantar, o Giu também sai, vai reler a cópia impressa do seu novo livro à cata de erros e alterações, dia oito quando cair o dinheiro da reforma na conta bancária já terá um novo livro para «atingir o Nobel». Ó Giu, tinhas que estar traduzido em sueco, digo eu tentando desiludi-lo, mas ele responde dizendo que tem uma amiga sueca, o seu marido chegou-lhe a emprestar dinheiro, está bem Giu.

Fico sozinho, e ponho-me a pensar: olha, ligou, deve estar desgraçada... ela volta a ligar e, desta vez, eu atendo.

— Oi.

— Olá.

— Eu sei que te devo dinheiro, quero combinar encontrar-me contigo para te entregar. O quadro... eu agora não tenho

possibilidade mas quero que você guarde para mim.

— Não, eu não quero o quadro de volta, senão pego nele e deixo-o numa paragem de autocarro para quem o quiser.

— Atão fico com ele.

— Ok.

— Outra coisa, eu acho que te devo oito euros mas posso te dar dez pelo teu trabalho...

— Sim as tuas contas estão certas mas aceito o teu dinheiro.

— Amanhã podes vir ter à estação ao meio-dia? Agora estou a trabalhar...

— Ah que bom! E a fazer o quê?

— A cuidar de idosos, era o que eu queria fazer, queria trabalhar num hospital mas aqui até é melhor, não temos de dar injecções, por um lado estou muito feliz.

— E pelo outro lado?

— Também, estou muito bem, minha mãe me liga, o meu filho também...

— Ainda estás na Vendana a viver?

— Sim, ando entre a Vendana e a Lâmpada, vou passando o tempo lá e perto da estação onde é o lar.

— E o teu marido já voltou?

— Já voltou, já foi e vai voltar outra vez, mas eu não tenho de lhe dar explicações, ele continua a pagar as contas do palácio da Lâmpada onde às vezes estou... quanto ao divórcio, ele continua a dizer que não. Mas ainda este mês vou meter os papéis. Olha, estou noiva!

— Para quando a boda?

— Trinta de Fevereiro!

— Ah isso não é novidade, já tinhas dito antes, é como tu ires ao Brasil, só acredito quando vir o bilhete comprado na tua mão.

— E vc está bem?

— Vai-se andando. Olha, fico contente por ti, por teres arranjado trabalho. É contrato ou recibo verde?

— Contrato de seis meses.

— Sim e renovável, passas a ter direito a subsídio de desemprego, é melhor que o rsi.

— Claro. Eu gosto tanto, eu dou tanto carinho às senhoras, elas gostam de mim, estou feliz.

— Olha, o livro está quase pronto...

— Pois, depois eu quero uma cópia.

— Claro e de graça, o livro é de nós dois.

— Sim, depois eu vou levar para mostrar a minha mãe.

— Eu menti nos nomes mas falo lá de todos e de nós, do teu marido, e... achas que ela vai gostar?

— Eu digo a verdade a minha mãe, eu não escondo nada dela.

— Só espero que ela não te rejeite.

— Ela me ama, está descansado.

— Olha, vou desligar porque agora vou ver o Porto jogar.

— Sim, eu também, depois eu te digo quando tenho uma folga e combinamos para te pagar os dez euros, está bem?

— Não te preocupes. Beijinhos.

— Beijinhos.

ZMB069

## INTERVALO

RU

«Engana-me que eu gosto» diz a canção, «tell me lies» cheguei eu a caligrafar.

E é bem verdade: Enquanto somos enganados, vamos sendo felizes e vivendo bem.

O pior é quando a verdade te dá um tapa: Vai tudo pró maneta bater punheta

## O fim da cidade-paraíso

Ru sempre fora um nostálgico. Não tivera uma infância. Afastado da sua cidade natal sofria do mal das saudades. Fora assim durante os estudos universitários, seis anos passados a ir e vir de comboio ao fim-de-semana, da universidade para casa, nascera com dezoito anos e saíra de casa praticamente sem conhecer a cidade mas já nostálgico, a cidade era mito, sabia que voltaria um dia, passou parte desses anos imaginando subir as ruas na direcção do autocarro, que o levaria a casa de seus pais, carregando telas para pintar. Ru estudava electrónica mas viera-lhe o desejo de pintar quadros, não se importava muito com o futuro, tinha apenas o desejo um pouco romântico de pintar, a sua relação com a arte era ambígua, sabia que era difícil vir a ter um nome estabelecido no mundo da arte, mas na sua alguma inocência pensava que seria o suficiente forte, que produziria obras que desmaiariam os críticos, sonhava com uma exposição retrospectiva em Serralves quando fosse um decano de oitenta anos, uma bomba prestes a explodir com o alguma-vez-conhecido, o alguma-vez-feito na pintura em Portugal, sonhava que iria sempre andar pela sombra, ilustre anónimo sem ninguém nele reparar até um dia... um dia esse dia chegará, dizia ele e olhava para alguns quadros na parede daquele que pôde ser considerado o seu primeiro quarto atelier, O Covil, é esse o nome que lhe deu, esses quadros deram-lhe um fundamento, um futuro que ele quereria aprofundar, disse a um pintor chamado Zé de Aveiro que o seu futuro seria trabalhar como engenheiro e viver a vida comprando telas para pintar, mais tarde quando o seu futuro imediato foi pôr parte do oceano entre si e a sua cidade natal, mais tarde quando emigrou, dando um passo de fuga em frente, disse a um colega de trabalho que não queria ser um Sunday Painter, era algo que ele não queria, isso de ser pintor nas horas vagas, esta mudança de ideias aconteceu no espaço de um ano, a sua mente mudou no espaço de um ano, a ilha para onde foi residir e trabalhar deu-lhe o conhecimento de uma nova língua, havia quadros em todos os bares e cafés que frequentou, havia

bibliotecas, estúdios de arte abertos ao público, centros artísticos e universidades, tudo de fácil acesso, mas faltava a mulher, Ru não tinha mulher nem deixara namorada em local nenhum, deixara apenas a lembrança, ela fora sua até ao momento em que a sua vida explodiu, depois recusara continuar com ela porque não tinha já o amor-próprio para gostar de si próprio e para poder gostar de estar com alguém, o seu futuro era fugir do mundo mas haveria sempre mundo em todo o lado e ele não contava que tivesse saudades dos portugueses, quando foi disse que não voltaria, enquanto lá esteve tentou permanecer ou mesmo mudar de país de trabalho mas... a verdade é que Ru não sabia como safar-se sozinho num país estrangeiro, o dinheiro que recebia era pouco, o contrato terminara e ele perdera a bolsa que recebia de Portugal, estava já a trabalhar por menos dinheiro à espera de uma renovação com aumento de salário, tal não ocorreu e Ru decidiu apanhar um avião de volta, voltou a casa pelo natal, parecia um extraterrestre, trazia na bagagem livros de arte, música nova, estudos em papel, uma ou outra tela pintada, e muita vontade de ser alguém... na arte, a electrónica era uma miragem, continuava a não pensar seriamente no ganha-pão, não aprofundava os seus conhecimentos, durante uns anos ainda teve um currículo e arranjou empregos mas o seu persistente desinteresse fez com que acabasse despedido ou se demitisse, durante estes anos que se podem chamar de adolescência residiu parcialmente em casa dos pais, o restante tempo em quartos alugados nas cidades onde de momento trabalhava, chegou até a viver no hotel, a empresa pagou, a idade adulta chegou no Verão em que fez trinta e cinco anos e foi internado pela última vez, a quarta vez, a idade adulta chegou porque Ru conheceu a mulher que o fez esquecer a mulher que estivera mais de dez anos na sua memória, não conhecera até aí ninguém que o fizesse esquecer essa mulher, essa mulher nova era uma aspiração de Ru, algo que ele escrevera como: ter um futuro sem passado. Esta mulher nova fê-lo esquecer tudo o que dentro da cabeça de Ru o preocupava e o obcecava: a sensação de culpa, a sensação de não gostar o suficiente de ninguém, a sensação de ver que não

havia ninguém que pudesse voltar a interessar-se por ele, sim, porque ele degradara-se muito a nível físico, estava sem cabelo, gordo, com poucos dentes não cariados, com uma doença para toda a vida. A razão para toda esta velhice precoce estava no facto de ele ter querido viver intensamente, recuperar o tempo perdido já que ele aos dezoito anos não tinha o entendimento de um jovem de dezoito anos, por isso eu digo que ele abriu os olhos para o mundo e começou logo a andar apenas na universidade, para trás está o olvido, ainda hoje ele sabe que o mundo não o desejou. Esta mulher nova desejou-o, teve uma necessidade imediata de Ru, e ele sentiu desejo e depois amor, aprendeu o que era o amor adulto, esse misto de carinho, compromisso, obrigação e miséria, libertou-se do passado, foi até capaz de, quando mais tarde a voltou a ver, ignorar essa mulher-passado porque reparou que já não gostava dela, ela também não, Ru viveu livre um novo presente, a dois, um presente proletário, ela empregada de limpeza, ele trabalhando num armazém de artes gráficas. Foram felizes durante algum tempo, alguns anos que deram uma raiz a Ru, consolidaram a crença que o passado foi necessário, foi necessário errar e sofrer com os erros, Ru vive.

Ru é hoje adulto, vive sozinho na cidade onde nasceu, vive com a sua reforma e a ajuda da mãe e de uma amiga, já não é pintor de Domingo, não vende muitos quadros mas vai tendo dinheiro para comprar uns discos e vai pagando a renda a horas, continua a não se dar bem com os vizinhos, eles não aceitam o seu modo de vida nem a companhia da sua amiga mestiça, por não o verem trabalhar e ganhar dinheiro como os normais deste mundo, dizem que ele é um pintor da droga, o que eles queriam era um novo Vinte e Cinco de Abril que lhes devolvesse os escravos e os criados e as terras em Angola, eu estou-me a cagar para estes aprendizes de gorila de claque de futebol e seus paizinhos ou para as invídias das raivosas, que passam com a companheira de cama e o cãozinho e ladram, ladram para o ar a ver se eu fico infeliz de vez: «até parece que ias ser alguém!», se não me deixarem viver do modo que eu quero talvez seja a altura de me enfiar no casulo e só aparecer daqui a

trinta anos, é claro que tudo isto é imaginação, eu é que escrevo sempre o mesmo texto, este: «desde que não deixe de pintar tudo é suportável... haverá sempre vida nas ruínas da cidade paraíso, o problema é quando não se aguenta com a cruz, mais vale deixá-la na berma da estrada.», um dia talvez e depois da perspectiva da borboleta, também eu escreverei a perspectiva do cão, basta de porcos e ovelhas.

## Tragédia e comédia: notas da ilha

onde se prova que a realidade é superior à melhor ficção, neste caso uma realidade trágico-cómica.

1.

Giu, o nosso poeta, foi convidado para uma noite ir ao albergue jantar. Não que não tivesse esse direito mas porque o Presidente ia lá estar. Giu começou a pensar na honra que era poder cumprimentar o Presidente, e começou a perguntar aos amigos se deveria lhe entregar as suas obras auto-editadas. O objectivo de Giu era que o Presidente lhe editasse as obras e o fizesse Nobel. Eu e muitos outros lhe dissemos para não entregar as obras, aqueles seus exemplares eram os últimos exemplares, Giu agradeceu-me e disse que ia fazer de acordo com o nosso conselho. A tal noite chegou, as televisões estiveram lá, houve quem visse Giu a abraçar-se ao Presidente e a entregar-lhe os livros. Segundo Giu, o Presidente disse: «Você entrega-me estes e receberá muitos mais!» Giu ficou contente dois dias e andou a contar o evento a todos e eu ainda procurei na net se havia registo filmado e encontrei o Presidente a jantar com os sem-abrigo no albergue, a ir visitar o local de dormida de outro e entregar-lhe um cartão do cidadão, a distribuir refeições na rua, enfim, um trabalho de mérito e o primeiro Presidente que abraça a causa dos mais desprotegidos.

Mas eu desconfio do Presidente e depois de brincar um pouco ironicamente com o futuro camião de livros que viria numa manhã próxima estacionar à porta da ilha, disse a Giu: Fizeste mal, ele é de direita e afilhado do antigo ditador com o mesmo nome, tu tens um verso, antes de 74, em que criticas o «Deus Marcelo», e ele pode não gostar, não te pode prender porque temos já liberdade de opinião mas pode abafar-te, fazer-te esquecer, deixar os teus livros na estante junto a tantos outros que ele recebe e nunca deles nada fazer...

O certo é que passaram três meses e Giu ainda não viu o camião de livros e já escreve versos no seu Diário do Quoti-

diano queixando-se do Presidente, rebaixando-se ao dizer que, naquela noite, quis-lhe dizer que o Presidente era o pai que ele nunca teve, mas não conseguiu, vieram~lhe as lágrimas aos olhos e chorou no seu peito. É triste.

Andamos todos a começar a mudar a opinião sobre o Presidente, muito blablablá nas televisões e nada de concreto.

2.

Para aumentar a desgraça de Giu, foi-lhe proposto receber a prestação de inclusão, um novo apoio social dado por este governo. Giu assinou os papéis todo contente, iria receber mais algumas dezenas de euros e este mês já com retroactivos, mas o que aconteceu é que acabou a perder o subsídio de férias da sua reforma por invalidez este mês de Julho e a tal prestação ainda não chegou. A gente fez as contas e alguém também lhe disse que o corte seria permanente e igualmente no subsídio de Natal: «Dão por um lado e tiram pelo outro, cabrões!» O resultado foi que o Giu não pode pagar o fiado no café e noutros lados e andou a chorar pelos cantos, a resmungar, a dizer que já não iria ter forças para ver a sua obra editada em vida, coitado do Giu.

O caricato foi ouvir a Bidente contar que o senhor do café veio à ilha uma tarde perguntar pelo calote do Giu e encontrou o mastodonte Luís a pintar as unhas dos pés da Bidente em cor lilás: «Vês Ru, eu também sou pintor!», eu bati palmas e disse «Sim Luís, tu aplicas a técnica à melhor prática eheheh, a cor é fixe!» Ao olhar para o contraste entre o alabastro da pele e o lilás das unhas, imaginei-me Rembrandt mostrando aqueles pés numa bandeja ao imperador Nero.

3.

Estava eu a fazer um charro na casa três quando olho pela cortina da porta e vejo um capacete branco e um uniforme. Demoro uns momentos a reconhecer que é uma polícia motociclista que fala ao telemóvel. Desmarco o charro e toda a gente repara que a polícia chama pelo Luís. «Então Luís, pensas que eu tenho tempo para estas merdas, vá lá... porque faltas-

te à injecção?, tenho ordens para te levar, da próxima vez vais algemado, prepara-te rápido que o carro-patrulha está a chegar!» «Mas senhora guarda, eu faltei porque estava a trabalhar no Parque da Cidade, sou técnico de som!». «Vá lá, veste umas calças quaisquer, anda que eu ainda tenho de ir a outro lado!», O Giu mete-se na conversa e diz «eu também tomo a injecção, sou poeta, olhe este livro que eu tenho à venda, deixe-me recitar um poema...», «Não», diz a polícia «faça um dedicado a mim, chamo-me Rosa.» e o Giu recitou-lhe o poema 'Vácuo' enquanto ela esperava pelo Luís folheando o livro e os agentes do carro-patrulha já perguntavam em que concerto trabalhara o Luís: «Foi primeiro Xutos e depois Toni.» «Bem, estás pronto? anda daí, isso é que é, nós somos um belo táxi!», «Ó senhora agente, vai-me levar o livro sem pagar, ó senhora agente!»

E eles lá foram ao hospital, o Giu fodido foi comprar a receita à mercearia e eu fiquei-me a rir com a Bidente e o Dário, e a tresvariar a canção dos Mão Morta, Giu como o Adolfo cantando: «a bófia roubou-me, roubou-me o livro, rais partam a bófia!»

## SEGUNDA PARTE

## A COMUNIDADE DO ALÉM

Julião diz:
«Mais vale ser fric da passa que fraco da piça»

## Depois dizem que não queremos trabalhar

A minha amiga Raíssa precisa de trabalho. Há quinze dias, encontrei-lhe um emprego no jornal. Fui com ela pessoalmente lá no dia seguinte. A senhora gostou dela. E até de mim gostou, tive de dizer-lhe que era pintor de quadros, se fosse pintor de casas também lá tinha emprego.

— Quando pode começar?

— Amanhã!

Cancelou-se o Carnaval e ela começou no dia de Carnaval.

Numa pausa para almoço, fui ter com ela e ela disse-me:

— Ouve o que a senhora me perguntou: «Santinha, uma senhora veio me dizer que você já andou a pedir...»

— E tu que lhe disseste?

— Eu disse: «ah fale sério, eu não sei o dia de amanhã, mas se precisar de pedir no futuro não terei vergonha, é melhor pedir que roubar.» E ela calou-se e foi embora.

— É, fizeste bem, mantém a tua dignidade, a tua seriedade. Mas sim, as pessoas às vezes fazem tudo para nos deitar abaixo, depois dizem que somos malandros e não queremos trabalhar, a gente procura o trabalho, é humilde ao ponto de trabalhar no escuro porque precisa, e depois há aqueles que só estão contentes em ver-nos na lama, na desgraça. Diplomacia, usa a diplomacia.

No entanto, a diplomacia não a safou e ela acabou despedida. A razão foi que os velhinhos gostaram logo do trato dela. Invariavelmente, tomava o partido deles e eles a ela se queixavam das outras cuidadoras. Assim, as colegas fizeram-lhe a folha: aproveitaram uma falha da Raíssa e chibaram-na.

Dizer ainda que a patroa teve a culpa inicial no descalabro: forneceu-lhe vinho no almoço de Domingo e Shivana aceitou. Após sair do turno nessa tarde não foi logo para casa. Ao invés disso, aboletou-se num café a quinhentos metros do lar de idosos onde terminara o turno, um local onde as suas colegas vão tomar o café e onde a acabaram por ver a apanhar uma borracheira. Bufaram-na à madre patroa e o emprego kaput!

## Uma bela obra do demo

— Atão uma vez a bola foi parar ao campo do Estaca que era meu vizinho. Ele, como era mau, pegou na faca e desfez o couro em pedaços e deixou-os a um canto. Pois, eu saltei o muro e arranquei-lhe as estacas todas, só deixei uma em forma de cruz que decorei com os resíduos do couro da bola...

— As estacas eram de quê?

— De feijão.

— E o Estaca tinha que idade?

— Era vizinho do meu pai. Tinha talvez quarenta anos...

— Ah ganda Giuliani, dá aí um passoubem!

— Eheh e tenho outra... outra vez, desfez-me a bola de novo e eu peguei na diana 27, na pressão de ar e dei-lhe cabo das laranjas do pomar.

— Ihih andaste ao tiro às laranjas. Boa, Eu, olha, o meu vizinho era um senhor idoso que tinha um pastor alemão e quando a bola caía lá... nem sempre dava para saltar para ir buscá-la. Mas tu eras um revolucionário!

— Sim, e depois o meu pai proibiu-me de jogar futebol e eu decidi ser poeta.

## Elogio da pessoa que escreveu Vátistuta

Eu tenho estado nestes dois últimos anos a transcrever livros de poemas do meu vizinho Giuliani. A sua poesia é muito simples, muito básica, pouco mundo e muitos lugares comuns, tem também a ilusão de se achar grande e diz-se incompreendido por nenhuma editora pegar nele. Eu que vejo nele um amigo e um bom vizinho ainda que, às vezes, um chato do caralho, vejo nele muita coisa na qual não me revejo e nas quais não quero cair quando chegar à sua idade: é um exemplo ao contrário, é vendo a sua ilusão e as consequências da sua ilusão que eu faço por ser uma pessoa com mais juízo, como disse ao Xis e ao Vermelho: ajudar o Giuliani é fazer uma boa acção, todas estas boas acções hão-de compensar as maldades que já cometi. Digo isto como uma piada. Mas o Giuliani é uma pessoa boa e eu sou amigo dele, estou a passar-lhe os livros para o computador e a preparar-lhe os ficheiros para ele imprimir e fazer edições de autor, arranjando mais uma maneira de fazer dinheiro e de subsistir. Tem dado resultado porque o Giuliani tem muitos amigos e amigas e eles vão-lhe comprando os livros, o que o ajuda a sobreviver e a ser menos doente.

Dito isto, pergunto-me quando leio a sua prosa: «Isto não vale nada, porque hei-de eu perder tempo com esta literatura, porque hei-de eu impedir que ela se perda no tempo e no esquecimento?»

Digo isto como nota ao texto que a seguir transcrevo e que pertence a uma nova edição, esta chamada ''Contos de Deus e da Cidade, vol. 1'', um texto em que ele mistura o futebol com a falta de sono e de um cigarro e confunde jogadores com treinadores e com presidentes e soldados, é mel num pote, é quase absurdo e boçal, «para quê perder o meu tempo?»

O Giuliani pergunta-me todos os dias o que eu acho dos textos que vou passando, e eu velo um bocado o que sinto dizendo «Giu, tu não mentes, tu és o que escreves, mesmo a tua ficção se compreende conhecendo a tua vida e a memória que tens dela.»

Hoje, dei pela resposta à minha pergunta sobre o porquê de perder tempo com um poeta menor mas uma pessoa maior ou pelo menos boa, é essa resposta que resume o porquê de achar que não perco tempo: «Todas as pessoas são importantes, todas elas contam, todas elas hão-de ter voz, merecem ter voz, que fazer? Que queriam que o Giuliani fizesse às quatro da manhã, sem sono e sem cigarros, que fosse cravar para a bomba de gasolina ou fosse roubar? Não, fez melhor, escreveu um texto alucinado e um pouco burro, mas por uns bons minutos, já que o seu texto é longo, esqueceu a neurose do cigarro, não roubou ninguém e talvez tenha mesmo conseguido adormecer nessa noite.

Ru prefaciando Júlio Allen Vidal:
"

*Querido Vátistuta*
*(Soldado a rapar frio na Bósnia)*

*Porto, quatro da marmita, acordado sem mais qualqué tipo de sono*

*Cara nu-ma-pe-té drumir. Cara mim, só gosta de golo... as fímbrias do vinagre daquela senhora já num me interessam, desculpe amigo os meus azeites, não tenho cara de azeiteiro. Estou teso e sem um cigarro no bico. Donde herdei eu esta fala, donde herdei eu este bico, cheira-me a pronúncia de homem do Norte, mais bacas, menos bacas, mais vois, menos vois, com o azar de não ser Pinto da Costa e o gosto, apesar do desgosto, de ser bermelho.*

*Estás com sorte ó Zé Vátistuta, estou teso e sem cigarros às quatro da marmita, num cartel onde não há sérvios nem bósnios nem portugueses nem portuguesas às quatro da marmita. De qualquer maneira, se estiveres interessado na minha vetusta escrita, contacta-nos. De certeza que o irmão Jorge vá gostá da oportunitá de eu publicá mais qualqué coisa, eu também. Ora passa muito bem que, como vês, escrevemos a qualqué hora, são*

*quatro da marmita e sinto a necessidade de ir à Galp dar um golpe num cigarrito cravado. Aqui fica a deixa para o dr. Carrilho: os escritores sem subsídios e sem cigarritos não podem ir muito longe, mais valia irem para a Bósnia com trezentos contos e cigarritos, porque se aguenta melhor o frio com trezentos contos e cigarritos.*

*Desculpa não te mandá mais dinheiro mas estou teso, faz de conta que já tinha fechado o envelope para o Tráfico de Ideias ou quem sabe para a Con(tacto), que é a tal revista que te pode con(tactar). Não! Não te assustes que não é nenhuma nova arma, é uma rebista que o teu capitão não poderá fazer, apenas talvez encontrar na tua mochila e que, embora inofensiva, é altamente operacional. Este número é dedicado aos extraterrestres, agradeço-te Zé Vátistuta que nos informes da possibilidade de os sérvios serem extraterrestres, agradeçemos igualmente informações sobre os marcianos bistos daí. Dizem que as bósnias têm boas bistas, aqui o Boavista ficou em segundo lugar e o Porto foi pentacampeão, imagina o meu desgosto já que sou bermelho como o teu sangue.*

*Infelizmente na tua terra, se calhar a tua terra é Lisvoa e o teu clube o meu, o vem-já-não-fica, imagina ao que chegaram estas coisas por culpa dos supelentes estranjas que deixam agora o Eusébio no banco, ainda por cima quase sem crédito, acredita Zé Vátistuta que isto está falido... mais valia, mesmo ceguinho, o Ray Charles que o Thomas, o Sanders, o Harkness e o Gary Charles que não contam nada, desculpa o desabafo, mas bê se encontras aí alguém no teu polotão, alguém que jogue melhor, a gente sabe que o teu capitão não joga nada, a não ser quando faz reforço de marmita, coitado, também tem fome e precisa de desculpar o seu reforço... coitado.*

*E cuidado com os bósnios e com os sérvios malandros, aguardo confirmação sobre os sérvios que possam interessar ao nosso vem-fica, talvez tenhas aí uma solução de italianos, franceses, ingleses e portugueses que joguem melhor do que jogar para o terceiro lugar, lugar que eu aqui tenho rodeado de Andrades e Jorge Coutos, aqui, na Avenida de França junto à Boavista, onde*

*fica o Espaço T e onde aguardo urgentemente a minha libertação, que nunca se sabe se pode vir da Bósnia ou se de Lisvoa.*

*Boas curtes Zé Vátistusta. Trabalhar de graça só mesmo para a Con(tacto)*
"

(texto do poeta J. Alberto Allen Vidal, editado pelo autor em «Contos de Deus e da Cidade, vol.1)

— Ela abortou contra minha vontade e eu acabei com ela, ela deixou a heroína e olha, engordou duma tal maneira com a medicação...

— É, a medicação psiquiátrica e antinarcótica faz engordar.

— E ela morreu, claro que sim, foi a medicação que a matou, a medicação é que lhe tirou os reflexos, tirou-lhe a agilidade, ela era uma mulher com vida, olha, a vida dela com a metadona, sabes que depois dela abortar eu acabei o namoro mas ficámos sempre amigos, ela visitava-me muitas vezes, ela tinha uma casa do caralho, tinha uns casarões, sabes?, ela tinha um numa esquina, eu tenho uma fotografia dela na praia, havias de ver como ela era linda, olha, nessa vez fomos à praia e eu caí e parti a cabeça em dois sítios, atirei-me para a água e alguma vez imaginava que, sem qualquer aviso na praia, logo que a gente chega e dá um mergulho leva com um pedregulho escondido na água, mandei um mergulho, olha parti a cabeça em dois sítios, dei com a cabeça num rochedo...

— Aonde, em que praia?

— Na praia dos ingleses. Mas sabes como é que estancou o meu sangue?, foi a minha namorada que, com algas, com algas conseguiu parar-me o sangue.

— Com um penso de algas?

— Sim, começou a pôr nas feridas e passou, mas pronto, parti a cabeça, não se faz, não se faz, estas praias deviam estar sinalizadas, desculpa lá, eu sou o homem que caí na esparrela mas se fosse criança mais rapidamente caía, queria ter um solzinho, uma água, uma praiínha, chegar normalmente, não ver rochedos nenhum, dar meia dúzia de passos, atiras-te à água e levas logo com um rochedo que não está sinalizado, custava alguma coisa pôr um aviso na praia?, eu acho que deviam ter um bocadinho de consideração.

— Mas agora já deve estar diferente.

— A não ser que tenham retirado os rochedos do rio...

— Não, agora deve estar sinalizado, no tempo em que tu ias à praia ainda não havia aquilo das praias azuis, as bandeiras azuis hoje dão a classificação da praia, as praias azuis são as boas, as que estão sinalizadas, as que têm condições, e essas praias da zona da foz sempre tiveram rochedos e as pessoas sabem que às vezes não podem, têm de ter cuidado.

— Pronto, eu já não ia lá há uns anos e vou, foda-se, descontraído da vida, a minha alegria de viver normal, atirei-me à água e pumba, também não estou a dizer que foi um choque frontal senão tinha morrido mas caralho, dei uma cabeçada, magoei-me, abri a cabeça em dois lados, mas nem fui ao hospital nem levei pontos nem nada.

— Foi um corte.

— Olha, no outro dia recebi os elogios duma senhora, pus-me a declamar poesia minha para ela, percebi que era da maior importância e estava inspirado e ela disse: ah você tem uma dicção para a poesia que é uma coisa única. Ela estava a dizer e a olhar para mim, deslumbrante mas logo disse: sou casada. Partiu-me a piça toda. Mas eu a ler a minha poesia sou um espectáculo.

— É Giu, eu já to disse a ti e também já disse ao Xis...

— E eu: obrigado. Fiquei muito contente por ela, eu não me esqueço dela, a gente conhece tanta gente de um dia para o outro que até esquece as caras, mas a gente conhece-se, olha, há coisas que ficam, há coisas que ficam, ela foi boa para mim.

— Pois, eu já te disse a ti e ao Xis, a comentar, os teus poemas quando sou eu, quando estou a passar os teus poemas, alguns poemas há que eu não acho piada nenhuma, mas quando eu os ouço tu a ler, parece que ganham música, tornam-se poesia se forem lidos como deve ser...

— É verdade, eu fui à internet há uns dias em casa do Beto, e estive a ver o meu facebook e pus lá uns poemas, meti lá o padre freak e a chique do majestic, estes poemas são dos mais bem elaborados, mais engraçados poemas que eu escrevi sobre o Porto, principalmente a chique do majestic que é uma caricatura que eu faço, da nossa sociedade, das peneiras, das vaidades,

das velhotas, eh está demais!, tens que ver isso, no mesmo dia já tinha dez góstos, agora não sei, eu tenho ainda muita coisa para pôr, e muitos outros que precisavam de ser trabalhados.

— Conseguiste encontrar o livro que perdeste?, as confissões de um pobre de espírito, perdeste mesmo esse livro?

— Foi, não sei dizer nada nem como, eu tenho outros grandes livros, mas não há outro igual, olha, escrevi um fado solidário com aquele português acusado em Itália, sim o Miguel Duarte, é uma injustiça...

— É, o governo italiano é fascista! Mas parece que Portugal já se mexeu qualquer coisa, ao nível do parlamento, já começaram alguns contactos também diplomáticos de defesa, alegando razões humanitárias, e esperemos que, digamos, essa pressão do governo português ajude a contrariar a justiça ou lá o governo italiano.

— É uma lei que está ultrapassada, uma lei que prejudica quem salva.

— É uma lei nova, eles querem criminalizar quem ajuda, e não pode ser, não se pode criminalizar quem ajuda, quem dá uma esmola a um pobre não é?

— Olha, aquela briga que houve entre o Trump e o Irão, xi aquilo está um barril de pólvora, olha, o Trump não se deixa ficar atrás, eles abateram o drone...

— Mas estava no território deles.

— Eles têm toda a razão mas e havia um avião com trinte e sete americanos...

— E eles não o deitaram abaixo...

— Estiveram na mira e sabes uma coisa, o presidente dos estados unidos disse aos gajos óbrigado, ainda bem que não mataram, eu também não ficaria contente se matasse cento e cinquenta pessoas, ao menos é honesto, aquilo está um barril de pólvora e o Irão continua a provocar...

— Eu acho que quem está a provocar são os estados unidos que estão lá, ao largo do Irão com navios, cujos drones estão a espiar dentro do Irão, quem está a provocar é os estados unidos.

— Sim, mandam porta-aviões para o Mediterrâneo...

— Pois, mandam os porta-aviões e depois metem-se a enviar drones, eu acho que o Irão se está a defender, podia ter enviado o avião abaixo, se calhar era militar e não enviou, os americanos...

— Se os americanos se metem com o Irão, não vai ser como com o Iraque e com os outros...

— Vai ser mau para toda a gente e a Europa vai levar por tabela

— Olha, eu quando tinha dezasseis ou dezassete anos escrevi um poema chamado Caos, vou-to dizer.

— Sim, vou já transcrever:

*Caos '1973'*

*Sistematologia fúnebre*
*Mundo moribundo*
*Exterminação racial*
*Guerra triunfante*
*Faces cadavéricas*
*Caos lancinante*

*– pelos meus olhos mortos*
*– passam imagens mortas*
*– de um mundo morto*

*Corpos deformados*
*Esgares de súplica*
*Rostos crispados*
*Imagens gravadas*
*de um último instante*
*que pertence ao passado*

*E eu*
*triste de mim*
*Pedra esquecida*

*Em mundo perdido*
*Espectador desesperado*
*de um facto consumado*
*Recordo Hiroshima*
*fico preocupado*

(texto do poeta J. Alberto Allen Vidal, editado pelo autor em «Flores, paz e cinzas»)

## A guerra e as obras

Estava eu a tomar o café caseiro e a digerir o fígado de cebolada com batata cozida do almoço que mandei vir, porque vualá encontrei uma nota verdinha no chão picante e abrasador deste mês de Maio quando à rua me desloquei e o Giu chama-me pela janela:

— Ei Ru?

— Atão tátudo?

— Posso entrar ou a tua amiga está aí?

— Não está. Podes entrar, entra.

— Então, estavas a pintar?

— Não, estava a ler.

— Que livro?

— Um livro de Tom Wolfe...

— Tom Wolfe.... eu acho que tenho lá qualquer coisa dele...

— Tens? De Tom Wolfe ou de Thomas Wolfe? Não sei se são o mesmo, eu acho que o Thomas Wolfe é já antigo...

— Olha, a coisa boa que a Junta me fez ontem, veio cá um senhor, subiu os degraus do corredor da ilha, eu estava à porta do Luís, e o senhor: «senhor Giu, venha cá.» Deu-me uma saca de livros!

— Pois acho bem, quando eles andaram a deixar os livros da biblioteca nos bancos do jardim e nas paragens do autocarro... eras tu que os apanhavas na maior parte.

— Olha, depois passa lá em casa, pode haver qualquer coisa que te interesse.

— Tá Giu, eu depois vou lá, Até logo.

Volto para o quarto, ponho um cedê de Mola Dudle a tocar e acabo a rir-me e a falar comigo próprio: «Andávamos todos a ironizar sobre e eu até fiz uma posta em que falava da entrega dos originais ao presidente que no retorno estacionaria um camião à porta da ilha com livros para o Giu... vê-me só o absurdo da ilusão, e agora entregam-lhe à porta um saco cheio de livros, olha, é o livro escrito a cumprir-se. Tenho de ir cheirar o seu Wolfe, se fosse o Roger... o Tom da Fogueira das Vai-

dades que estou a ler é potente, volto já!

Acabo por trazer três livros: Tom Wolfe, Hasek e Stendhal, por um euro mais a devolução de um Bernanos, um Mauriac e um Radiguet, todos da colecção Miniatura.

O Giu foi tomar o seu café, e eu vim à minha vida.

## Fase 1 terminada

— Atão quer dizer que a discussão de ontem em que se mandaram respectivamente apanhar no sítio onde os ratos apanham, e o Luís exigiu de volta ao Giuliani o casaco de camuflado que lhe oferecera na véspera... e eu até pensei: o Giu antimilitarista a mostrar o casaco de tropa no café dado pelo mano de coração Luís, tudo aquilo ontem não passou de uma ressaca de branca?

— Claro, estás maluco ou quê?, a branca voa. O senhor Neca veio há meia hora agradecer a demão de tinta na parede de sua casa, que eu ontem dei a mando do Luís porque o senhor lhe pedira, e este disse ao Luís: olha, obrigado, toma aí vinte euros para o pequeno-almoço, e sabes o que o patrão da obra fez? Deu três pontapés nas plantas dos pés do Xis que estava pedrado a dormir no chão e disse-lhe: olha, vai buscar quatro torrões de açúcar à fortaleza, e ele foi estremunhado, feito pau-mandado, nem um cigarro pediu, e a mim, que lhe fiz com a tua ajuda as obras na casa, e agora estou a pintar com esmalte os cano da água dos telhados, nem um euro recebi, por isso te pedi um euro para ir beber uma survia que servirá de almoço, a branca é fodida!

— É, os chefes, os patrões da obra recebem sempre, mandam, o oficial e o ajudante fazem, o maioral recebe as prendas dos vizinhos e nós... nós trabalhamos arre foda-se!, ou melhor tu trabalhas, mesmo sem receber, porque és viciado em trabalho... ele disse que a mãe investiu cinco mil euros na obra, e que fizemos o trabalho rápido demais, agora só no fim do mês a obra nas restantes casas recomeçam.

— Cinco mil... cinco mil foi o que a mãe lhe deu, ele na obra gastou seiscentos...

— Eu pensei em mil, com a nossa mão-de-obra...

— Qualquê, agora estão a dormir no chão, deitámos-lhe o colchão de pulgas fora e agora dormem os dois no chão, disseram que iam pôr vinil no chão e arranjar dois beliches na Remar, eles levariam a mobília que está lá fora para o lixo, o

Luís pagar-lhes-ia cinquenta pelo serviço mas... o dinheiro voa, estão a dormir no chão, é o que te digo: o caneco é fodido.

— Achas que a mãe sabe para onde foi o dinheiro?, o próprio senhor Neca disse que cinco mil era muito dinheiro...

— O senhor Neca não sabe de certeza, mas o Luís disse que a mãe lhe disse: droguem-se mas não se aleijem, eu não faço seguro...

— Essa cona real não queria eu para minha mãe, olha a droga ser matéria prima para o filho fumar enquanto nos faltou o primário para aplicar na parede antes de pintar, o branco está bege da humidade...

— E não é só isso, por causa dos fumos da cozinha e da nicotina as paredes deviam ter sido lavadas com lixívia e só depois aplicar o primário, por isso...

— Bem, ao menos aplicámos creolina, retirámos a madeira podre, pulgas, percevejos e térmitas desapareceram...

— Eles disseram que apareceram quatro baratas...

— Pois, quando houver dinheiro, pelo menos para uma porta nova com fechadura, a gente aplica um pó na entrada e elas não entram mais.

— Mas podem nascer na cozinha, eles ontem à tarde apareceram com dinheiro e uma garrafa de uísque, fumaram o torrão e torraram o dinheiro que mãe lhe deu para o São João em mais um táxi, à noite já estavam no crava.

— E a história continua...

— Fase 1 terminada

## Temos guerra

Aos vinte e poucos anos ironiza-se o papel de vítima dizendo que «quando se quer ter uma aventura [amorosa] mais vale dizer que somos donos do banco de portugal do que desempregados.» Há nesta afirmação, a falta de dinheiro e a falta de amor. Quando não há dinheiro, provavelmente sofremos alguma carência: ou nos alimentamos mal ou nos vestimos mal ou habitamos um local mau. Em qualquer dos casos, sentimo-nos infelizes e em necessidade, as nossas preocupações começam a reduzir-se ao básico, e as nossas divagações e passeios começam a reduzir-se ao bairro, as pessoas começam a rarear, os contactos sociais começam por entropia a ser igualmente cada vez mais rasteiros e a mulher ou o amor começam a rarear, queres ver alguém, uma cara bonita e começas a não ver ninguém. E a carência começa a ser visível. Depois de seres vítima de uma falta de dinheiro e de falta de meios para o conseguir, começas a parecer um desgraçado. Ninguém te quer. Dá-te raiva: afinal tinha tudo e agora não tenho nada. Então começas a mentir a ti próprio, começas a contar aos poucos amigos que ainda nos vêm ver ao pardieiro, onde agora mora o comandante, e cujas obras se reduziram a tirar tudo fora e a desinfectar, e a pôr as aparelhagens lá dentro outra vez dormindo no meio das baratas com o teu novo filho, adoptado desde os gloriosos quatro mil gastos na fortaleza, e que dorme a teu lado, servem de almofada um ao outro, às vezes a festa envolve uísque e cola e a ressaca de ver o pintor a ler no terraço o seu Stendhal e a fumar a sua ganza que pode comprar com o dinheiro que ganhou por ser mão-de-obra de um corno real, este corne real ressacado por a antiga companhia o ter descartado, uma companhia onde era oficial mete nojo e óstress quando era chamado a trabalhar como técnico de som em palco, era a sua função invadir o concerto a meio e dizer aos músicos que não lhe podiam estragar o concerto a ele, o óstress, que por uma luzinha falhar na mesa de mistura ia perguntar ao baterista que num momento sem solar tirava uma selfie pondo o carregador na tomada: ó sacanofa

biche!, não desligues os fios das tomadas camone andersetande fodote já. o corno real gosta de ser bruto e há dias ressacava do pintor não lhe quer entrar em casa para ver a maravilhosa instalação de som: uma aparelhagem só com rádio na rfm e umas colunas pioneer de arraial, uma aparelhagem para ouvir por uns auriculares de telemóvel, roubados ao filho adoptado, a pen de um concerto de uma banda que o faz chorar, ele diz que trabalhou com eles, ele há dias dizia para o filho: é preciso ir comprar um tacho já temos comida mas não temos tacho. Mas nenhum dos seus criados, que vivem na realidade à custa do dinheiro da mãe cona real dele e que às vezes aceitam levar um tabefe, lhe apeteceu ir aos chineses comprar um tacho e entre a fome e a ressaca gastou-se o dinheiro no táxi ida-e-volta à fortaleza. Agora o autoentitulado comandante corne real está fodido porque o pintor, que está a ler o seu livro e a fumar a sua ganza, o ignora por completo, até põe nas orelhas os seus próprios auriculares do burrofone sintonizado na Antena 2, e aí o comandante diz: «ó pintor, não queres comer nada? um queijo da serra, um presunto, pão? E beber?, nada, uísque, cola, leite, água? anda aqui dentro.»

O pintor diz que está bem e não quer nada, ele fuma a broca até ao fim, fecha o livro, e diz à sua consciência: ora bamos lá ber o comandante e as suas baratas, vou ter de levar com ele. Levanta-se do terraço e entra em casa, na sala do comandante, andou a riscar as paredes em inspiração a um mestre surrealista de quem foi caseiro. É!, e não é tudo, também diz que já foi tasqueiro, hoteleiro, cozinheiro fuzileiro, comando e paraquedista e que esteve no ganistão e que matou o terrorista ao fazer de sniper, a mesa é um pufe com um tampo de madeira, a um canto um sofá encontrado no lixo, uma televisão com descodificador mas sem carregador e as aparelhagens. Em cima da mesa, as garrafas e o caneco. Estão todos à espera que o pintor faça a sua ganza porque o comandante deve dinheiro ao fornecedor e desvia o que rapina mentindo à mãe para enterrar na fortaleza e no táxi, o comandante quer ganza e começa a falar dos músicos que consomem drogas: olha o Quim, olha o Toy, olha o Tony...

E salta a tampa ao pintor: o quê? o Tony Carreira não se droga. Ele é um modelo para muitas mulheres, donas de casa e gajas da limpeza.

O comandante, exaltado por haver alguém que o contradiz, rosna: o Tony snifa coca no meio dos concertos. E o pintor responde: Pois não parece. O comandante: eu também não. O pintor: Pois tu pareces mesmo um fumador de coca. O comandante: estás-me a chamar de drógado, rosna o comandante quase a ferver quase no ponto. O pintor diz: não, não te chamei drogado, disse que o Tony não tem aspecto de quem fuma e tu tens.

O comandante diz, pois eu hei-de vestir-me bem, barbear-me como o Tony, só não ponho gravata, a minha gravata é esta.

E vai à parede e retira o bibe azul do fato da marinha e põe-no ao pescoço: e tu aí não hás-de dizer que eu pareço um drógado.

O pintor pensou: há muito que a desgraça se adivinhava, este comandante é um verdadeiro merdas autoiludido, não há ninguém que lhe faça frente, preciso de escolher bem as palavras. O pintor diz: Se fizeres isso, vais enganar tão bem como o Tony. Bem vou-me embora, vou jantar.

— Faz uma ganza, pede um dos criados do comandante ao pintor.

— É, e não queres uma gaja na cama?, também arranjo.

— É, diz o comandante, tu nem uma gaja para ti arranjas.

— Olha corne real, tu nem consegues ver quando eu estou a falar brincadeira com o teu menino-de-mão, vou masé para casa, «parece que a última lady que aqui contigo dormiu se queixou da tua impotência» diz o pintor entredentes.

No dia seguinte, o Giuliani diz que o comandante se vingou nessa mesma noite no criado, deu-lhe dois socos e deixou-o a sangrar. Dentro do quarto, ouço-o a rosnar lá fora: esse paneleiro aerossol a dizer que o Tony anda a enganar as sopeiras, ele que apareça aqui fora e que passe à minha porta.

Mentalmente, o pintor viu a linha desenhada pelo comandante no chão. Pensou: E tu Corno-Real, para saíres do teu pardieiro para qualquer coisa, para saíres à rua tens de passar

debaixo da minha janela, quem sabe se os pombos não te dissolvem a cabeça com anacrosina ou diluente quando passares debaixo de mim.

Temos guerra.

As minhas desculpas ao Quim Barreiros, ao Toy e ao Tony Carreira

## Notícias da guerra

A ilha está calma. Este fim-de-semana nem os pássaros se ouvem. O comandante baixou o som da rfm e o arraial terminou. Estamos num período de tréguas.

A saber: neste momento, o comandante é suspeito de agressões verbais, tentativa de arrombamento e invasão de propriedade e tentativa de agressão física. O agente da polícia, que recebeu a queixa e a passou ao papel na esquadra, ao ouvir que eu queria apenas que a coisa parasse e pudesse viver em paz e que, embora não pudesse com o comandante fisicamente, não tinha medo de agir apresentando queixa no sentido de lhe meter medo, o agente disse:

— Esse Luís já é nosso conhecido, mas não se trata só de meter medo, trata-se de não retirar as queixas. — Sim, disse o pintor, eu quero levar a queixa até ao fim.

— A porta está danificada?

— Não.

— Então, diga lá os insultos que recebeu?

— Eu sei lá, a partir de um momento desliguei, mas gravei os insultos e as ameaças que ele fez depois que a polícia foi embora, ele voltou e disse «a polícia disse para estar sossegado até à meia-noite mas depois tu vais ver!», tenho uma cópia aqui numa pen se quiser copiar...

— Agora não, guarde para o tribunal. E... mas depois da meia-noite ele fez alguma coisa?

— Não, não fez. Ele sabe que a vizinhança lhe chamava a polícia por causa do barulho, ele não é burro.

O agente pega numa caneta após teclar no computador e diz ao pintor: — Mas diga lá o que ele lhe chamou.

— Ladrão, insultou a minha mãe, paneleiro, paneleiro a gasol, vou-te foder as costas com uma pistola de aço, meter-te uma granada pela janela, sei lá o que ele disse... mas quando vi que depois dos pontapés ele não arrombava a porta, ripostei e insultei-o de volta, chamei-o de corno várias vezes, ele é Corne-Real e eu chamei-o de corno real, chamei-o de papagaio.

— O senhor, sorri o agente, foi valente, está com os seus amigos em casa deles e numa conversa... numa conversa tipo de café... chama-lhe drogado... Foi isso?

— Eu não lhe chamei drogado, disse-lhe que o Tony Carreira não tinha aspecto e ele tinha.

Na sala ao lado, ouvem-se os risos de um ou mais agentes da esquadra e eu aproveito para dizer que chamar drógado ou paneleiro ou seja o que for, isto são apenas insultos genéricos, que não dizem nada e são apenas ruído. E eu não fui genérico, fui específico: disse que ele tinha aspecto de fumador de coca e até nem disse que ele fumava, disse que tinha aspecto, ora para ele o Tony tem aspecto de fumador e o Tony não fuma, por isso, ele, Luís, pode ter aspecto e não fumar. Quanto ao ser drogado, há muito tipo de drogas, há as legais ou oficiais: o tabaco, o álcool, os comprimidos de farmácia, o jogo de casino; há as semi-legais: a canábis e os ectâsis e há as ilegais: a cocaína e a heroína. E cada uma tem o seu tipo e aspecto de consumidor. Mas o pintor responde: — Oh fui valente em quê?

— Estar ali a defender uma pessoa que não você conhece e dizer isso ao seu amigo...

— Eu nem gosto da música do Tony...

Após um momento, o agente regressa com algumas folhas e dá-as a assinar ao pintor. O pintor lê. O agente explica:

— Como não houve agressão física de verdade não podemos intervir, agora a tentativa de arrombamento fica registada, quanto às agressões ao bom nome... isso é um crime particular, tem de se constituir como assistente, arranjar advogado e pagar duas unidades de conta, será aberta uma investigação...

O pintor pensa «um advogado do apoio judiciário nada pode contra um rato de advogado pago pela família corne-real»... pergunta por fim:

— Quanto é uma unidade de conta?

O agente diz e o pintor logo esquece, afinal duas unidades de conta é quase o valor de uma prestação mensal da sua reforma. Acaba por dizer: — Então, eu desisto das agressões verbais na queixa.

— Receberá em casa o ofício de arquivamento.

O pintor assina os ofícios de registo da queixa como denunciante e vítima, e devolve os de direito ao agente. Este diz ao pintor a rir-se: — Mas o senhor diga lá... o que quer dizer «paneleiro a gasol?»

— Ah sei lá, tem de perguntar a ele. Deve ser um que mete rolhas.

O agente acaba por dizer: — Olhe sabe, isto parece uma daquelas coisas de crianças que se põem a disparatar.

— É, ele diz mais do que aquilo que faz. Bom dia.

O pintor vem para casa a pensar «pelos vistos, ele tem de me bater para a justiça andar para a frente mas eu defendo-me, acerto-lhe o passo, e depois alego legítima defesa.»

O pintor vê um pedra suficientemente pesada de cimento e guarda-a no bolso.

Ao chegar perto de casa, vê o Giuliani. Este diz baixinho:

— Olha... ele está fodido contigo, tem cuidado, estou do teu lado.

— Giu, que tens no nariz?

— Foi ele que mo partiu!

— Mas tens que apresentar queixa!

— Ó, a polícia goza-me e não faz nada, agora já está tudo bem.

— Tens que apresentar queixa, ele já te partiu uma clavícula, agora o nariz...

— Mas posso falar como testemunha...

O pintor pensa «testemunha... testemunha minha que raio, um gajo que não se defende ele próprio apresentando queixa contra o Luís.»

— Giu, tu não tens de testemunhar em nenhum caso doutrem, tu tens de testemunhar em teu nome, tu és uma vítima.

— Não não.

— Ó Giu xau!

O pintor entra na ilha, ao fundo o Luís com a guitarra, o pintor caminha e tem a pedra no bolso, caminha para a sua porta e não olha para o Luís, o Luís não mostra movimento.

Está quieto. O pintor entra em casa. Está descansado por si, mas irritado por não conseguir que o seu amigo Giuliani se defenda, como poderia ele ser testemunha do pintor se, depois, o Luís no redondo far-lhe-ia uma má cara e o Giu mudaria o testemunho, seria descredibilizado em plena sessão de tribunal e, à noite, o Luís dava cabo dele.

Por isso, o pintor está bem, mas o seu único amigo na vizinhança, o único do qual ele sente algum carinho de amizade, leva porrada e não há meio de o salvar. O meu amigo é doente e triste. A miséria é mais dele que minha mas eu sinto-a como minha.

Quanto ao Luís, neste momento a guerra está empatada a um. Ele insultou e marcou golo mas os pombos, ao ameaçarem que lhe enchiam o cabelo com diluente, fizeram com que ele se descuidasse e deixasse cair o espertafone de cento e vinte euros ao chão. Desfez-se em cacos. Golo! Um igual.

Hoje a ilha está calma e o herói do Stendhal, o Fabrício da Cartuxa de Parma está quase a evadir-se da Torre Farnese. Vou continuar a sua leitura.

## Maravilhosas palavras de Walser

Comecei a conhecer Robert Walser, há dez anos talvez, através do antigo blogue dos actuais editores do blogue Bicho Ruim. Eles são entusiastas de Walser e transcreviam no blogue passagens dos livros de Walser. Deste modo me tornei eu próprio um entusiasta de Walser quando comecei a conhecer pormenores da sua biografia, afinal Walser escrevera livros e vivera as últimas décadas da sua vida longe do mundo, sem mesmo querer saber dele, internado num sanatório.

Mais tarde, Cristina Fernandes e Rui Manuel Amaral apresentaram uma sessão walseriana na livraria Gato Vadio (Porto) que encheu pelas costuras. Naquelas duas horas, Walser foi o presidente adorado de todos nós.

Quem me dera ser ajudante de Walser. Eu que escrevo há anos, sem verdadeiramente me importar em enviar para editoras e ser publicado ou recusado sem resposta, eu que fui já também internado em psiquiatria, e que já me senti mais longe do mundo do que na realidade vou estando e que vou acalmando a revolta dizendo que ainda assim «ainda há gente que come» e eu sou gente, eu como e muitos não, eu olho para Walser como um mestre, em vida e obra, porque a sua obra imita a sua vida, e ele tem tanta fineza de espírito, é um génio a fazer conversação amável e com as melhores palavras com a frau Tobler sem deixar de ser o ajudante do marido, o secretário pessoal.

Onde Walser é refinado eu sou bruto. Walser é desastrado como ajudante mas sabe compor o ambiente e aceita o destino com naturalidade, o que o patrão desejar está bom. Eu que já fui estagiário e ajudante de armazém e tive os cargos mais básicos dessas empresas, pelo contrário, se fui despedido dos trabalhos não foi por falta de habilidade técnica como talvez Walser-Marti ajudante de Tobler o será quando eu chegar à página e ler o que ela nesse momento diz. Não, eu no meu caso fui mais um Wirsich, um gajo que se passou dos carretos e explodiu e tornou malcheiroso o ambiente da empresa, impossível continuar a trabalhar lá. Mas também a minha mãe ligou a pedir que me

readmitissem mas claro...

Tenho pena de Wirsich. Walser substitui-o e leio-lhe os pensamentos, o modo como ele antropomorfiza os objectos, o modo como ele dislexia as relações entre substantivos e adjectivos fazendo-me visualizar pumas esvoaçantes, o modo sinestésico como ele dá cor aos vocábulos, e eu divirto-me, sorrio ao ler, retiro mesmo um prazer sensorial comparado a uma boa conversa com uma amiga, dá uma vontade de não parar de ler, de descobrir o sorriso da moça nas páginas e quiçá aspirar a um amplexo no fim do livro,

Walser é prazer, Walser é grande. Que me importa que eu nunca publique? Walser escreveu o suficiente para descrever a vida de tantos como eu, os meus livros são desnecessários e só ensinam pela negativa. Pelo contrário, os livros de Walser fazem-nos querer ser Walser. Os meus livros são ácidas memórias que corroem, os livros de Walser são flores que se oferecem às damas ou respostas aos nossos emails quando calha escrever a alguém que consideramos.

Walser teve em Seelig um amigo de caminhadas. Eu não tenho ninguém que se interesse verdadeiramente por mim. Ainda vou tendo a minha amiga que me visita quando se lembra mas que não gosta de caminhar, não gosta de andar a pé, afinal tem um parafuso no pé que é fruto de ter caído de mota numa ribanceira, apostaram com ela e ela ganhou a aposta e, em troca, o cirurgião ofereceu-lhe um parafuso. Coitada, tem os pés pequeninos e chama-me Francstain quando a vou buscar ao metro com os poucos cabelos da careca no ar, eu ainda protesto e digo: francstain não, ainstain, ainstain!, mas, no fundo, eu gosto um pouco dela e ela gosta um pouco de mim, vamo-nos ajudando à distância, ela é quem tenho mais perto de me compreender e de botar por mim a mão no fogo.

Walser retirou do seu mundo as coisas belas sem deixar de dizer em metáfora as coisas más. Eu extirpo as coisas más do meu mundo e nunca consigo dar beleza às coisas boas que também vivi. E sim, tive pessoas belas comigo, boas mulheres, mas só em poucos momentos vi nos seus olhos a admiração, elas

queriam um chefe, e eu sou um simples ajudante.

Walser, eu Ru me ofereço para guardião da tua estátua.

## Ex-xenofónico

Há poucos dias mandei uma mensagem pelo Facebook à minha prima de Lisboa, disse-lhe: se me quiseres ouvir, eu às vezes preciso de falar e não tenho com quem.

Ela respondeu dizendo que ligaria no dia seguinte mas entretanto meteu-se o problema das matrículas na escola, que pelos vistos até foi falado no telejornal, e só hoje me ligou. À tarde.

A minha prima é dois anos mais velha que eu e é formada em psicologia embora não exerça, ou melhor, vai exercendo no dia-a-dia, no trato que dá à sua comunidade de vizinhos, na educação dos filhos, e também na atenção que me dá.

O assunto da conversa seria talvez os encontros clandestinos «na paz do senhor e sem maldade» com a minha amiga, mas o tema desviou para o facto de eu estar a preparar mais um volume em formato A5 com textos do meu vizinho Giuliani. Ela já me perguntara antes o que eu achava do trabalho dele e eu até lhe enviara um pdf já realizado para ela própria avaliar. Agora comentamos este facto e ela diz que não aprecia muito poesia porque às vezes não a entende. E eu digo-lhe que concordo com ela, que também sou mais de prosa e que, digo eu agora que escrevo isto, às vezes os poetas são tão abstractos e tão herméticos que apenas eles compreendem. Acabo por lhe dizer: é triste dizer isto mas eu não gosto muito do trabalho do meu vizinho, mas faço-o para o ajudar a vender depois exemplares e ele ganhar algum dinheiro, além disso, ele começou a pagar-me estes últimos trabalhos e eu acabei por aceitar fazer a transcrição para computador e preparação para impressão digital e encadernação porque este dinheiro me faz jeito.

Digo-lhe, por exemplo, que acabei de passar uma parte em que ele diz que acabou com a guerra do Vietname ao escrever o poema três meses antes. A minha prima compreende a ilusão do poeta e diz: sim, como se eles tivessem lido o poema. Sim, digo eu, ele é como eu, é o síndrome de Jesus Cristo, o Giu pensa que é o salvador e eu penso que sou o diabo, que o que

escrevo faz mal às pessoas, lhes bate. Mas, digo eu, ele está pior que eu, ele não tem consciência, ele não se acha esquizofrénico. Eu sei que sou, eu tenho essa consciência de pensar que mudo o mundo mas sei que é doença, é um sintoma.

Acabo por lhe falar que estou zangado com os vizinhos à excepção do Giu e conto-lhe por alto a violência daquele que eu designo por comandante. Digo: sabes prima, eu, que tenho um curso superior e fui assim treinado para ser um membro das classes superiores, cedo me fartei desse modo de vida e cedo me desleixei e fui perdendo os empregos de estagiário em engenharia ao mesmo tempo que a minha actividade se desviava para a pintura e para uma ideia de pobreza: o ter dinheiro a mais faz-nos mal. Prima, eu sou uma pessoa simples, que tenta falar com toda a gente, com o grande e com o pequeno, de igual para igual. Eu, ao vir morar para esta ilha, quis fazer-me amigo do povo, do pobre, mas acabo por ver que o pobre só tem inveja do grande e quer ser como ele não se importando de fazer pior que o grande. E eu aqui, vejo a garganta deste comandante, diz que fez e aconteceu, é filho de uma mãe rica e de uma família com nome ilustre, e é mais básico que um cepo e é violento, é um pouco parecido comigo embora eu não bata em ninguém. Ele obriga pela violência física, eu só mando umas bocas foleiras e retraio-me porque depois perco a convivência se me desboco.

Assim, vivendo no meio de pobres, ou de pobres mentais, sou estranho a eles do mesmo modo que sou estranho à minha família (remediada, de classe média baixa) e estranho ao grande, seja em estatuto e fama, ou posse de dinheiro, ou valor intelectual. Digo-lhe: eu acho que não fui muito bem educado pelos meus pais, eles delegaram a minha educação na escola e nos professores e eu cheguei à universidade e não sabia nada da vida. Não me quero queixar dos meus pais agora porque eles fizeram o melhor possível.

Sim, diz a minha prima, sabes que eles nunca contaram nada a nós sobre a tua vida mas eu fui sabendo, até uma vez fui aí ao Porto e te fui ver ao hospital, mas os teus pais gostavam de ti, tiveram a preocupação da escola particular, tu eras um bom

aluno até mais que nós, bonito e inteligente mas eras mau às vezes, e nós éramos mais velhos e tínhamos de te pôr na ordem, os teus pais talvez não te impusessem limites, não te davam uma palmada como às vezes merecias porque tu eras bom aluno e eles desculpavam, tu quando não conseguias o que querias vingavas-te e davas um pontapé.

Sim, eu sei, eu era mau, tens toda a razão. Mas era porque não tinha liberdade, só o facto de ter uma carrinha escolar que nos levava ao externato era controlo a mais, por isso a escola pública, lá ao menos todos somos iguais, e não os filhos do senhor de tal que tem uma mota ou um carro, e eu não tinha porque os meus pais já faziam um esforço enorme para nos terem no colégio.

— Sim, tu já na altura falavas da escola pública e como era bom andar lá.

— A sério, já não me lembro do que a gente falava.

E depois, a conversa acaba com a minha prima a dizer que agora vai ver a mãe e o irmão e sua família, os meus primos, vão desconfinar num jardim porque a minha tia fez anos recentemente e desde Março que não se reúnem. Diz-me que me liga amanhã da Costa, ou seja, vai ver o sol da Caparica.

Desligamos e eu fico a pensar: então, era eu pequeno e já pensava em vingar-me. Começo a relembrar e redescubro o motivo e tem a ver com o facto de eu ter dito à minha prima que passei a juventude a pensar que o meu pai não gostava de mim e que hoje e já há alguns anos sei que ele gosta de mim. Começo a desfiar o que não disse à minha prima e chego à evidência, eu no dia do primeiro internamento estava eu na sala de observação e os meus pais assomaram à porta, e eu sabia que dali não sairia e queria levar uns quantos atrás de mim e lembrei-me de dizer, de insultar o meu pai, os meus insultos são sempre cínicos mas este foi revelador, disse: lembras-te pai do que me fizeste quando eu tinha quatro anos?

Isto, que o meu pai me fez e que eu não especifiquei e apenas com raiva e vingança lhe atirei à cara com o intuito de o magoar, foi algo que eu bloqueei desde esse instante aos quatro

anos e só aos vinte e sete no internamento se revelou e como catarse... e o que foi?

Um miúdo de quatro anos gosta do pai e o meu pai estava doente no hospital e ele um dia à noite volta do hospital para casa e o filho vem à porta com saudades do pai e o pai atira-lhe com um chinelo. E o filho ainda hoje não sabe mas certamente que chorou por esse desamor do pai, certamente que reprimiu essas lágrimas e bloqueou o momento, esqueceu-o no fundo da memória e reprimiu-o, em seu lugar cresceu o desejo de vingança contra o mundo e contra o desconhecido.

É esta a causa da minha esquizofrenia, estou certo e sabê-lo e aceitá-lo como algo brutal mas imponderável e ter feito as pazes com o meu pai quando há uns anos ele esteve para ficar inválido e saber que ele gosta de mim (à sua maneira), tem feito com que eu deixasse de ser «xenofónico», palavra que ouvi no programa Portugalex da Antena 1.

Sou um ex-xenofónico.

Agradeço à minha prima o ter-me proporcionado este pequeno apontamento. Ela conhece-me bem. Vou enviar-lhe este texto.

Dias mais tarde, a minha prima responde por email:

*Viva, primo!*

*Afinal tinha já o teu e-mail.*

*Antes de mais, quero dizer-te que fiquei sensibilizada com o que escreveste e o que de mim dissestes e avalias .*

*O que quis escrever no teu blogue sem conseguir era mais ou menos assim: quando se consegue descodificar os medos, a realidade e a compreensão dos outros é maior.*

*A infância é primordial e a relação de afectos com os pais são um berço no crescimento e desenvolvimento. Os pais carregam um passado e o nascimento de um filho, principalmente, o primeiro, traz inseguranças, obviamente, alegrias e aprendizagens. Porém, o passado irá condicionar o comportamento na re-*

*lação pai/filho. Imagina como será assistir à morte de camaradas em combate ou a aflição de estar numa emboscada? Ou seja, ter a vida permanentemente em suspense. Quantas vezes tiveste a tua vida em perigo, por opção?*

*Os pais entendem que ocultar aos filhos o que os preocupa, preserva-lhes a dor. Também, há quem defenda que o amor e os afectos não devam ser demonstrados. E outros não sabem como fazê-lo. Enfim, quando um filho nasce, o crescimento deve ser, também, em família para que sejam capazes de se auxiliaram e mutuamente, ultrapassem as dificuldades.*

*Quem disse que é fácil ser mãe? Ou pai? Ou filho?*

*Bolas, estou a alongar-me. Discordas?*
*Falamos depois, sim?*

*Beijinhos*

*P*

Eu respondi:

*não discordo prima P,*

*eu poucas vezes ouvi o meu pai contar histórias, deve ser como dizes o porquê de ele me querer preservar aos infortúnios*

*mas sempre que consegui dialogar com ele eu ganhei algo.*

*eu só fiz a paz com o meu pai em 09*

*quando ele caiu na aldeia duma ribanceira onde estava a cortar silvas, podia ter ficado tetraplégico já que bateu de cabeça no chão, e eu fui vê-lo ao hospital, foi uns meses depois do meu internamento, ele estava com pesos no pescoço e não se podia mexer, e eu chorei ao vê-lo e ele mesmo como estava me tentou dar*

*conselhos, puseram-lhe um parafuso na cervical, eu reparei que gostava do meu pai e ele de mim.*

*depois ele começou a pedir a minha companhia, e eu comecei a acompanhá-lo à radioterapia porque o meu pai teve um problema na próstata, senti-me bem, senti-me útil*

*ele agora, que também recuperou de uma morte por cancro e escapou à invalidez motora, está mais vivo acho eu, está mais alegre e de vez em quando conta histórias*

*e eu gosto de ouvir e gosto de os ajudar, quando é preciso o meu pai liga e eu vou com a minha mãe à consulta ou vou comprar qualquer coisa que ele precisa,*

*agora posso dizer que tenho uma relação pai-filho.*

*por isso a minha cabeça tem mais uma causa para estar bem agora*

*Quanto a pôr a minha vida em perigo por opção,*

*largo aqui uma bomba que não sei se alguma vez a família te contou:*

*eu tentei matar-me no último ano da minha estadia em A.*

*foi mais uma razão para eu ser internado três anos mais tarde,*

*descansa prima!, para mim o suicídio já não é válido, eu quero hoje viver mais do que nunca!*

*beijinhos do primo Ru do poorto câmpiom eheheh*

Ela responde:

*Primo Ru!*

*Muito me contas...*

*Bom saber que te aproximaste do teu pai e ambos tiveram oportunidade de se conhecer melhor.*

*Essa bomba que largaste não era do meu conhecimento mas não fiquei totalmente surpreendida com a revelação. Obrigada por confiares em mim. Havemos de conversar sobre esse tema, sim?*

*Tem uma boa noite*
*Beijinhos da benfiquista lisboeta*

*P*

## Vacanças

Neste momento estamos de vacanças. Eu e ela. Mas não é como no livro e dois castelos. Reduzimos os castelos a quartos e mantivemos o número dois. Logo, em vez de vacanças nos dois castelos estamos em parceria em dois quartos, decorados com peças curiosas de arte. O pintor diz: precisava de vender uns quantos quadros para ver se ganho espaço na parede para pôr a secar novos quadros. O pintor pensa que se vendesse alguns dos que estão emoldurados... mas ultimamente não tem havido movimento no ramo mecenas e, por isso, o pintor diz: já viu, aqui uma santinha? Ela diz: sim já vi. E o pintor diz: E aqui uma diabinha... e eu no meio... lendo o jornal, até pensei em pôr uns chifre mas não, é só eu a ler o jornal. O que acha do quadro?

De modo que, as férias têm sido boas, o Guliani lá veio acrescentar mais duas frases ao seu escrito de juventude no seu próximo livro, por mim... a melhor frase seria «Por mim editado» mas eu não tenho nem sou editora, talvez a melhor palavra seja «produzido» pois eu fixei o texto, paginei, fotografei a fotografia de capa e preparei para impressão final, dia 8 não porque é Sábado mas dia 10 a reforma cai no banco, no meu, no do Giu e no de todos os reformados por invalidez e, por isso, dia 10 teremos por aí a bombar mais uma cópia de um novo livro encadernado em argolas do poeta índio, a quem eu nas minhas divagações chamo de Giuliani. Não é um grande poeta, é um poeta menor cujo destino será um milagre não ser o olvídio mas... é um poeta, escreve todos os dias há cinquenta anos e sacrifica-se pelo que escreve, as suas palavras são o seu fio condutor no dia-a-dia. Tem os seus defeitos, muitos, é um homem pequeno na obra mas tem um coração grande.

Quanto ao resto, a guerra continua as suas tréguas. Apesar de um insulto de vez em quando, que se ignora colocando o Strategies Against Architecture a tocar no leitor de cedê em alto som. nada de novo a assinalar. Podia assinalar os reveses do comandante que até comprou um carro mas não conduz porque não tem os documentos em ordem, mas fora este pormenor, as

vozes que me chegam através da janela são poucas e normais, sinal de que a calma voltou à ilha.

Estou de férias e agora tenho companhia, ela gosta da minha comida ou pelo menos come-a, já me ajudou a fazer a limpeza aos dois quartos e wc, falta os azulejos da cozinha e o frigorífico, talvez amanhã Domingo, dia do senhor, depois de almoço entre dois charros e duas canecas de café, somos como irmãos, cada quarto é um mundo, o mundo de cada um e, de vez em quando, comunicamos e chamamos o outro à nossa presença, a net dos dois computadores é de graça, a cerveja que temos consumido é pouca, ela tem-se quase habituado a fumar do meu tabaco de enrolar pois arranjei-lhe uma máquina de enrolar cigarros e ensinei-a a usá-la. Para fazer estas férias, e umas não solitárias comme d' habitude mas em duo, o gasto adicional tem sido inexpressivo e quem cozinha arroz para um, cozinha para dois: é só meter mais arroz.

A razão das férias ficam cá entre nós. Beijinhos para a Costa!

## Duplo laço

Ah, como gostam as pessoas de passar entre os pingos da chuva

quando ignoram aquele que se diz louco — até pegam no telemóvel para disfarçar.

Mas de vez em quando lembram-se

e vêm incomodar o louco com analfabestices

e o louco que tem consciência da reciprocidade manda-os dar uma parabólica no bilhar mais próximo

É o momento em que as pessoas fazem escândalo e pedem explicações

Não compreendem o louco

Não sabem que fizeram ao louco o que não gostarão que o louco lhes faça um dia.

O louco neste momento tem um duplo laço no pescoço apertando-lhe a carótida:

Sabe que não tem ninguém com quem falar

Porque as pessoas não falam com loucos, dizem que ficam loucos ao conversar com um louco.

— Mais vale jogá-lo pra debaixo do tapete.

E o louco fica um pouco mais louco e as pessoas cada vez mais falsas no seu espelho de marfim.

— Foi quando eu tirei o blusão que ele saiu disparado.
— E você ficou fazendo lá?
— Ora fiquei vendo televisão.
— Claro que ele gosta ainda de ti, apesar do que ele te fez, tu teres-te oferecido para o acompanhar à cirurgia marcada no hospital tocou nele fundo, ele pensou: apesar de ela só ter ido embora porque eu mandei, mesmo assim ela pensa em me ajudar...
— Noto aí nas suas palavras um certo ciúme...
— Ciúme não, eu sei qual o seu trabalho, você gosta de ajudar os idosos e você não esquece quem cuidou de si nestes dois anos.
— Ele não cuidou de mim.
— Cuidou sim, você viveu lá, partilharam tudo, você abandonou os antigos amigos que só queriam brincar na areia e você fez isso por causa dele. Agora também sei que ele te pôs fora a meio da noite e você ficou na paragem do metro até eu atender de manhã a tua chamada, e da segunda vez te deu um prazo de quinze dias para sair, já foi mais humano, quinze dias é um mínimo, já se consegue um pouco de ar para respirar, e você disse: fizeste uma vez, fizeste duas e agora não há volta a dar, e é por isso que ele te liga a chatear, é porque é casmurro e só vê em frente, ele diz «apesar de tudo o que fiz e quando não bebes és uma santa», mas ele sabe, ele não consegue admitir que não respeitou a tua dignidade e te deixou de pijama e chinelos na rua às quatro da manhã, é como diz a canção: os homens só gostam da mulher depois de as mandarem embora, onde está a minha sopa, a minha cantadora de novidades, a minha cerveja, a minha saudade?
— Ah já te falei que podia estar hoje no Japão casada, ele falava e eu não entendia uma grama, mas a minha mãe não deixou...
— E que ia você fazer no Japão, tu lá não tinhas com quem falar.

— Ora aprendia...

— E depois ele chateava-se contigo e fazia de ti sushi, pegava nesta bela perna e pendurava no talho.

— Puxa, você parece a minha mãe! Já te contei que tive um namorado filipino.

— Contaste-me dum coreano...

— Mas também tive um filipino.

— É, eu também vou agora falar dos meus amores. Já te contei daquela que apareceu lá no cais?, senhora de vison com setenta anos na cédula, a dizer que sabia de um sítio onde eu podia expor de graça, e eu claro fiquei logo interessado, e lá fui com ela a pé, meia hora a subir o monte e ela a dizer: quando me levares a passear, e depois chegámos lá, e apresentou-me o filho com umas trombas que me disse: são cinquenta euros por semana, e eu tomei nota, pedi para me escreverem o telefone no papel, e despedi-me, apertei-lhe a mão, saí, deitei o papel fora e nunca mais a vi.

— Olha pois devia ter aceitado.

— Para quê?, para ela me bancar como vocês dizem, para ter jantar pago, umas bebidas e um charros de graça, talvez até renda de apartamento para a madame me visitar? Se ainda fosse bonita e da minha idade, ela me bancava e eu bancava ela.

— Então quer dizer que para o Cá eu fui um troféu.

— Sabes que foste o que os portugueses chamam de «a brasileira», o estereótipo, sabes?, para muitos de nós vocês só servem para a limpeza ou para a cama. E tu és mais nova, quase filha, os velhos gostam de novidade, mas as velhas também, olha o caso que te contei, ela queria me enganar...

— Virge!

— E ainda não te contei da doida nossa amiga, essa queria roubar-me de ti, engraçado que só me compra quadros quando eu digo que estou chateado contigo e que não temos falado, olha este último que continua aqui, pagou e ainda não o veio buscar nem sei morada para enviar, essa é rica, não dá valor ao dinheiro, não precisa de trabalhar, anda por aí, não estás lembrada do filme que ela fez quando nos conheceu?, interrompeu a sessão

de poesia para falar connosco, fez-se nossa amiga, disse que me ia organizar uma exposição de aguarelas e tal, e depois quando uma vez nós já não nos víamos ela comprou-me um quadro, até parece que só compra quando nós não estamos juntos, é para me comprar, até dançou para mim...

— E dançou bem? Você gostou?

— De nada, bocejei, ela fez cara feia e depois trouxe-me a casa, cheio de sono e de seca, ainda tentei que ela entrasse, mas ela fugiu, viu que eu não me sentia atraído por ela. Não és só tu que tens ou tiveste pretendentes.

— Muito você me conta.

— Agora vou fazer este, foi o nosso amigo que arranjou, é bom.

## Troca de galhardetes

Ela: Me ajuda aqui
Ele: Estou na cozinha, agora não
Ela: Anda
Ele: Que é afinal?
Ela: Ajeita aqui o pinguélo da parafuseta
Ele: O pingarelho da parafuseta? Ah não sei
Ela: O pinguélo está prá banda dali.
Ele: Dali... Dali o pintor?
Ela: Não. A lupa do computador
Ele: Ah já sei, para fazer zoom e ficar normal
Ela: Eta ocê é inteligente
Ele: Pois bate certo, sou papagaio e faço o que manda a gente.
Nós: ihihih fixe kkkk porreta

E depois ela veio e me disse que não
Trocámos uns galhardetes
Ela deu-me a bagana, eu acendi
E fumei cartão

Depois ela disse
Ela: Homem é como biscoito.
Ele: Mulher é como autocarro.
Ela: Some um e aparecem dezoito.
Ele: Os autocarros estão sempre a passar.

E no final ele sonhou e foram felizes para sempre

## A aliança

— Onde está a minha mochila azul?

— Está aqui no guardafatos.

Ela vem e procura e não encontra, diz: — Não tenho o estojo...

— Que estojo?

— O de depilação.

— Eu arranjo-te uma lâmina, comprei um pacote com cinco no início do mês. Olha aqui.

Raíssa agradece e diz: — Vou levar a minha aliança.

Eu pergunto então porquê?

— Ah, ainda não te contei. Na Sexta, quando fui pedir o papel no balcão do metro, um homem me abordou, estava eu à espera da minha vez com senha já tirada e a fumar cá fora, à espera, ele me disse «Dou-lhe cento e cinquenta euros se você ficar um pouco comigo» e até me mostrou as notas na carteira.

— Palhaçada! Era novo ou velho?

— Uns cinquenta anos talvez... Não tenho sorte nenhuma. Vou levar a aliança e depois digo que sou casada.

— Ok.

Raíssa vai arranjar-se e eu preparo-me para sair igualmente, acompanhá-la à estação, receber o seu contributo mensal para este período da nossa vida, ao qual chamamos de férias, e com o seu magro rendimento recebido hoje eu vou aproveitar para pagar a conta da água e da luz, aproveito e já fica pago, é incrível como o seu rsi é só de setenta e quatro euros enquanto o do ex-marido com rendas e ajuda da mãe é o de lei.

— Estou pronta Ru.

Saímos. Calor. Hoje almoçámos o que restou do jantar de ontem. Massa tricolor com sardinha com picante e tomate. Tomei o meu café de saco, ela preparou o seu cremoso e ela disse já a caminho da estação do metro: — Gosto mais quando é você que escreve.

— É natural. Afinal eu leio todo o dia e escrevo de vez em quando enquanto que você gosta mais de ver os seus filmes de

terror no tubo. Mas eu gostei do que você escreveu. Pelo menos é autêntico, Vê-se que foste tu a escrever e o que tu escreveste pode fazer com que te perdoem a multa. Eu escreveria outras frases, outras palavras, mais finas, mas não seriam verdadeiras, nunca me lembraria de escrever a palavra «humildade e sei que fiz errado». Eu já te escrevi para uma candidatura a um anúncio na net e escrevi e só depois de enviar reparei: obrigado por uma oportunidade. Compreendes? Uma mulher diz obrigada e não obrigado. E eles ou elas ao lerem a tua candidatura podem ter achado estranho e te ter posto de lado.

Ela olhou para mim e penso que concordou comigo. Ela nunca precisou de preencher um formulário para o que fosse. O marido na altura fazia tudo por ela, divertia-a com luxo e cerveja e nem sequer a deixava conhecer mundo e arranjar um emprego como qualquer mulher que quer ter dinheiro seu e ser minimamente independente. Tirou-a de uma padaria porque o patrão quis abusar dela, passar a mão na bunda dela, e o marido não tem mais nada, em vez de dar dois tabefes no infeliz, foi buscá-la de carro e lhe deu cartão bancário e a transformou em esposa-amásia. Banca de luxo.

Eu sou diferente, eu não lhe dou nada e dou-lhe tudo, partilho o que tenho com ela, arroz, massa, frango, sardinha, tabaco, mortalha, ganza, ela dá-me um pouco de dinheiro para suportar o aumento de renda que o senhorio impôs, e ele foi bom para nós, ele chegou a dizer que eu ter posto alguém a morar em casa sem o seu conhecimento era motivo para despejo, eu sei eu sei, disse-lhe eu com quase olhos a chegar à lágrima, foi traição mas não havia outro jeito, arrombaram-lhe a porta às três da manhã, ela ligou-me às quatro e eu fiz que não ouvi ou era tarde para atender, e ela esperou até eu acordar e às nove da manhã ligou-me.

— Eu até posso acreditar em vocês, mas diga-me lá senhor Ru, vocês fazem vida de cama, são um casal?

— Já fizemos essa vida, não digo que não viremos a novamente fazer, mas agora somos apenas amigos, quase como irmãos.

— Ela está aqui há quanto tempo?

— Há três dias.

Digo eu mentindo mas ele aceita as minhas palavras, a minha sorte é que nunca lhe dei problemas, pago-lhe as contas que chegam, entrego-lhe o seu correio, informo-o das novidades. Aumenta-nos a renda. Ele gostou da Raíssa.

Agora estamos a caminho do metro, ela tem de ir ao balcão da estação entregar a carta de pedido de perdão da multa. Bem no final do prazo de quinze dias para reclamação. E até ao fim de semana, a multa é de sessenta euros. Depois duplica. O bilhete de multa até referência multibanco tem. Uma eficiência. Onde vai ela arranjar dinheiro para pagar? Só espero que se ela precisar de tirar o passe não lhe exijam o valor da multa já liquidado.

— Paga-me um café.

— Não tenho troco.

— Destroca.

— Não tenho notas e mostro-te, olha. Vamos ali ao multibanco, olha podemos depois tomar aqui o café.

— Está bem.

Sentamo-nos. Pedimos os cafés e tomamos. Depois levo-a ao metro.

— Cuidado com os picas. Entra sempre no fim da plataforma e depois lá dentro vai caminhando para o início do comboio. E sai em cada estação só para ver se eles entram...

— Ó vou lá fazer isso. Assim toda a gente vai reparar.

— Olha, já vi uma vez duas vintonas fazerem isso e não pareciam das que não tinham dinheiro, só não queriam pagar, elas entravam e saíam a cada paragem, e ficavam a falar junto à porta.

— Sei lá, a gente ainda faz um telefonema e me delata.

— Há chibos e bufos e aquilo que no Brasil vocês chamam de xisnove, mas eu acho que neste caso... há um mínimo que as pessoas não fazem.

Ao chegarmos à plataforma do metro, caminhamos para o fundo e passamos pelos bancos. Reparo num senhor que tem

um livro na mão mas não lhe consigo ler o título. Está sentado ao lado de um jovem que eu faço questão de ignorar, porque acho que o conheço, não tenho nada contra ele, ele é filho do Zé que morou comigo na casa do visconde aqui há quase oito anos, só não falo porque ele cresceu e nada sei desse pessoal, cortei relações com eles porque eles quiseram roubar a minha Sanea, e na altura tudo entre nós acabou. Agora este Nuno terá vinte e um, vinte e dois, vejo-o várias vezes na rua, ele também me conhece mas nada me diz, respeito de algum modo, ele sabe que eu fui bom com ele na altura em que o pai era meu colega, também ele uma criança já perturbada, já a tomar lorenin com treze anos, e bem depois da ritalina, problemas na escola, pai ex-tóxico, mãe ex-tóxica e seropositiva, não falo com o Nuno mas respeito. Espero que ele não vá anunciar que eu estou com a Raíssa.

Ela entra no metro e eu venho para casa após pagar vinte e sete euros e cinquenta e cinco cêntimos de água e de luz. Ponho-me a restaurar a capa do livro do Jorge Amado que estou a acabar de ler. Tereza Batista, que mulher!, faço um charro, descanso um pouco a ouvir um lp de Carlos Casas e Raíssa liga.

— Oi, está em casa?

— Sim.

— Vou praí agora. Só amanhã vou à Vendana. Não me estou sentindo bem.

— Passou-se alguma coisa. Onde estás?

— Estou na fila do balcão. Depois eu ligo quando estiver a chegar.

Ela desliga e eu vou fazer o café da tarde. Olho-me ao espelho e decido fazer a barba. Ela chega.

— Então, é tontura?

— Não, eu já acordei mal-disposta, é um mal estar...

— Barriga, cabeça?

— Não sei te explicar, é um mal estar que se sente. Olha, nem com aliança!

Eu olho para ela que mostra os anéis e os retira.

— Porquê? O que se passou?

— Um sessenta anos me abordou e me disse «você fica feia de máscara, devia tirar, não quer vir comigo?» E eu disse: eu sou casada e você é mal educado e não está a dois metros de distância, ele estava sem máscara...

— É o que eu digo: você agrada a novo, velho e até mulher, você é bonita por demais. Devia vender a aliança.

— Eu gosto dela.

— Era dinheiro fácil.

— Eu não quero dinheiro fácil, se não ia fazer programa para a Fa!

— Sim eu sei que não. Mas geralmente as mulheres divorciadas vendem a aliança, a ela está associado um homem e elas querem desfazer-se dessas recordações pessoais. Davam-te quarenta, cinquenta euros por ela.

— Ah, ele pagou bem acima de duzentos.

— Então é isso que recebes, o ouro está forte.

— Mas eu não quero vender, pelo menos para já.

## O golpe

Descobri na minha prima uma atenção e uma disponibilidade para comigo falar. Com ela, consigo falar sem receio da minha vida e na minha família foi a primeira a saber que a Raíssa e eu tínhamos já desde o ano passado planos para vivermos juntos. Descobri igualmente que ela gosta de ler os meus textos, até agradeceu eu dar a conhecer a minha vida aos demais. Para ela é importante que o primo esteja bem mentalmente e que esteja seguro e bem acompanhado. Não julga o meu comportamento mas dá a sua opinião e faz as perguntas que acha necessárias à compreensão do que eu lhe conto.

Diz-me ela acerca das minhas férias com a Raíssa:

*Continuas bem na companhia da tua amiga. E também ela está a adaptar-se a uma nova forma de vida. Curiosos os episódios provocadores dos dois homens com a tua Raíssa na estação. O povo do Porto ou é muito desbocado ou a beleza dessa menina deslumbra de tal modo que, em vez de receber uns belos piropos e elogios, acolhe propostas deselegantes e mal intencionadas?*

*Enfim, primo, muitas coisas giram ao contrário e muitos doidos constroem uma cidade. Continua com a tua escrita e vai dando notícias, ok?*

*Beijinhos e saúde*

Eu respondo-lhe que a minha amiga tem muito carisma e que os palhaços destas bandas gostam de comprar o carisma.

Esta troca de palavras seria impossível com os meus pais ou as minhas irmãs, já os meus cunhados olhariam de lado, tossiriam, tiravam mais um bife grelhado da travessa para o prato e talvez pusessem um pouco de molho em cima. Isto ou diriam de gás o que lhes vai na alma porque, quando se trata de desconsiderar o familiar que não foi humilde quando o quiseram ajudar sem ele pedir, dizem sem filtros:

— O que se pode esperar de uma sopeira? É burra!

Pois é minha prima leitora, tu que me ouves de bom co-

ração e que eu não quero perder como amiga de sangue, tu de quem ocasionais leitoras dos meus textos disseram seres tu uma heroína e me aconselharam a manter por ti o carinho que não fui capaz de manter com elas, a ti digo: este familiar que disse a frase em cima referia-se à minha antiga companheira. Ele foi naquele momento a voz da minha família, apenas a minha irmã lhe disse para não falar assim. Eu fiz cara feia e calei-me. Já me tinha separado há dois ou três anos dessa minha companheira, e já não havia honra a defender, eles nunca gostaram dela mas faziam todos jogo duplo: quando eu me chateava com ela e apanhava o autocarro para vir dormir em minha casa, quando chegava a casa já toda a gente sabia da chatice, nunca deram importância aos meus sentimentos, para eles eu era apenas o irmão, cunhado e filho que tinha saído de um internamento psiquiátrico e que conhecera uma mulher, com a qual renegava a sua própria família pois vivia mais em casa dela que na sua, e a quem tratava mal. Como ela chorava muito e chorava porque pedia e eu dizia que não dava, porque não queria ou não podia, ela chorava e dizia que eu não gostava dela e que tinha outra, era nesta altura que eu me vinha embora para casa da mamã e do papá, e chegava e a mamã já sabia de tudo, já tinha até prometido dar à minha companheira o que ela me tinha pedido a mim.  Era este o jogo-duplo: iam fazendo caridade com ela porque eu era mau com ela ao que parece, fazia-a chorar e três mulheres na minha casa não gostavam de ver uma mulher chorar, eu sabia que a estavam a estragar, a dar-lhe mimo e a fazer-lhe ver que a preguiça compensa, tanto é que deixou de trabalhar e foi relaxando a procura de nova ocupação, se eu não lhe dava a minha mãe dava por mim porque ela dizia-lhe «ai dona eu gosto muito do seu filho». As minhas irmãs tinham-lhe tirado a pinta e só não mo diziam por causa da solidariedade feminina e para os meus cunhados ela era apenas uma sopeira que de facto gostava de mim. Quer dizer, amou-me nos primeiros meses e eu amei-a e, depois, quando vieram as contas para pagar e eu começo a ter de arranjar um emprego e acabo a perdê-lo porque ela me liga a cada cinco minutos se eu não atender a sua cha-

mada em local de trabalho... é natural que eu comece a gostar menos dela e a olhá-la de um modo diferente, para ela eu tenho logo outra saia de roda. E começa o loop: zanga, autocarro, casa da mamã, conversa com a mãe anunciando o fim, duas semanas de intervalo, saudades, ela que sabe como me cativar cativa-me, casa da companheira, cama e paz feita.

Foi assim durante alguns anos, eu às vezes chegava a pensar que a única coisa de bom que o Estaline fez foi fazer planeamento a cinco anos, dizia eu rindo para mim: Estou num plano quinquenal com a Sanea, e ou vai ou racha.

Rachou porque a Sanea se tornou estúpida. Ela nunca foi burra. Ela era uma mulher activa, sabia trabalhar, era mulher oficial de limpeza em várias empresas de trabalho temporário, fazia umas horas aqui num banco, ali num escritório, acolá numa escola. Desleixou-se porque achou que não precisava, ou eu ou a minha minha dava-lhe, só precisava do pitch certo de voz e da lágrima pronta. Acontece que a minha mãe se fartou, a minha mãe começou a ver que não era o seu próprio filho que procedia mal e negou-lhe, a Sanea, ajuda. Ela passou-se dos carretos e insultou toda a minha família. E eu só tive uma coisa a fazer: saí do quarto que partilhava com a Sanea nessa tarde e liguei ao meu pai, pedi-lhe que mudasse o número de telefone da minha mãe e que eu ia arranjar um novo quarto para mim, a Sanea seria passado para mim. Demorei três dias a deixar Sanea para sempre: eu defendo as mulheres que amo mas se elas não me respeitam ou faltam ao respeito à minha mãe e restante família só porque se lembram... isso é o fim de tudo.

Serve tudo isto para comparar o passado com o presente e digo-te prima, para que eu próprio me estruture e, ao escrever, vá pensando no assunto e comece a tirar conclusões e futuras acções. Não o escrevo para me queixar e passar o problema para quem me lê, já não quero matar o leitor, quero procurar o caminho escrevendo-lhe os sobressaltos, as pedras nas quais tropeço, os autocarros nos quais entro, às vezes está-se na paragem e entra-se distraído no primeiro que aparece e, mesmo indo dar ao local errado na hora errada, consigo tirar prazer do amor

que conheci nessa viagem. Foi assim com Sanea, é assim com a Raíssa com a qual viajo de vacanças neste momento. É Domingo à tarde. Raíssa vai sair para ir à Vendana falar com o Cá sobre a venda do carro que ele lhe ofereceu. Ela quer vender o carro porque quer voltar para o Brasil. Tem falado com a mãe pela videochamada e esta disse-lhe que conhece uma pessoa num hospital lá na terra dela que lhe arranja um lugar de assistente de enfermagem.

— É tudo o que eu quero, voltar para o pé da minha família, arranjar um emprego na área que gosto, renovar a carta de condução, vou dizer àquele estrupício que quero vender o carro porque ele, Cá, nem me deu tempo de o conduzir porque a minha carta de condução precisa de ser renovada, e eu sei o que ele passou para me oferecer o carro, mas ele fez-me mal, e ainda agora, quando fala comigo, fala sempre com um tijolo na mão.

— Ele fala assim mas ele ainda gosta de ti.

Digo eu e venho para o meu quarto. Raíssa tem o hábito de comer na cama. Sou eu que cozinho para os dois e como sozinho na sala. Ela está ocupada a usufruir da minha internet e a ver o seu filme de terror em dobragem de voz brasileira, às vezes nem sabe o nome dos filmes, e as vozes são irreais, os filmes não ficam atrás, terror ou suspense e tudo o que meta medo e crime, já vi com ela um tubarão de cinco cabeças abocanhar os veraneantes num iate, e se não tivesse visto as cinco cabeças do tubarão não imaginaria que algum guionista o pudesse inventar. Por isso como sozinho e ela quando tem fome, levanta-se e vai aquecer o taparuere, volta para a cama e come. Depois volta ao filme, ou ao face ou ao jogo de telemóvel. Não tenho televisão para ela ver a tevê brasileira mas ela vê tudo online. E eu como sozinho e começo nestas vacanças a sentir alguma frustração: afinal estou a viver na mesma casa com uma mulher, que abriguei num momento em que ela não tinha onde dormir, e ela só dorme, come, fuma, vê computador ou telemóvel, nem novo emprego procura e comigo pouco fala! Tem uma lista de números há duas semanas em cima da mesa de cabeceira, números para ligar para emprego e ligou uma vez e disseram-lhe que só

no dia seguinte lhe davam a resposta e no dia seguinte não lhe deram resposta nenhuma e os outros números continuam sem ser marcados há duas semanas porque ela está indignada porque a doutora da empresa não lhe respondeu? E os dias passam e ela sem ser activa, fazendo durar o dia, dourar a pílula, amanhã, não me pressione, olhe, quero fazer o anúncio de venda do carro, quero imprimir este leãozinho, ponho o ano, e em baixo: Vende-se, mais o número para me ligarem.

Eu penso: atão, tu vais pôr o carro que o Cá te deu à venda, vais retirar o carro da garagem dele e colocá-lo junto ao café que ele frequenta com um cartão dizendo Vende-se. Um carro sem seguro. Boa sorte e boa lata a tua, penso eu, mas tu precisas de dinheiro para a viagem de avião, eu compreendo, bem dizes tu que a tua mãe está a fazer das tripas coração para falar com o prefeito lá do sítio e ele te pagar a viagem de regresso, mas tu tens que esquecer enviar a televisão e o sistema de som que te ficou do divórcio com o imperador, só em correio gastavas um balúrdio, tens ao menos a caixa da televisão?

— Eu arranjo, me acompanhas ao metro?

— Sim, vê se trazes uma mala com mais roupa, aqui em casa cabe mais uma mala, a outra roupa que falta metes nas duas malas que tens e combinas com a Fa, pois ela disse que as guardava lá no sótão do trabalho dela.

— Tá ok.

Despeço-me dela e venho para casa. Hoje estou com vontade de pintar. Comecei um novo quadro baseado num desenho ao qual chamei de Al Capone. Este desenho foi um desafio que me fizeram há anos, prova-me que sabes desenhar e desenha o Al Capone. Eu desenhei, mostrei e fui recompensado com uma pedra de ganza da boa, gostaram do desenho e, não o querendo comprar, deram-me ganza e pagaram-me o café, reconheceram desta maneira o meu valor nesse desenho. Neste desenho que estou a transpor para tela. Para o Al Capone de chapéu, fumando charuto e bebendo uísque, para o vice que lhe lê as notícias no jornal, para o homem dos livros que lhe faz as contas e as regista e também para aquele que conta o dinheiro.

Com tudo isto, vou pensando: logo à noite, ligo à minha mãe para ela tentar saber porque razão a Raíssa só está a receber setenta e quatro euros de rsi, mesmo não tendo bens e vivendo de favor em casa do Cá que a acolheu na Vendana após o divórcio, e agora comigo porque ele fartou-se de ela não lhe dar cona, e eu a acolhi.

— É como te digo, mãe, eu acolhi-a por caridade, ela estava para ficar na rua, e eu já a conheço há mais de quatro anos, e ela é minha amiga, carinhosa, não me grita, dá-me alegria.

— Ela sabe fazer pataniscas?

— Sabe sabe, minto eu mas digo a seguir a verdade: olha hoje Domingo, estivemos a fazer limpeza, a casa agora está um brinco, o senhorio aumentou-nos a renda em sessenta euros e quem cozinha arroz para um cozinha para dois, quem come dois pedaços de frango come só um...

— Não é bem assim mas tu é que sabes. Eu amanhã de manhã ligo para uma colega da segurança social, dou os dados dela e tento saber o porquê e se ela pode reclamar para vir receber o valor normal de rsi: os 189 euros ou lá quanto é...

— Está bem mãe, obrigado, depois se for preciso ela ir falar com alguém à segurança social, se for preciso, eu vou mesmo com ela.

— Está bem, até amanhã.

— Até amanhã mãe.

Desligo e Raíssa fala:

— Que é isso das pataniscas, que é isso?

— É como rissol, é bacalhau em vez de carne e com ovo e farinha.

— Mas eu não sei fazer isso não!

— Eu disse isso a ela, mas nem sei porque ela se lembrou das pataniscas, ela não te conhece, deve ser a desconfiança de mãe com nora.

E venho para o meu quarto, estou aborrecido com Raíssa, porque ela não pôs anúncio de Vende-se Carro nenhum quando foi esta tarde à Vendana, não trouxe mala nenhuma de casa do Cá, esteve de conversa furada em troca de galhardetes, ele

disse que ela era uma tristeza e ainda lhe ofereceu um maço de cigarros fajuto. Para complicar a minha disposição, ela pediu-me para comprar ganza para ela e não quis comprar a meias comigo, deu-me um charro e eu disse: isto fuma-se e depois não há mais.

Mas não disse nada, fumei o seu presente e deitei-me a dormir.

De manhã, acordo e vou levantar dinheiro e compro a minha dose. Venho para casa. Ela continua a dormir. São duas da tarde. A minha mãe liga.

Diz que falou com a colega, que lhe disse que ela está a receber normalmente e que o seu processo está a ser gerido pela assistente social na Rua da Esperança, nº 87, e que não é possível fazer marcação por causa da Covid, mais vale irem lá directamente informarem-se, toma nota do nome da assistente social, olha que fecha às quatro!

— Está bem, obrigado mãe, mas o que é isso de receber normal? É normal isso de só receber setenta e quatro euros?

— A minha colega não deu pormenores, aponta o nome.

— Está bem mãe, obrigado.

Desligo. Raíssa continua a dormir. Não me apetece pintar, tenho de ir comprar mortalhas, tenho de ir ao talho, decido ir à Rua da Esperança fazer uma marcação para a Raíssa lá ir nos próximos dias. Estou-me a sentir um nabo, eu a trabalhar para ela e ela a dormir. E o que ela me é?, apenas uma amiga, já me deu cama mas há muito que isso passou para segundo plano, é certo que agora não me dá nada, nem eu peço. Gosto da sua companhia aqui em casa, ela distrai-me dos problemas com os vizinhos aqui na ilha. Mas vê só: tu a trabalhar para ela e ela a dormir. Vou lá e venho e ela a dormir.

Chego à Rua da Esperança às três e meia. Falo com a segurança, pergunto-lhe se é possível fazer uma marcação para uma amiga por causa do rsi, digo-lhe que a minha mãe já trabalhou na SS e que me conseguiu fazer saber o nome da assistente social da Raíssa e quando ela poderia vir falar com ela para perguntar os seus porquês e reclamar pelo aumento da prestação

social. Ela dá-me os números de telefone directos mas diz que a telefonista está de férias, diz que a Raíssa pode vir cá na próxima Segunda, o dia em que a assistente retorna de férias.

Eu agradeço e venho-me embora mais contente. Agora só falta comprar mortalhas no sítio habitual.

Depois de sair da tabacaria e quase a chegar ao talho, a minha mãe  telefona-me, diz-me que uma colega da SS lhe ligou a propósito de um socorrido da minha mãe na paróquia, porque a minha mãe embora reformada da SS faz trabalho social de apoio ao pobres da paróquia e, às vezes, as técnicas da Segurança Social telefonam-lhe, a minha mãe faz a ponte entre a SS e os pobres, agiliza pagamentos de rendas e de água e luz, vales de compras e outros apoios. Diz-me ela enquanto eu caminho para o talho:

— Essa colega estava a pedir-me um favor e eu voltei a falar sobre o caso da tua amiga, ela disse-me que a colega de manhã também lhe podia ter dito mas que não viu com cuidado a informação. Sim senhora, está a morar na rua tal na Vendana mas está a receber o valor correcto desde Fevereiro. E como ela mudou a morada para lá, o seu processo já não está na assistente da Rua da Esperança, ela está agora sem assistente social atribuída, por causa das complicações da covid, ela mais dia menos dia recebe uma convocatória.

— Mãe, como ela se divorciou em Dezembro... e depois mudou a morada para a Vendana, é possível que ela esteja a receber em duas contas diferentes, só pela hipótese de a conta ainda estar conjunta com o ex-marido, por erro do sistema informático ou coisa qualquer do género?

— Não, esta colega com quem eu falei agora à tarde diz que não, ela recebe certo desde Fevereiro. Agora tu vê lá, já foste enganado no passado...

— Obrigado mãe, eu resolvo.

Desligo e continuo o caminho para o talho. Chego à porta. Pergunto se posso e dizem para eu entrar. Peço dois frangos cortados aos bocadinhos. Pago cinco euros e cinquenta. Caminho para casa a pensar: então, ela enganou-me este tempo todo,

mostrou o papel em como recebia setenta e quatro mas esse papel tem a data de Novembro. E ela fez a reclamação e recebe o valor correcto desde Fevereiro. Enganou o Cá que desconfiava que ela recebia mais do que o que dizia, mostrou-lhe o papel para provar e a mim disse-me que só me podia dar trinta euros para ajuda da renda, e eu a bancar comida, tabaco, cerveja uma vez por semana porque ela tem bebido pouco, e mais ganza, e a ajudá-la a escrever a reclamação para a multa do transporte público... e ela a receber cento e oitenta e nove, com dinheiro para pagar vinte euros de passe social de transporte público e não ter mais problemas com os fiscais, quando chegar a casa vou confrontá-la!

Digo-lhe tudo isto e mais, digo-lhe: — Eu não te pedi vida de cama, só te pedi alegria, companhia e sinceridade e tu mentiste-me, pedi-te quarenta euros por causa do aumento de renda e tu disseste que só podias dar trinta, e eu perdoei-te as dívidas anteriores, não te cobro nada pela água e a luz e tu afinal estás a receber a totalidade, não há nada a reclamar na SS. No próximo dia 23, vais-me dar sessenta euros de renda mais dez para a água e a luz. Concordas?

— Então eu vou ver se arranjo um sítio para eu me ficar.

— Pois vê se arranjas, e vê se arranjas antes de o senhorio aparecer. Podes sempre dar-me mais quarenta por este mês que passou e eu passo um pano no assunto e esqueço tudo, e no dia 23 pagas os setenta, tu só entendes a lei da bala!

Como ela não responde e continua no jogo decidida a ignorar o problema, pensando que eu mudo de ideias e não irei fazer um acto de descaridade, venho para o meu quarto e desligo o hotspot de internet. Assim, ela sem o jogo no telemóvel, sem o filme no computador e sem televisão para assistir, fuma um cigarro, fuma dois e começa a achar a situação pouco confortável, enquanto eu volto ao quadro do Al Capone para pintar um pouco mais e fazer um compasso de espera, ela acaba por dizer:

— Ainda comigo ao multibanco.

Saímos, ela na caixa do banco retira a consulta de movi-

mentos, tem um saldo de dezoito euros e nos dez movimentos registados no papel, verifica-se que gastou quase duzentos euros.

— Como vês tens saldo.

— Eu nunca fiz uma consulta destas, não sabia...

— E não reparavas no dinheiro que levantavas?, pensas que caía do céu?

— Eu apenas levantava.

Eu nada digo. A Sanea era estúpida mas não burra. A Raíssa é burra e não estúpida. Ou tentou enrolar-me ou então é mesmo inocente. Deve mesmo ter pensado que o dinheiro lhe crescia na conta como no tempo do marido imperador e em que o banco tinha um fundo sem fim.

Ela agora diz que vai à Vendana falar com o Cá.

— Não tragas mala nenhuma. Quero uma resposta às minhas condições até amanhã à noite.

Ela não responde e dirige-se para a estação de metro e eu venho para casa. Venho procurar na internet novo alojamento para mim. Estou farto. A renda tornou-se cara. Preciso de novas pessoas. Antes fosse ela estar a mentir e saber que recebia já a totalidade do rsi, e não ser uma inocente que levanta dinheiro sem saber donde ele nasce, sem dar valor ao dinheiro e só se preocupar com alguma coisa a meio do mês, às vezes ao fim da primeira semana, quando a nascente seca por excesso de vasilhame enchido. Antes ela fosse mentirosa e não burra que não sabe a quantas anda. Ando eu a tentar ajudar uma pessoa, a tentar levantá-la do chão e todo o esforço é para nada, é em vão.

Mas uma questão fica: eu sempre disse aos vizinhos e ao Giuliani que a Raíssa era e é apenas minha amiga e nem lhes disse, apenas o senhorio sabe, que ela está há mais de um mês a viver de facto aqui, e apesar de não haver cama e ela ser uma amiga pela qual tenho carinho e alguma amizade e companheirismo de jornadas de diversão à noite... perco-me... tudo isto pensado não sei no que prefiro acreditar, se ela sabia e deu o golpe ou se foi apenas sempre burra e inocente. Se ela fosse simplesmente mentirosa, aí eu tinha algo que odiar. Se for apenas

uma gaja a ficar lélé, aqui eu começo a ter desamor e a desprezar.

Quando venho da estação de metro onde a deixei, no caminho encontro o Nuno. Ele vem na minha direcção junto com um jovem da sua idade, devem vir da praia porque vêm em tronco nu. Ao cruzar-me com eles, olho-o nos olhos e digo:

— Atão Nuno, estás bom?

— Ah olá tu és o Sousa não és?

— Sim sou eu. Então está tudo bem?

— Sim olha tenho uma filha, deixa-me mostrar-te a foto. Tem três meses. Vives aqui?

— Sim, moro perto. E tu?

— Moro com o meu pai aqui perto no bairro, ele está tão chatinho...

— Mas ele está bem?

— Sim, fez um transplante renal.

— Olha tudo de bom para vocês e diz ao teu pai que está tudo bem entre nós.

— Sim, tu tinhas umas questões com ele...

— Mas é passado, diz-lhe que está tudo bem, abraço.

— Aperta aí!

Despeço-me do Nuno e ao chegar a casa são sete da tarde, ponho a tocar no computador uma lenda do funana: Bitori de Cabo Verde. Fumo um charro. Penso em Raíssa e no que fazer com ela se ela não aceitar as minhas condições e ao mesmo tempo não sair daqui, ser essa a resposta que ela me vai dar amanhã, porque já sei que ela não vem dormir a casa, ela não gostou das minhas palavras e no entanto acredito que ela me compreende, foi a nossa segunda discussão em mais de um mês de convívio, na primeira acusei-a de ser como eu: um bicho do mato e que era natural que eu agora estivesse mudado, afinal deixei de ser o amigo Ru com quem ela vinha divertir-se bebendo, fumando, ouvindo música e esquecendo primeiro o imperador e depois o Cá. Eu deixei de ser esse amigo colorido chamado Ru para voltar a ser o salvador de mulheres perdidas e abandonadas chamado Sousa, o Sousa que resgatou Sanea da

violência doméstica, o Sousa que abriga Raíssa. Se ela quiser ficar sem aceitar os meus termos eu forço a saída daqui. Digo ao senhorio e saio quando arranjar sítio para mim e ela sai comigo mas não vai comigo. Dir-lhe-ei adeus.

Vou jantar e depois tomo um café, passo mais de uma hora a procurar na net quartos, ligo para dois dos mais baratos, dizem-me que já estão alugados, a três outros envio mensagem com pedido de informação por email.

É só esperar. Fumo mais um charro, saio para o café e ela telefona-me às nove da noite estou eu já no café a ver um filme do Dirty Harry:

— Olá

— Olá

— Olhe, está ficando tarde para eu entrar em casa, a Fa me ligou, vou até lá.

— Como correu na Vendana?

— O mesmo, continua tudo igual.

— Onde vais dormir hoje.

— Não sei. Amanhã eu te ligo.

Digo está bem e desligo.

O Te fala-me que a bófia fez o café na semana passada. Entraram três paisanos e perguntaram à empregada se ele, T com cadastro mas limpo actualmente, vende droga no café. O Te diz que a empregada disse-lhes que não se apercebera de nada, mas nada disse ao Te, informou a patroa e foi ela que disse ao Te.

— Eles andam aí, andam a estudar os locais, andam investigar as pessoas, mesmo a mim que tento hoje ajudar toda a gente e quando precisei ninguém me ajudou.

— Tens razão Te. Olha vou até casa, boa noite.

Ao chegar a casa, reparo que não tenho sono. Decido escrever uma carta por email à minha prima, estruturando a história deste período de férias e o clímax a que se chegou. Quando termino, revejo rapidamente, altero algumas coisas elucidando aqui e ali e envio. Ainda assim, o sono não chega. É agora uma da manhã. Ponho na rádio clássica mas uso a rádio online por-

que o meu rádio-leitor de cedês avariou e agora só posso ouvir rádio pela net e cedês no leitor do computador. Vejo as notícias dos jornais online. Ouço um programa de jazz e decido ler para ganhar sono, vou buscar à estante a antologia do Roger Wolfe. Folheio-o e decido ler alguns poemas e gravar a récita. É o que faço depois de preparar um café na cozinha e comer uma torrada com manteiga.

Roger Wolfe merece atenção dos leitores, é uma voz contemporânea e diz coisas verdadeiramente importantes no dia-a-dia de um ser desviante.

Quando acabo de ler alguns poemas da antologia, fumo um charro, o último porque me vem o sono. São quatro da manhã.

Acordo por volta do meio-dia. Faço um café enquanto faço a barba, almoço o resto do jantar de ontem, arroz de atum, descanso deitado como Napoleão quando perdeu a guerra, descanso e fumo um charro, ouço um elpê de Philip Jeck, são três da tarde e Raíssa liga:

— Oi, vou já praí, vou só tomar um café.

— Quando tiveres perto dá um toque que eu vou à estação falar contigo.

— Está bem.

Ponho em equação o modo e as palavras que vamos conversar. Ela acaba por dar o toque. Eu saio ao seu encontro. Quando ela chega, eu pergunto:

— Já tomou café?

— Já.

— Então novidades?

— Fiquei na Sandra esta noite.

— A tua amiga que tem as duas filhas e gere aquele bar onde fomos uma vez?

— Sim essa, mas ela já não tem o bar. Separou-se do gajo.

— Atão o que faz agora?

— Nada, toma conta das crianças. Eu vim só para buscar as minhas malas. Vamos para casa.

— Está bem, toma atenção a uma coisa, a minha mãe sou-

be que tu já não estás nas mãos da assistente da Rua da Esperança, neste momento não tens assistente mas o teu processo já está na delegação da Vendana, toma atenção ao correio em casa do Cá, porque em breve vais receber uma convocatória.

— Ok, eu só estou chateada contigo porque tu pensas que eu te menti.

— Antes mentisses, antes tivesses tentado dar o golpe. Assim odiava-te. Assim só te tenho desamor. Tu dinamitaste tudo ao seres inocente, ao gastar sem saber quanto te depositam, gastar gastar...

— Eu sempre fui assim.

— E tu tinhas dinheiro para o passe do metro, e apanhaste uma multa e foste obrigada a escrever uma carta de tentativa de perdão, não precisavas de nada disto.

— Eu sei, agora pronto.

— Vou-te dizer o que vou dizer ao senhorio, vou-lhe mentir e dizer que arranjaste emprego em Lisboa, um contrato de seis meses num lar de idosos, e que tu decidiste ir porque é a tua área profissional, e vais para lá para ganhar dinheiro e voltares para o Brasil. Assim, ele não precisa de saber da nossa miséria e pode mesmo voltar a repor a renda no valor original. Não sei, vou tentar.

— Sabes que a Fa mudou de ideias? Afinal já não me deixa pôr lá as malas. Mudou de ideia.

— Pois, ela queria que tu fizesses programa no bar de alterne dela, sacar camparis de vinte e cinco euros ao cliente, com percentagens divididas entre vocês as duas, ela queria te explorar.

— Pois, eu começo a ver quem tenho. A ti não levo a mal. Você me ajudou.

— Olha, vê lá se na Sandra te comportas bem. Para dar certo de uma vez contigo. Eu ajudo-te a levar as malas de volta ao metro.

— Está bem. Sabe que ontem acabei por não apanhar o metro na estação e caminhei para a estação seguinte. Tava lá um gajo que me viu, passou um metro e não entrou, passaram dois

e nada, sempre a olhar para mim. Então, eu saí pelas escadas do outro lado e vim embora.

— Era outro palerma a fazer-se ao pisco...

— Era masé um xisnove para me delatar.

— Atão, tu voltaste a passar à minha porta, no caminho para a estação seguinte?

— Sim. Bem, adeus.

— Tchau.

«Arranjaram-me um quarto-atelier numa casa de artistas e conto sair até ao fim do mês. As contas estão pagas.»

Foi com esta mensagem de telemóvel que comuniquei ao senhor A que iria deixar o alojamento que ele me proporcionou nestes últimos quatro anos. Quatro anos numa ilha. Estou prestes a ser obrigado a mudar de designação, estou prestes a deixar de ser ilhado. Vou para uma casa de três andares, o andar do meio será meu, e no de cima fica a cozinha, a sala e a marquise. Vou ter vista panorâmica para o rio do ouro. Reparo que estão a civilizar a encosta em frente, a construir estrada, enredar a escarpa de terra, arbusto e rocha, a recuperar com fins turísticos (poderia lá ser de outra forma?!) as casas ribeirinhas, existe já cais para barcos-prisões e projecto de hotel de luxo e circuito pedonal e ciclovia.

Ainda não dormi na nova casa mas abrir as janelas e observar da marquise a paisagem sempre que vou lá deixar mais uns quantos quadros, uns quantos livros, uns quantos discos de vinil e cd, faz-me lembrar do meu pai, há uns anos na sua marquise ao fim da tarde, observando a paisagem, as árvores dos quintais interiores e os pássaros e insectos, enquanto eu o espiava e o imaginava a pensar nos incêndios na mata angolana há cinquenta anos, sendo ele jovem soldado. Eu escrevia o poema-ódio, a carta-bomba à autoridade para quem, pensava eu, era um importante rebelde, cheio de semente para destruir os alicerces do mundo que eu achava que me oprimia.

Foi no período de incubamento do meu último internamento, uma coisa freudiana, o meu pai era o mau e eu era um jesus bandido, uma vítima. Muita coisa mudou. Eu mudei e o meu pai também, e eu já não penso como pensava nessa altura, afinal acho que o meu pai está do lado do bem e eu talvez esteja agora a tentar convergir para o bem, sabendo que o caminho é longo.

Às vezes, a gente constrói muros à nossa volta, e muitas vezes são com a intenção de nos defendermos, de levarmos as

mãos aos ouvidos para não ouvirmos os insultos que nos dirigem, é como a história que os Pink Floyd musicaram, criamos um espaço onde somos imunes à opressão da sociedade, fechamo-nos em casa e aumentamos o som da aparelhagem e desligamos do mundo.

É assim que eu aqui nestes últimos tempos na ilha me estava a sentir. É isso que eu digo ao senhorio quando ele vem buscar umas cartas que chegaram para ele.

— Olhe, eu vi mais mulheres bonitas nestes dias que tenho ocupado a mudar as coisas para a nova casa do que nos últimos quatro anos. Pelo menos, é um regalo para os olhos.

— Você sai porque tem medo do Luís mas olhe que a um vizinho sempre se pode virar a cara e metermo-nos em casa ignorando-o mas já não é tão fácil fazer o mesmo a uma pessoa que vive connosco na mesma casa, há sempre as questões da limpeza, da cozinha e da higiene.

— Tem razão. Mas o meu novo colega parece boa pessoa e é artista um pouco como eu também, e não pense que é medo do Luís, eu é que estou farto de viver aqui, até há pouco tempo tinha aqui a minha amiga e isso disfarçava, mas agora ela está para Lisboa... e sabe.... sabe que o Luís ameaçou os vizinhos de pancada se falassem comigo?, partiu o nariz ao Giuliani por vingança e este agora só fala comigo às escondidas, no café ou assim; o oficial de obras que mora com ele também fala de vez em quando comigo mas só vem falar para pedir trocos; os outros que restam são o que eu chamo de «criaditos do luís comandante que não sabe nadar iô», que vivem ao sabor do vento, vão para onde mija o comandante as notas ou o resto do charro ou do caneco de coca, é para onde eles se dirigem. Às vezes, vou de metro e, no final das escadas rolantes, ele vira à direita e eu sigo em frente... e nada, espiamo-nos mutuamente e nada, nem ele me dirige a palavra porque o comandante não deixa, nem eu quero saber mais dele para nada e até fico aliviado por ele já ter esquecido todas as histórias que lhe contei quando ele vinha para minha casa ouvir música e fumar charros. Ele agora é big business, a coca é a rainha dele, até já esqueceu a namorada e

diz que se o filho nascer pelo menos tem uma mãe rica. Quero lá saber que ele vira à direita, eu sigo em frente.

É claro que não disse tudo isto ao senhor A. Estou imaginar uma espécie de diálogo, mas não deixa de ser tudo verdade. Também podia falar da família feliz que vive na primeira porta da ilha: bisavó, avô e avó, filho, e neta de agora quase quatro anos, nasceu por alturas da minha chegada à ilha. Recebi uma carta para essa menina por engano na minha caixa de correio, saí de casa e bati-lhes à porta e disse: «isto é para si» e entreguei-lhes a carta. É costume os carteiros, principalmente os mais desconhecedores da ilha, enganarem-se nas caixas de correio. Houve cartas que não me foram entregues, foram deixadas no muro à entrada, porque essas cartas eram colocadas por engano na família feliz e estes por vingança não mas entregavam. Eram retaliações de vizinhos, lembro o que escrevi na altura:

«Aconteceu-me algo parecido quando precisei de ajuda oficial, perguntaram pelo telefone da minha mãe. Ainda hoje vejo pessoas na rua que me agridem só por eu existir, um dia destes uma cabeleireira vinha a descer a rua com a companheira e um pequeno cão, o cão ladrou-me, ela afastou-o e disse: — Ainda se fosses Alguém! Eu nada disse, o que ela queria era que eu respondesse para que dali surgisse a algazarra dos ditos e contos, se eu lhe respondesse qualquer coisa como «És linda como a noite, tens penteado muitos camones?, eles não te dão que chegue?, precisas de me incomodar?» Viriam certamente acusações em altos berros para todo o bairro ouvir dizendo isto e aquilo como aconteceu a semana passada quando, por causa de um cano da água, tive o vizinho a chamar-me de porco e de pintor da droga e o filhinho, aprendiz de gorila de claque, a querer bater-me. Pouco faltou para que eu entrasse em casa e pegasse no martelo e fosse responder-lhes à letra dizendo: andem cá agora, quem são vocês para me insultarem!, mas foi melhor não ter feito nada porque o senhorio, ainda assim, veio e disse-me: a corda parte sempre pelo lado mais fraco. Engoli a mensagem. Não deixa de ser irónico porque o cano pertencia ao senhorio e eu estava a defender o seu património, é!, as pessoas

odeiam o meu modo de vida, pisam no mais fraco e lambem o cu ao mais forte.»

Foi a partir desta altura que eu fiz amizade com a ilha, com aqueles que eu chamei de comunidade por oposição à família feliz, esqueci os maus, apaguei-os da narrativa e eles sempre a retaliarem com o extravio do correio, e abracei a comunidade do Giuliani e dos amigos, o Luís até caiu das escadas quando me vinha cumprimentar vendo-me entrar em casa com quadros pintados... e ele a dizer «nós também somos artistas!»

Belos artistas sem dúvida, uns artistas da merda, o Giuliani a dar-me livros dele para eu os rever e preparar para edição de autor dele, e perguntar-me se não há nada neles que o envergonhe... e eu: «não Giu o que tu escreves é verídico és tu próprio és genuíno» e eu a pensar «ele mudou o nome das gajas para o nome da mulher pela qual está platonicamente embeiçado, ele isto e ele aquilo, coisas vergonhosas que escreveu, quero lá saber, vou-me embora, quero lá saber do Luís técnico de electrónica, de som e de concertos, baterista e guitarrista, quero lá saber, a única vez que o vi tocar bateria vi-o furar a pele do tambor com a baqueta, há meses o Vermelho diz que viu fumo a sair de trás da aparelhagem e por isso o incêndio não alastrou, havia sido o comandante que decidira fazer um shant às colunas para cortar os graves e fazer de equalizador... élou! Só mesmo artistas seriam capazes de tal obra de arte, não quero saber, vou-me embora.

Mais uma semana e já durmo na nova casa.

— Mas o Luís faz o quê mesmo?, pergunta o senhor A.

— Não faz nada, vive à custa da mãe rica, sabe que ele quando houve a guerra, depois dos insultos e tentativa de arrombamento, andou a falar com a patareca da dona Teresa para ver se arranjava aliados contra mim, para ver se eles falavam todos consigo para você me pôr fora, e eu a pensar: logo a dona Teresa que, quando o Luís se passou da cabeça, ela mesmo perguntou à irmã do Giu se não queria chamar a polícia para levar o Luís de cana... essa mesma patareca velha que se vira para o agrónomo antropólogo que vem fumar com o Luís e lhe diz

«o Luís é bom home.» É tudo demasiado decadente, a mãe do Giu... a verdadeira dona das casas onde a comunidade vive, a mãe do Giu gosta mais do Luís do que do próprio filho, o Luís ao telefone é só salamaleques, diz que fez obras na ilha e que no próximo mês lhe faz a transferência bancária e manda beijinhos e cumprimentos, enquanto que o Giu quando fala com a mãe é só choro e insultos e queixas contra a mãe... não dá!, senhor A, eu tenho mesmo de me mandar daqui para fora, esta casa parece uma prisão, estou bem cá dentro, mas mal saio porta fora a complexidade da comunidade e da família feliz e de todos os que vêm cá fumar e ser indrominados me atinge, quero derrubar o muro, se não o derrubo translado-me para outro lugar. Por isso, lhe digo, mais uma, duas semanas, e corto a água e a luz depois de mudar tudo, e só venho cá no fim do mês pagar a conta da luz e da água e entregar-lhe a chave, quero ver também se lhe limpo a casa, quero deixá-la com estava quando vim para cá, é certo que as paredes vão ficar cheias de buracos por causa dos pregos arrancados mas...

— Você foi um bom inquilino, só a atenção com o meu correio, sabe que vieram cá famílias com filhos, mesmo dois filhos e me diziam «mas que casa bonita!» e eu nunca aluguei, chegavam a fazer fila à porta, eu metia o anúncio e combinava o encontro aqui. Mas você agradou-me. E agora, quando recebi a sua mensagem, até comentei «e eu a pensar que lhe estava a fazer um favor».

— E estava, mas as coisas mudaram na minha vida e não vou para um sítio muito mais caro do que aqui, e preciso de uma nova mudança na minha vida, e novas pessoas, novas vidas às quais me ligar.

— Ok, espero que tudo lhe corra bem.

— Obrigado, e espero que, num futuro que espero que não aconteça porque seria um mau sinal, mas espero que se eu precisar no futuro de alojamento lhe possa ligar.

— Você só apaga o meu número se quiser, mas também é preciso ver que aqui já poderá estar alugado, eu vou pôr anúncio...

— Sim claro, quem diz aqui diz noutro lado.

— Aqui, eu gostava de você aqui.

— Obrigado pelo apoio, senhor A, e até ao fim do mês.

E muito mais coisas poderia ter dito ao senhorio, poderia ter-lhe falado de mais razões para sair daqui. Não foi só a questão da guerra contra os vizinhos da ilha, sejam eles a comunidade ou a família feliz, eram também os motivos da guerra, eu próprio tinha pensado «o Luís merece ser fodido» quando vi a atitude que ele tomou quando não me pagou o trabalho de ajudante nas obras naquele dia, dizendo que não tinha dinheiro ao mesmo tempo que escondia uma nota de cinquenta euros. Era toda uma cultura da farsa, toda a falta de cultura de uma comunidade de indivíduos que nasceram em berços de ouro e que de alguma maneira se desgraçaram aos olhos de toda a gente, e comeram o pão que o diabo amassou e continuam a comê-lo, ressabiados contra tudo e todos e com inveja de quem tem as condições mínimas que, mesmo essas, eles deixaram de ter, a saber: tiveram criados de sala de jantar e cozinheiros privados em casa dos pais e, hoje, vê-los comer com os dedos dá quase nojo; terem entrado para o programa de recuperação da hepatite c e terem tomado as pastilhas com vinho enquanto falavam com o comandante pelo telefone dizendo «olha agora estou a roubar o Estado em mais dois mil euros» e morrerem de cirrose um ano depois e todos chorarem e fazerem luto, deixarem o vinho com cerveja e meterem-se na poeira e na branca, e quando um deles entra também no programa da hepatite c, toma as pastilhas durante três meses fumando a coca, as pastilhas acabam e não vai fazer o teste de despistagem para ver se se curou da hepatite porque poderá acusar droga, e assim não quer saber se está curado ou não... tudo isto são coisas que eu preferiria não ter sabido, preferiria continuar inocente e pensar que somos sempre nós as vítimas e que quando nos desgraçamos a culpa é sempre dos outros, eu em alguns momentos fui parecido com eles, e nada do que com eles partilhei lhes foi útil.

Não fui professor e talvez tivesse querido sê-lo. Por isso, agora está na altura de ir partilhar para outro lado. Também

com a minha amiga nada mais há a partilhar. O período de férias acabou. Ela, depois de uns dias em casa da Sandra, voltou para casa do Cá, que lhe voltou a oferecer abrigo de graça, eu aqui precisava de algum do seu dinheiro para suportar o aumento da renda e da despesa mensal. Ela preferiu o Cá. Vi-a há dias na estação do metro, continua perdida. Já não a consigo ajudar mais, ela não faz o suficiente por ela própria, quer comprar tudo feito, alguém que lho pague, foi isso que a convivência neste período de férias que passámos juntos me mostrou, ela cansou-se de mim e eu cansei-me dela.

E ainda assim sinto que ela gosta de mim e eu continuo a ter-lhe afeição e a fazer quase tudo para a ajudar. Ela quer e precisa de alguém por perto mas não ao lado dela na cama, precisa de alguém que lhe escreva os formulários, que lhe pague as contas e lhe dê presentes. Ora, se eu tivesse a renda que o Luís comandante tem, não me importaria de a bancar, mas não tenho. Acredito que ela gostaria que fosse eu a dar-lhe o que ela necessita, mas o meu rendimento não dá para sustentar duas pessoas integralmente, dá para mim e para algumas ajudas e sacrifícios por outrem. O ideal para a minha amiga teria sido não se ter divorciado e continuar a viver a farsa do casamento com o imperador que não se queria divorciar e lhe continuaria a pagar casa, comida, cartão bancário e outros luxos, enquanto ele turistava com o seu amigo designer na casa de praia arrendada no nordeste. Mas ela acabou levada pelas promessas do Cá, ela sempre gostou de homens mais velhos. Ao princípio, Cá cozinhava-lhe pequenos-almoços de rainha e abastecia o frigorífico com vinho e cerveja, oferecia-lhe a chave de casa e poupava para lhe dar um carro, dizia-lhe: «Quando é que se descasa? Quero casar com você! Passava a casa para teu nome e quando eu morresse já não ficavas na rua...», e divorciou-se amigavelmente na conservatória com a promessa de dividir o recheio da casa, uma viagem de ida e volta ao Brasil para renovar a carta de condução e ficar três meses com a sua família de origem e ainda dois mil euros. O que aconteceu é que ela já não morava de facto na casa do imperador mas sim na casa do Cá e o imperador apanhou

uma carta que chegou do advogado pedido à Segurança Social para o divórcio. Ela precipitara-se e a carta chegara depois da ida à conservatória. O imperador vingou-se e desfez o acordo e mandou-a tirar as coisas de casa definitivamente. O que ela fez e mudou-se em definitivo para a casa do Cá.

Eu fui sempre uma ponte para ela, um tempo e espaço de diversão e distracção dos seus problemas. E é isso que ela gostava em mim. Mas as férias aqui comigo mostraram uma realidade diferente, cada um tinha o seu quarto onde vivia, não nos procurávamos por desejo carnal, apenas quando necessitávamos de algo, conversávamos de vez em quando quando ouvíamos uma música ou víamos um filme no tubo ou quando bebíamos cerveja e fumávamos. Éramos uma companhia e uma distracção do mundo lá fora, o muro onde estávamos parecia perfeito para ser grafitado e nele nos escondermos... enfim, cansámo-nos do que parecia ser a perfeição... acredito que ela não conseguindo voltar para o Brasil, acabará por casar com o Cá. E eu serei talvez o padrinho mais desejado, ela, quando nós brincávamos, sempre me disse que andava à procura de uma «próxima vítima» e que eu seria o padrinho lol.

E termina aqui a história da mulher invisível, do velho careta e da fresca, sendo que a fresca é a farsa da obra ou as obras. Obra imperfeita e bruta como só assim poderia ser por mim contada.

# PROLONGAMENTO

## “Shivana está lascada”

## Ora, porque tenho vontade

— Tásaver, nada mudou, continua tudo igual, você sempre a viver em casa-apartamento com várias divisões, uma banheira que para mim seria um jacúzi, cozinha equipada, bom sistema de som e TV com ecrâ de metro e vinte hd, tudo do melhor mas sem um tostão, vivem do fiado. E eu, em casas velhas onde chove mas, ainda assim, o dinheiro vai chegando para o vício de um disco de vez em quando.

— Vc não precisa de mais discos!

— Ó, há sempre um que falta, mas não era isso que eu queria dizer, o que eu queria dizer é que nada mudou, eu continuo remediado, é claro que agora só ouço pássaros e não violência doméstica entre vizinhos, mas você continua escrava...

— Eu hein...

— É, primeiro era escrava conjugal mas com cartão de crédito e agora é escrava de trocos contados.

— Pô, sabe que eu ontem me chateei com ele? Pois sim, ele dá-me sempre dinheiro certo para o supermercado mas às vezes não está certo, dá dinheiro a menos, e eu ontem estava no caixa a pagar e aconteceu! Cheguei a casa e disse: a partir de agora vai você às compras. Mas escrava pois sim, o que vale é que tenho tu.

— Dá-me um beijinho...

Ela sorri e há quase uma transmissão de pensamento, eu sorrio e avanço, mas ela desvia a cara, não devia ter pedido, devia ter avançado de surpresa quando ela disse tu e sorriu.

— Dá lá um beijinho!

Ela sorri e é como se estivesse indecisa, vai para dizer qualquer coisa mas expira apenas e não conclui a palavra, ri-se, suspira, ela quer dizer mas não diz.

— Diz, mulher, que não te ardam os pensamentos nos pulmões, sabes que comigo podes dizer tudo, aqui estás a salvo.

— É, ainda sou desejada e já estou quase nos cinquenta...

— Sim, ainda é desejada mas você já não deseja. Só quando a apanham distraída ou borracha.

— Não desejo? Porque diz isso?

— Podia desejar-me a mim que a conheço há uma data de verões, sou seu devoto fiel.

— É fiel é?

— Sim, até hoje ainda não houve ninguém depois de você...

— E no entanto há sete mulher para um homem hein?

— Sim mas até hoje ainda não apareceu ninguém melhor que você e quando aparecer... o livro termina.

— Eu vou matA vc!

— eheheh matar?, atão mas porquê?

— Ora, porque tenho vontade!

— Ah atão tábem, se é só porque tem vontade, está bem. As mulheres geralmente querem matar os homens, especialmente as baixinhas, estão sempre a levantar o punho pra ver se chegam ao pescoço do homem eheheh

— Tá calado. Põe música. Põe a nossa música.

— Ok.

## Pensamento do dia

— Às vezes tenho pensamento como este e hoje este é meu pensamento do dia: se eu me a fogar na sua beleza eu tenho direito respiração boca a boca

— Que bonito

— kkkkk eu sou um pouco doida tenho cada pensamento

— E eu serei seu salvador nadador lol

## O jornalista

Nas prioridades do seu coração eu sou o jornalista: — Não seja puxa-saco. Sempre a querer saber como eu consegui...

— É, ponho sempre a boca no trombone mas é porque você me inspira eheheh

— Eu devo ser padre, tenho o Zé sempre a ligar-me pra me contar as desgraças...

— Tu és madre! Havia o imperador que te dava ouro e cerveja, agora tens o governador que faz a paz comprando-te um coelho...

— Você sabe que eu não guardo pensamento, disse bem alto «pensa que me vai comprar com um coelho?» e ele olhou pra mim com umas trombas, minha nossa.

— Fala-me do Insistente, é esse a próxima vítima?

— Ué, eu bem lhe digo «você está brincando com o fogo, se o governador descobre põe você no olho da rua», mas lá está... comprou a minha água mineral, me deu dinheiro para um café...

— Coitado dele, foi ao mecânico e depois foi e passou na inspecção, foi-te buscar no final da tua entrevista de emprego...

— É, e agora o carro avariou, tem ido lavar os seus comboios deslocando-se para o trabalho de metro.

## Os inimigos

Estava eu de visita a uma loja de discos, onde às vezes um coleccionador de arte aparece, e disse eu ao dono da loja:

— No Sábado passado e a caminho do salão de chá para ver se lá estava o Serafim, passei em frente à galeria e esta estava fechada, tinha um número de telefone colado na porta...

— É, deve estar em Lisboa confinado...

— Ele está em Lisboa?

— Sei lá, ainda há bocado ao vir para cá, estava fechado o vendedor dos teus quadros.

— Já não fala comigo há mais de um ano...

— Não deve gostar de ti...

— É, se calhar não, eu sei que há pessoas que não gostam de mim...

Estava a dizer isto e a folhear uma estante de discos e a pensar no que há quase dois anos e antes da pandemia dissera a Via Láctea, minha irmã de sangue, quando ela me veio visitar à ilha e almoçar o meu frango com arroz. Até essa altura, quando ela vinha levava-a ao café-restaurante da zona e ela pagava o nosso almoço conjunto, era a maneira que tinha de me agradar. Recusei posteriores almoços pagos porque durante estes o café enchia-se de mirones a perguntarem-se de onde poderia eu, um desarranjado da vida, conhecer tão formosa dona e mais, ser-lhe pago o almoço. Uma vez até me ofereceu «A chama» de Leo Cohen e todos invejaram ser eu e não eles o destinatário do presente.

Ah, eles invejaram ser eu mas não foi por não terem agora mais um livro para ler, invejaram mais o dinheiro gasto comigo, quanta cerveja, quantas pipocas não estalariam por trinta segundos no caneco se ela, em vez de lhe dar o livro nos desse a nós o valor do livro em numerário...

Sim, os mirones comiam-na com os olhos e eu pus-me a pensar no caso, decidi que a traria à ilha e retribuiria o valor dos almoços anteriores com um almoço para dois por mim co-

zinhado, fui até buscá-la a meio caminho da estação de metro, ela gostou do arroz e perguntou e eu respondi: « a galeria é como uma namorada, um romance de adolescentes, andas dias e dias, semanas e meses a gastar o teu latim, a ficares seco da garganta de tanto explicares a situação filosófica do ambiente de vida do pintor e o modo como o mundo mediado é transferido e expressado em cada nova filha ou tela pintada... tudo no intuito de caíres nas boas graças da dona namorada e ela te dar um sorriso, te incentivar a nunca desistires, a dares o melhor de ti e a fazeres umas alterações no último quadro e que em breve terás a tua exposição. E assim, o jovem namorado ou o pintor velho sai esperançado do encontro e seco e desejoso de um copo de água, uma altura em que o cigarro não ajuda e seca ainda mais, e vem para casa e diz que a prima Vera chegará, e ela chega, a exposição é feita e tu dás espectáculo, os quadros vendem-se todos em pouco tempo, a publicidade patrocinada leva o teu nome a dar lucro à namorada, ela ou ele galerista, ele já te tinha correspondido pagando-te previamente as obras, até ao dia em que surge o nome seguinte no cartaz, um novo namorado se anuncia, porque a galeria vive de novidades, carne fresca, e é assim que o casal de namorados se desfaz, o pintor teve o seu dia e gozou o que pode, comprou uns discos extra, quatro ou cinco livros para devorar após o jantar, fumou mais umas quantas brocas e desfez-se na obscuridade, e a namorada já não quer saber dele.»

Via Láctea ouve e confessa que nada percebe dos bastidores do mundo artístico, eu digo-lhe que é como na literatura: um putedo, safa-se quem anda a namoriscar alguém, se não fizeres a vida de ir a inaugurações, eventos e lançamentos, nem sequer sabem que tu existes, o pior é quando me perguntam se eu ainda vou à galeria, tenho quadros para vender mas essas pessoas preferem comprá-los na namorada porque ela lhes vende a obra pelo triplo do preço e as pessoas só dão valor ao big money, e eu sou peixe miúdo.

Estava a pensar nisto na loja e virei-me para o dono e disse:

— Se calhar ele é meu inimigo, mas a nossa importância também se vê na qualidade dos nossos inimigos.

— Importância... que é isso?

— A importância é efémera, demora quinze minutos a fama, até que alguém grafitou: um dia seremos todos anónimos por quinze minutos. Bem... até à próxima.

Saio da loja e dirijo-me para casa, caminhei com este calor para nada, vou ter de arranjar dinheiro de outra maneira, agora para piorar a tarde só faltava que o Zaine aparecesse bêbado à minha porta com o computador no saco às costas prontinho para me jurar que a palavra-passe está errada e que desde que voltou do hospital não a consegue introduzir.

— Sabes ler? E escrever sabes? Olha, vou-te escrever a palavra-passe nesta folha A4, consegues ler?, ah já sei, não tens óculos, deitaste-te em cima deles, havias gozado com o Giuliani quanto eu te disse que era assim que ele fodia os óculos que lhe compravam... e tu fizeste o mesmo, no hospital fazem-se muitas promessas e muitos amigos... mas não disseste que o tipo dos Açores te ia pagar umas lentes bifocais?, poisé... não me voltes a aparecer bêbado aqui em casa, é que tásaver eu não sou a tua ama seca nem tenho que te rebocar rua acima quando sairmos de casa só porque tu dás um passo à frente e dois para trás e de costas, sujeito a partires a tua cabeça de poeta no granito da soleira da minha porta, óbiste?

Tou fodido, o Giuliani morreu de cancro no fígado, de tristeza, solidão e miséria e morrendo o Giuliani morreu toda a gente, a comunidade do além migrou para o além, a ilha está entaipada, já ninguém lá mora, o meu ex-primo Xis vive agora na rua agarrado às pipocas e fugido do comandante que, suspeito de assaltar uma agência bancária e fugir sem máscara, suspeito de agredir uns azuis quando o mandaram parar quando conduzia sem seguro, suspeito de ter chamado nomes à patareca e avisado de que se aparecesse o filho da patareca o matava... o comandante, dizia eu, acabou quinze dias internado e é actualmente sem-abrigo mas que sa foda!

O pior é o espólio literário do Giuliani acabar por ir pa-

rar ao contentor das obras quando a mãe vender o terreno da ilha para construção, a não ser aquilo que os amigos conseguirem resgatar ou tiverem em sua posse, o Giuliani oferecia tudo. Morreu na miséria. Sabem lá esses poetas d'hoje, esses meninos copinhos de leite e ditos de afilhados do Saramago e outros prémios, esses que têm lucro ao escrever as banalidades que todos mandam ler como cartilha e plano nacional de leitura, sabem lá o que é viver a palavra, tropeçar nela na rua e não poder fazer nada a não ser pegar logo na caneta e escrever na pedra do livro o sangue da sua existência!

## Quem dá esquece, quem apanha se lembra

Dizia ela no outro dia no caminho de volta à estação do metro:

— Sabe o que foi que ele me disse? Disse bem assim: «ela pensa que eu não sei por onde ela anda e com quem vai!»

— Mas ele ao dizer isso, estava só a fazer blufe, a meter medo, ele não sabe verdadeiramente, e se o soubesse não reagiria assim, com tanta calma e desprezo...

— Se afasta de mim agora, desce e segue em frente...

Eu escuto, olho para o lado contrário, vejo um gajo aproximando-se da entrada do metro, e desço a escadaria da estação, no final olho para trás, ela vem a descer, espero por ela e pergunto:

— Atão, o gajo viu-nos?

— Não, era amigo do Cá, pedi-lhe um cigarro, ele não deu, disse que ainda ia tomar café antes de ir embora.

— É melhor eu ir embora, o metro é só daqui a oito minutos.

— Sempre o mesmo, me deixando sozinha à espera.

— É no teu interesse.

Hoje, de manhã, ela saía novamente do metro, mas noutra estação, eu vi que ela saía e caminhei à frente sem olhar, ela viu-me e deu-me uma palmada no braço, disse:

— Segue em frente, o Insistente vem ali atrás...

Eu não olhei e segui, subi a escada rolante para a rua, andei mais devagar, ela chamou-me, eu olhei, ela vinha e não me pareceu ver o Insistente, ela disse para eu esperar por ela:

— Você parece o pilotão, sabe que no Brasil, há um dia em que há uma parada com carro militar e soldado marchando, há sempre um que vai à frente, é o pilotão, é você que não espera por mim.

— Ele já não vem ali?

— Não.

— Não vinhas a falar com ele no metro?

— Não, ele vinha com o filho.

— Olha, e como correu, naquele dia?

— O amigo do Cá chegou não sei como primeiro que eu, e mal eu cheguei à esplanada o Cá disse bem alto à frente de toda a gente, me humilhou, estavam os amigos dele, as amigas, ele bebendo cerveja, o Insistente bebendo café, eu fui para casa com as palavras dele zoando dentro da minha cabeça: «desapareça da minha vida tire as suas coisas de minha casa»

— O gajo até deve ter pegado um táxi, estes chibos não olham a despesas.

— Pois, eu quero que você escreva e passe para uma pen, o relatório do que eu escrevi, sobre o que ele me faz, é abuso, é violência doméstica psicológica.

— Está bem.

— Que é para eu depois ir à polícia. Agora, eu queria uma coisa, sabe onde eu posso pôr uma película no meu celular?

— Sim, sei, há ali um sítio barato.

— Mas agora as coisas estão mais calmas, eu lhe escrevi uma carta dizendo tudo o que ele me tem feito passar e disse que ia na polícia, e ele leu, saiu de trombas, foi comprar pão, foi ao talho, grelhou três bifes para mim.

— Sim, tentou comprar a paz, e ele sabe que tem de ter cuidado, não foste tu que disseste que ele foi chamado à Segurança Social, ela lá o deve ter avisado, até já foste à polícia e aos bombeiros e que te disseram eles?, escrever tudo.

— Sim, você passa o que está no caderno para a pen, imprime, e depois eu venho cá e levo à polícia para lá eles lerem.

— Sim. Já reparaste no poder da palavra?, na importância de saber ler e escrever e expressar um sentimento?, a palavra, a caneta é uma arma, não faz sangue mas leva as pessoas a agir, dá esperança, vê que tu escreveste uma carta a ele, disseste o que sentias, disseste a tua verdade, soubeste escrevê-lo e ele leu, e quis fazer logo a paz, essa era uma carta que até eu queria ler...

— Ele rasgou. Agora me explica: porque é quando eu venho você está alegre e quando eu vou você fica de tromba?

Eu sorrio, sei que faço assim porque me preocupo com os

seus casos e fico pensativo pensando em maneiras de lhe resolver os problemas, digo-lhe:

— Eu gosto de você, mas você não acredita, sugiro que o seu pensamento do dia seja hoje este: «pensar no que disse o Ru.»

— Ah tábem...

— Sim, pensa na palavra, no poder de expressar um pensamento. Às vezes, um escritor vende centenas de livros, ganha milhonas de dinheiro e ninguém o lê...

— Ora não lê...

— Não lê não, a gente compra e coloca na prateleira, eu ainda tenho livros que há anos não li, e tu foste cirúrgica, é esse o papel da palavra, tu escreveste a tua verdade e atingiste o alvo, mudaste a tua situação perante ele, ganhaste a batalha.

— Cessar fogo.

Despedimo-nos depois de passarmos na loja de telemóveis, na rua que dá acesso à estação do metro e eu venho para casa, aqueço no microondas o almoço, tomo café, vejo as novidades do mundo nos jornais online, descanso meia-hora e começo a transcrever o caderno de Shivana, segue em baixo.

*«Relatório*

*03 de Outubro*

*O Cá inventou de ficar de tromba para mim, hoje, sem eu fazer nada, eu já estou cansada disto tudo, ele sai, não dá satisfação e depois quer que eu fique satisfeita*

*04 de Outubro*

*Hoje ele só falou comigo à noite, veio com um pretexto falando de uma camisa que eu dei a ele*

*05 de Outubro*

*Mais uma discussão só porque eu lhe perguntei: se ele ia à rua que passasse na Tatiana para comprar o pão, ele começou a me gritar e falou que já estava farto, eu só queria que Deus tivesse misericórdia de mim e me arranjasse um trabalho para eu ir embora daqui, até lá vou aguentando as humilhações, de uma maneira ou de outra eu tenho de dar um jeito na minha vida. Às vezes, não me apetece beber mas sou obrigada para esquecer tudo o que estou passando. Depois de me separar a minha vida virou um inferno, só tristeza e humilhação, quando eu penso que está tudo bem volta tudo novamente: as discussões. Eu aqui não tenho paz, só tristeza. Depois, voltar a Portugal foi o meu maior erro, não foi por falta de aviso mas eu ainda tenho fé de que vou ser muito feliz mesmo com espinho ou pedra no meu caminho, sei que Deus não me abandonou, eu vou vencer, e eu sou uma guerreira porque eu acredito em Deus*

*o meu pai tarda mas não falha, por isso não desisto de lutar para ser feliz, Deus só dá a cruz a quem a pode carregar, se hoje estou passando por tudo isto ele sabe o que está fazendo, se eu venci dois cancros é porque ele tem um propósito para a minha vida, só basta esperar, a minha vitória mais cedo ou mais vai chegar, posso perder tudo na minha vida mas não perco a fé no meu pai que é Deus, vou viver um dia de cada vez, esperar pelo meu pai, meu visto que ele nunca me abandonou, mas também aprendi uma coisa: algumas pessoas gostam de pisar nos que não têm nada, gostam de humilhar e depois dizem que são humildes. E vêm com pedidos de desculpa e como se nada tivesse acontecido, e quem sai magoado finge que esqueceu mas, no fundo, é mesmo uma lição de vida para quem passa por tanta humilhação, mas nós não esquecemos, só fingimos que esquecemos, é como o ditado: quem dá esquece quem apanha se lembra. Quando eu conheci o Cá, tudo era flores, agora se tornou espinho, eu às vezes tento sorrir para não chorar na frente dele e das outras pessoas, mas um dia tenho fé que vou voltar para a minha terra e para a minha família e esquecer tudo que passei aqui em Portugal e um*

*dia depois se voltar a Portugal só se for para passeio, porque eu amo Portugal de coração, como é duro viver no país quando não tem ninguém por você, não trabalho, é muito triste ir atrás de um emprego e só levar um não, eu sinto tanta falta da minha família e me vejo presa no país sem poder voltar para perto de quem me ama de verdade*

*07 de Outubro*

*O Cá tomou um porre e falou que eu era um monstro e que não me queria mais e que eu desaparecesse da sua vida, ele me magoou muito, eu preferiria que ele me desse um tapa na cara, estou muito triste com ele, este é o meu sofrimento aqui em Portugal*

*11 de Outubro*

*Eu não presto, ele também falou que eu era ordinária, manda-me sempre ir embora, diz que sou uma mentirosa, eu acho que para um bom entendedor meia palavra basta, mas a minha palavra é o silêncio*

*21 de Maio*

*mais uma briga, eu não posso estar com ninguém, não posso ter amigos, eu antes de conhecer ele não tinha de tomar remédio e agora tomo*

*na Sexta-feira saí para tomar uma cervejinha e só cheguei às três da manhã porque já não aguento mais este cativeiro, ele diz que eu tenho amante, que me drogo, ele fica fazendo jogo psicológico, diz que eu não faço nada, também falou que os amigos dele mandaram ele jogar as minhas coisas no lixo, ele falou que se eu fosse um homem ele quebraria a minha cara. Eu não posso*

*deixar ele comandar a minha vida assim, ele quer mandar nas roupas que eu visto e quando eu recebia o rendimento mínimo eu pagava gás, comprava comida para pôr dentro de casa e nós comermos*

*19 de Junho*

*mais uma briga entre eu e o Cá, já não aguento mais, sou tão infeliz, só gostaria que acabasse este sofrimento que estou passando, só queria que Deus me escutasse, mesmo com esta tempestade que eu estou passando, eu coloco Deus à frente de tudo, ele falou que os amigos dele mandaram jogar as minhas coisas no lixo*

*05 de Julho*

*Mãe, hoje mais uma briga, estou farta mãe, porque é a vida tão madrasta comigo?, eu não mereço, e porque tenho de pagar um preço tão alto, mãe?, eu queria que a minha vida acabasse porque eu já não aguento mais, mas nunca vou perder minha fé em Deus, quem me faz mal eu entrego, porque se Deus é por nós quem será contra nós, às vezes sou tão estúpida, homem que me humilha, que me tortura»*

*Adenda uns dias depois:*

Diz-me ela hoje que ele afinal não rasgou a carta: «ele me perguntou se era uma carta de amor, o que ele rasgou foi outro papel, eu vi, ele pôs as duas folhas lado a lado e quer pôr moldura na parede, me deu hoje dinheiro para o autocarro e para a comida da minha filha Pandora.»

Que bom, a cobra Pandora não passará mais fome de ratos descongelados, a mãe-cobra vendo a sua carta elevada a quadro de arte ganhou igualmente janta e cigarros por alguns mais dias, pelo menos até à próxima briga.

## A dança do ventre

— Ah pá!, qual foi a macaca que te fez mal que você não me sabe dar o isqueiro na minha mão hein?

— Ó mulher, tás a tripar comigo?

— Tou, tou a tripar porque tu não és assim... você sempre me deu as coisas na mão, não foi assim.

— Também tu nunca falaste assim comigo como estás a falar hoje.

— Eu estou a brincar contigo.

— E eu estou a brincar contigo também, eu não estou fazendo mal nenhum...

— Venha aqui, já! Tou mandando! Jornalista ahahah, meu grande amigo... te adoro... você é uma pessoa muito especial para mim, Ru... sabe que é não sabe?

— Dá-me outro!

— Não! Ó Ru, te adoro muito, você é a única pessoa que eu tenho aqui em Portugal e que nunca me virou as costas...

— E não vou virar...

— Apesar...

— O que eu puder fazer por ti eu faço...

— ... de tudo... nós os dois... eu sei que você não tem, não é rico...

— Não...

— Mas é rico numa coisa... e ninguém vai roubar eu...

— Rico no coração é?

— Na alma! Você é rico na alma...

— Pronto, eu sei que sou e gosto de ser assim.

— Apesar de ser ateu...

— Eu sei... mas há coisas piores.

— Eu te respeito e te digo uma coisa: você mora aqui dentro do meu coração e não paga imposto, e vou dizer uma coisa: você está sendo, não me vira as costas e isso eu não vou esquecer... nunca. Nas minhas orações e mesmo sabendo que você é ateu eu peço a Deus por ti, Ele pode até nem me escutar porque

eu sou uma pecadora, mas você meu amigo não exige... tive muitos amigos e amigas quando tive dinheiro no bolso e hoje, ninguém me vê, isso pra mim é muito importante, da mesma forma que você não está se esquecendo de mim mesmo que eu estiver no Brasil não vou esquecer de ti...

— Tá, fuma.

— Como é que eu posso fumar se está apagado? Eu vou voltar para o Brasil, eu tenho fé no meu pai da terra, ele não se esqueceu de mim, lá eu tenho internet e eu vou me comunicar com você, vai ser a única pessoa que eu vou ter o prazer de dizer: eu tenho um amigo eu tenho um irmão eu tenho um home que gostou muito de mim em Portugal, que se chama Ru, o jornalista!

— eheheh

— E quer saber tudo em primeira mão...

— É, o jornalista apaixonado!

— Você está apaixonado por mim?

— Eu gosto de ti, mas não sei quanto, gosto muito de ti, agora se te amo ou não te amo?

— Eheh diz lá!

— Não sei definir... se calhar iria querer que estivesses sempre comigo, faria birra sempre que tu não estivesses, ficava chateado quando...

— Eu sei que eu não sou uma boa pessoa para viver junto não é?

— Pois, eu já vi, nós já morámos juntos e não deu certo.

— Ópa, eu gosto ali do meu cantinho e de ver o meu filme de terror... e... só falo o mínimo...

— Pois!

— Me habituei com essa merda quando estava sozinha no palácio do imperador, e estava lá no computador vinte e quatro horas por dia tásaver?, não falava com ninguém e me habituei àquela merda...

— Pois mas viver com outra pessoa não é o mesmo que...

— Não é fácil, para mim não é fácil... às vezes dava-me vontade de ir à tua beira mas... eu pensava assim: se calhar, ele

vai me dar patada...

— Patadas! Porquê?

— Ópa, o meu pensamento era assim, posso falar? Quando um burro fala os outro amoucha as orelha, aprendi isso em Portugal e eu amo Portugal mas sou brasileira da pontinha do dedo mindinho até à raiz dos meu cabelo, eu é assim: sou portuguesa por um acaso e tenho as minhas manias, eu não perdi aquele costume do Brasil, amo Portugal, por mim eu não saía daqui de jeito nenhum, eu morria aqui, mas... olha, a vida é madrasta, eu procuro me encaixar numa coisa, dá errado, procuro me encaixar noutra e sai torto opá, eu já não aguento, eu já fui humilhada, já fui jogada na rua, passei fome, já comi pão com água opá, qu'é que tu queres que eu faça?, pedir esmola debaixo de uma ponte e tu passar por mim e dizer: foda-se esta não foi a Shivana que eu conheci, isso é tão triste, isso dói tanto pá, mas é isso que eu estou passando aqui em Portugal, é isso snif snif, ai meu Deus me ajude ai, eu não fiz mal a ninguém snif porque estou passando por isso, desculpa se estou chorando...

— Chora snif chora vais te sentir melhor depois desabafa tudo...

— Eu nunca passei por esta merda, Ru, tu não me conheceste assim...

— Não... desabafa tudo.

— Eu tenho vergonha...

— Não tenhas, eu estou aqui para te ajudar, estás assim porque estás a passar uma fase difícil...

— Eu não quero ir embora...

— Tu já passaste muito mal aqui, tu vais conseguir vender o carro, a tua mãe vai mandar o resto do dinheiro e você vai comprar a sua passagem e vai voltar para a sua família é melhor e nós vamos falar pela internet.

— Eu não vou esquecer você, promete que não vai esquecer de mim.

— Não, não vou, não se preocupe.

— Obrigada, meu amigo.

— Queres que faça um charro hein?
— Que merda... nunca chorei na frente de um homem...
— Há sempre uma primeira vez... deixa estar... queres um lenço?
— Não.
— Queres o meu lenço?
— Não.
— Queres um lenço novo? Tenho lenços de pano...
— Não, querido.
— Queres um de papel, tenho papel higiénico...
— Never, faz um charro pra gente e põe Raça Negra a tocar, pelo menos é uma música de pagode, você vai gostA...
— Como é que se chama a música?
— Eu tenho que me ir embora daqui a bocado... que hora é, Ru?
— Ainda não são dez.
— Que música é essa?
— É o Porto Sentido do Rui Veloso.
— Ei, deixe passar, adoro essa música, é meu amigo ele, sabia?
— Sei...
— Ei pá já errei, já mentia, deixe estar, ele não é meu amigo...
— Conheceste-o...
— Eu conheci ele num festival que houve lá em Lisboa, tava ele, tava o Rolis Stone que eu vi ao vivo, ai menino, tomei um porre que você não imagina, eu caí de cu acredita!, e fiquei lá, estirada feita uma estátua, ai jesu, no show quando os Rolis Stone entraram... aãh pum desmaiei...
— Não viste concerto nenhum!
— Vi!, quase no finalzinho, e depois entrou o Rui Veloso e o irmão negro, estava eu e o imperador meu ex-marido, o Rui Veloso entrou na turma e ficámos ali, no maior bate-papo, e ele contando as histórias... eh ei... porqu'é que te tou contando isto?!
— Conta, querida!

— Ué hoje eu estou doida, não estou?
— Tás nada! Tás-te a libertar das tuas angústias, conta!
— Ó hoje eu tou doida!
— Tás nada, tás feliz!
— Não estou batendo bem, Ru!
— Tás feliz por estares comigo...
— Eu acho que estou precisando do meu diazepam...
— Tás nada, vais chegar a casa, vais tomar o comprimido, vais dormir...
— Que casa? A rua?
— Vais ver... ele vai abrir-te a porta... tu vais chegar daqui a pouco... bebe a tua cerveja...
— Calma!
— Ainda tens ali a outra...
— Porquê? Tu queres que eu vá embora? Tás-me expulsando é?
— Eu não estou a expulsar mas tu tás a dizer que tens de ir embora...
— Sim...
— Pronto, enquanto não vais bebes a tua cerveja...
— Cala-te please...
— Fala atão tou-te a ouvir...
— Helo?! Vá lá que eu tenho um casaco, não passo frio...
— Pois, tu estás outra vez de calções e chinelos, estás assim, às três da manhã vais ter frio...
— Eu tenho aqui um casaco...
— Mas ele vai abrir-te a porta.
— Se ele não abrir eu arrombo eheheh ai jesus meu eu sou é corajosa! Olha, cansei dessa música, põe lá Raça Negra.
— Como se chama a música?
— Espera aí, qui penaa...
— Chama-se assim eheheh não se chama nada assim ah tem aqui uma música com esse nome tem...
— Que pena, é um pagodinho... olha só você, depois de me perder, que pena, ahahah põe mais alto, agora do princípio.
Shivana começa a cantar em estilo karaoke a música que

toca através do youtube, eu faço um charro, depois ela diz:

— Eu já vi o show dele lá no meu país, ui, foi bom demais.

A música acaba, ela diz: — Bota Alcione, ontem escutei lá em casa tomando uma cervejinha

Eu estou a escrever o nome da cantora na caixa de pesquisa no tubo e o telefone dela toca, ela fica atarantada, surpresa, curiosa, feliz: — É o meu amigo do Michigan. Atende a chamada, é uma chamada de voz através do sistema de mensagens do Facebook, esta chamada é possível porque eu partilho a minha internet com ela, em minha casa tenho uma pequena caixa branca, tecnicamente um hotspot, que dá internet para dez possíveis dispositivos, sou cliente antigo, não tenho limite de tráfego, pago pouco.

— Oi, tudo bem?

— Oi como vai você querida?

— Bem, e você?

— Use the voice translator...

— O quê?

— Use the voice translator...

— Ah Ru, ele está a falar inglês, eu não entendo uma grama!

Eu acabo por não pôr Alcione, ponho, zangado e com raiva dela, Tim Maia a cantar «Me dê motivo», começo a gritar-lhe: — Desliga, desliga a chamada!

Eu a pensar: ela aceita amizade de toda a gente online, já a safei de ser enganada, já lhe pediram morada, conta bancária, o nome do familiar mais próximo prometendo depositar três milhões, enfim, foi difícil de convencer nessa vez, mas ela ouviu-me, não deu os dados e homem desapareceu-lhe da rede, desamigou-se logo. Ela desta vez ouve-me e desliga a chamada, eu compreendo-a, eu percebo que ela arranja estas amizades online no intuito muito juvenil e ingénuo de arranjar um príncipe que a salve deste martírio de pobre, eu percebo o seu plano de fuga desta realidade, mas não o aceito, está sempre a arranjar-me concorrentes (e não é que com a ex-mulher do Zaine deu certo, arranjou um chinês de Hong Kong no face e ele mudou-se

para Portugal, casaram, ela engordou e está feliz, até é ele agora que lhe gere as redes sociais), mas tão depressa vêm como vão, ela no fundo é uma mulher antiga e das católicas e se o marido lhe pagar as contas e a respeitar como mulher «ela abre as pernas», dizem os broncos, ela considera-o mesmo um dever matrimonial mesmo que ele feda caruncho, ela é uma mulher que já não sendo nova tem carisma e nem posso dizer que abuse, se ela aceitasse todos os pedidos de amizade agora teria cinco mil amigos, há dias diz que se riu quando um fazendeiro de Minas Gerais lhe propôs casamento logo na primeira chamada online, não, ela não abusa, ela procura o príncipe como se isto fosse uma aventura, fosse o filme da sua vida, diz até que já a vieram esperar ao aeroporto e a contactaram de lá, ela só precisaria de levar uma mala com roupa, o passaporte e o árabe lá a levaria para o harém.

Harém, digo eu a rir zombando dela, ela diz com pena: — Nunca mais ele falou para mim, ele que tocava alaúde e cantava em árabe para mim pela câmera...

Sim, Shivana tem carisma e leva muitos homens à loucura de lhe oferecerem vantagens para que a consigam ter, ela aproveita o que consegue aproveitar e dá o mínimo que pode, bebe todo o álcool que lhe oferecem enquanto vai oscilando entre a divina que bebe o sangue dos enciados e negoceia o que vai obter deles cobrando cada promessa, dizendo «homem que me quer tem de me assumir», enquanto vai sendo, vai trabalhando naquilo que consegue: empregada de limpeza e dama de companhia de velhas senhoras morando em mansão, até ao dia em que acorda de manhã numa cama que não conhece e com uma voz que lhe diz:

— Eu dou-te tudo, tenho torradas e café para ti, toma a minha chave, esta casa é agora a tua casa, descansa, come descansada, eu vou ao talho buscar o almoço.

Ela ainda tenta perceber onde está e quem é ele, mas Cá logo lhe diz: — Não aconteceu nada, não toquei em você, eu amo-te profundamente.

A partir deste momento, os penetras do face começam a

rarear, Cá não tem net em casa mas Cá é bom, Cá é o governador, dá-lhe tudo o velho mastodonte, um homem à antiga é o que ela precisa.

Até eu sou descartado por uns tempos, meses longos passados em desespero de saudades e sentindo-me trocado por outro, um outro que «assumiu», que paga as contas, que põe comida de rei na mesa, que banca cigarros, vinho e cerveja, não passa frio, não chove no quarto, não pinga fazendo eco e alagando o taparuere estrategicamente colocado para não molhar os pés da cama, não tem pulgas nem aranhas mordendo-lhe a pele deixando-a cheia de pintas que parecem casquinhas de picos de castanha, não, tem tudo do bom e do melhor, não falta nada e assim o Ru... eu fiquei para trás.

Até ao dia em que eu volto a ser importante e ela me contacta de novo, afinal eu não exijo, eu não obrigo, eu não mando e o Cá, agora, enquanto a convida para ir à garagem falar-lhe da caçadeira que trouxe da guerra, diz-lhe que se a vê falando com alguém mata o infame, mata a desinfeliz e depois dá um tiro na boca, diz-me ela que ele lhe mostrou a corrente com que a pretende prender, «porque se você não faz amor comigo também não vai mostrar as coxas pra mais ninguém, fica aqui amarrada à cama, não se preocupe com a Pandora, eu mesmo vou comprar desta vez os ratos para ela, você não sai mais de casa.»

«Quero que seja feliz. Me dê motivos pró jogo sujo e agora eu fujo pra não sofrer» canta o Tim Maia no tubo.

— Ah Ru, se eu mandar abrir a boca você abre, esta música é a tua cara ahah.

— És tu a mulher infiel desta música eheheh?

— Noto aí uma ponta de ciúme, não quero isso não, nós somos só amigos.

Ao ver que ela está a trocar mensagens com o Ali, digo-lhe com um olhar que tem tanto de dor como de psicose: — Tenho que te arranjar uma concorrente.

— Não gosto disso não. Estou com frio.

— Estás com frio, porque está frio e tu vieste assim, estás toda suada do calor da tarde...

— Bota o cinzeiro aqui.
— Tu onde tens a chave, não vais perdê-la?
— Que frio, a casa é fria!
— É fria no Inverno.
— Que hora é?
— Dez e dez.
— Tenho que ir embora...
— Disseste dez e meia...
— Sim, mas primeiro que cheguemos ao metro...

Levo-a ao metro e venho para casa a pensar: se fosse jovem não perderia tempo com ela, mas estou a ficar velho e o meu carisma começou já há muito tempo a desaparecer, aliás, às vezes já nem tenho paciência, quando recordo os loucos vinte anos e os trinta por uma linha que eu fazia, as situações mais incríveis, insólitas, em que me metia para ir ao fundo e tentar, às vezes com sucesso, conhecer a mulher que no momento me atraía... agora penso, avalio primeiro, digo «não tomei banho, não tenho um preservativo na carteira, a farmácia está fechada, não lhe vou dizer ao chegarmos a casa que vou tomar um banho primeiro — ah foi isso que viemos aqui fazer?, os homens são todos iguais, diria ela», de tanto as respeitar, de não forçar nada, não impor chantagem nem corrupção para obter o mínimo que seja delas, de tanto deduzir que ao não impor um mínimo que seja estou quase a sentir indiferença por ela, e ela repara, é como se não fosse mais desejável, como se eu não a quisesse, não gostasse dela, ela não fosse nem rainha nem troféu, fosse nada, e ela repara, chama-me gaiato, pensa-me um broxa e assim elas se vão e eu nada consigo, com a idade avançando torno-me um rapazinho que não quer assumir a necessidade de corromper e ser corrompido para colher o fruto gerado seja ele qual for (não é tanto o fruto mas antes os efeitos do fruto), desperdiço as mais belas mulheres cujo olhar se fixa em mim, não aproveito, não sou já sexual, sou social, afinal se a corrupção é a raiz da paixão fica provado que quando um homem tem paixão para lá do amor, tem paixão pelo dinheiro e pelo desejo de poder, corrompe todo

o mundo e é igualmente corrompido. Ouço estas histórias e fico-me apenas com histórias, com a caneta e com o pincel, já não tenho mais ninguém, tenho ou Shivana ou a solidão de não ter uma presença feminina na minha vida, ela pouco dá, eu sei, já deu mesmo que os dois já o tenhamos esquecido, deu-me sensações novas no momento, foi bom, mas acabou por terminar, tornámo-nos demasiado íntimos, sabemos ler a mente do outro, já não há mistério e já somos mais irmãos que qualquer outra coisa, já nos esquecemos do que é ser um macho junto de uma fêmea, um homem tem que querer consumir, consumar a carne, quase violar o hímen da mulher, com paixão, com carinho, com arrebatamento com a sensação que atingimos mutuamente o ponto do eterno desmaio abraçados um no outro, e nós jogámos esse jogo, o sublime viveu no nosso riso, e na nossa energia até exaurirmos o desejo de um pelo outro. Agora marcados um no outro, resta apenas e nela — só a infantilidade de me fazer sofrer com as suas falsas facadinhas no amor, mais pelo cônjuge em união de facto do que por mim; e em mim — eu sempre a tentar fazer-me de apaixonado perante ela tentando ajudá-la nas coisas mais básicas, agora o Cá às vezes não lhe faz comida e não lhe dá dinheiro para ela comer e, quanto a ele, bem, ele come fiado no café e paga quando recebe a reforma, eu tentando ajudá-la a suportar o inferno que ela própria ajudou a criar... e que sobra para mim?, que ganho eu agora que o sexo não é o motor da nossa relação? Sei lá, talvez ganhe carma points, sou a madre teresa de Arrombadeiras de Baixo, mas está na altura de seguir em frente, é o que eu quero, quero fazer o que estiver ao meu alcance para que ela arranje um trabalho com contrato legal que a faça poupar o suficiente para voltar para casa, a casa que eu nunca quererei visitar, Brasil é bom na música e nas mulheres e os índios salvos sejam, mas tudo o resto é mau, três por quatro a querer disparar bala sobre ti, jogando-te na mata a curtir o sol cheio de formigas a nascer na tua boca, jagunço virando presidente, enfim, Shivana... tu vais conseguir abrir esta noite a porta de casa, e eu vou sonhar com a espanhola que me entrou em casa, convidando-me para ir a Sevilha e propondo-se

fazer obras de graça em casa enquanto diz que dança o ventre ao som de música indiana just like Shivana before... ah uma nova duplicação, a repetição de uma música minimal, a repetição de um meme introduz variações sempre diferentes, sempre eternas e de mínimas variações, adoro descobrir a nuance que torna a mulher única, diferente e particular num universo de mulheres iguais e as mulheres não são todas iguais, ela agora assume uns cabelos jovens para eu aspirar o perfume, uma nova musa num novo filme do qual me rio já dinamitando-o com a anedota daquele que com a espanhola apareceu, ele que quer que eu lhe ofereça um quadro por causa dos seus olhos bonitos e eu pergunto:

— E se eu não gostar dos teus olhos?

— Olha, não ofereces!

A puta da lata é tão grande que digo ao alazão desculpando-me: — Prefiro vender...

O quadro está há anos a ganhar pó no meu quarto. Não tem valor em pilim, todos me querem o trabalho de graça, pintor sofre, já tive mulheres que me depositaram dinheiro para me comprarem quadros e depois nunca os quiseram ter em sua posse (porque no fundo o que elas queriam era comprar o pintor e não a obra), e de vez em quando tenho homens, supostos amigos que só me apresentam propostas de chulice, colam-se-me ao café de saco que tenho de lhes oferecer, cravam-me sucessivos cigarros de enrolar, suplicam pelo meu último charro, enfim... agora tenho este a querer-me um quadro de graça... pintor sofre, o sonho do pintor é ter uma dançarina no quarto a fazer stripetize só para ele.

## A máquina de ler anúncios

A máquina de ler anúncios já foi oleada e está pronta para entrar ao serviço na procura de alojamento novo. Entrou-me pela porta adentro, expulso de um alojamento duplamente mais caro, e veio ocupar as salas no rés-do-chão, ainda não abriu a cama nem desfez as malas, dorme na sala, anda de um modo esquisito, diz que dorme mal e lhe doem as costas, convidou-me para o pequeno-almoço às nove da manhã no café e eu disse-lhe que o tomo em casa, fuma cigarros e não tem isqueiro, crava-mo, ao fim de uns dias já lhe comecei a dizer: já era hora de comprares um isqueiro, não?, ele disse sim, esperou que eu terminasse o pequeno-almoço e quando eu desci ao meu quarto para calçar as meias, lá veio ele atrás esperar que eu lhe desse o isqueiro, nem olhei para ele, ele olhou para mim e para as minhas mãos segurando as meias, deve ter percebido o enfado, pelo menos levou ao contentor do vidro as garrafas de vinho com sessenta e cinco porcento de desconto que comprou e me ofereceu e eu disse que tomo comprimidos e por isso não bebo, sim... tu é mais fumo, disse ele, ele que chegou e logo se aboletou no sofá da sala e me convidou para fumar um pica, um para cada um, deu um bocado para eu fazer para mim, ele não fuma de um charro que veio de outra boca, pediu-me uma mortalha, pediu mais duas ou três ao longo de dois dias por não saber onde estão as suas e eu mostrei-lhe um pacote por vinte cêntimos, queres?, ele não disse nada, eu pus as mortalhas à frente dele e catei duas moedas de dez dos trocos que ele deixa espalhado em cima da mesa, como se o espaço fosse todo dele e eu fosse um potencial ladrão, mostrei-lhe os vinte cêntimos que recolhi e continuou a não dizer nada, fiz questão que compreendesse e não mais me cravou mortalhas, segunda técnica de aproximação apanhada em fora de jogo, quando eu estou sentado a ler a Carolina Maria de Jesus ele diz que é bom ler o povo, a sabedoria popular e fala do António Aleixo, eu concordo e digo que este livro da Carolina, Quarto de Despejo, foi proibido pelo Salazar, e ele diz que muitos outros livros foram proibidos

e diz que um livro do Debord passou na censura porque esta considerou que o livro era ilegível, ninguém o vai compreender, disse ele que foi essa a razão porque o deixaram publicar, fala com admiração do Arnaldo Matos, jovem advogado na capital com secretário para lhe comprar os jornais e lhos ler e ele ordenar mais uma acção de educação da classe trabalhadora com o apoio do Movimento de Rapazes a Pintar Paredes, piadeia ele rindo-se para mim, e quando eu de certo modo o reprovo por o Arnaldo ser um burguês a lutar contra os burgueses usando o povo através de uma capela... ele concorda e diz, sim é uma capela e fica nervoso, e eu acabo por dizer: as capelas existem por todo o lado, é lá que as pessoas se juntam, se associam, criam algo que disponibilizam aos gentios que dizem querer educar, quem lucra são os sócios auto-remunerados com o dinheiro dos gentios e dos infiéis, e ele fala do luxo, acaba a mostrar-me uma photoshopada dele super bem vestido num interior de jacto privado, diz que detesta o Bloco de Esquerda e vai votar nos comunistas em Vallis Longus mas eu acho que ele nem vai mesmo votar porque Vallis Longus fica longe e ele não perderá tempo a lá ir, fará como disse que fez quanto à vacina anticovid, não foi porque tinha de ir à Senhora da Hora e não foi porque tinha que cumprir horário de trabalho, eu logo aí pensei e acabei a perguntar-lhe: és adepto das teorias da conspiração?, quando o ouvi a dizer piadas com o sabe-se lá o que nos inoculam, mas ele diz que não, até tem um teste no quarto para fazer quando for necessário pôr no nariz e tal, está sempre a falar mal da esquerda e do centro esquerda e diz que compreende porque os comunistas franceses votaram Le Pin, e eu falo do Alentejo e ele nega, diz que o melhor é ignorar o Ventura e ele só tem 1.5 porcento e eu digo que, nas últimas eleições, ele teve 12 porcento e ele diz que é residual, é o voto de protesto de pessoas que deixaram de se sentir representadas, que foram abandonadas por quem manda, e eu sublinho que estão ressentidas e a ferver ódio contra o Outro, Lacan explicado, o Outro é o povo, o governo, o vizinho que tem hábitos diferentes de Nós, há uma altura em que ele me pergunta, convicto do que diz, se deverías-

mos unir o cristão ao judeu para destruir o islão, e eu digo que não: olha, vinte anos no Afeganistão e este caiu num mês, tudo começou no Rambo III, não, o islão apenas precisa amansar, abandonar a jihad, democratizar, dar direitos às mulheres e às minorias, eu disse que o islão está atrasado setecentos anos em relação aos cristãos, ele pareceu não compreender mas reparei que ele não gosta de árabes, uma amiga veio jantar com ele e trouxe-lhe um doce libanês de grão de bico, limão e especiarias do médio-oriente, e fui eu que acabei a prová-lo na insistência dela, no dia seguinte havia o boião do doce abandonado na mesa da sala e, além da minha colherada, estava intacto, ele até perguntou se eu gostei mesmo, ele não quis comer e eu percebi que ele fez uma desfeita à amiga, eu precisava de dinheiro para comprar o meu tabaco de enrolar e mostrei-lhe um livro meu auto-editado, ele leu um pouco, folheando, lendo mais à frente, quatro ou cinco minutos depois pousou o livro, disse-lhe o preço, ele disse que vale o preço mas preferiu propor o dom mecenaico, eu disse que aceito encomendas, falei-lhe nas aguarelas e ele preferiu retrato e eu disse que retrato é difícil, as pessoas não se vêem representadas nas minhas telas, querem fotografia e depois não compram, falei: dom mecenaico era tu comprares-me o livro, preciso de comprar tabaco, ele ofereceu-me tabaco e cravou-me o isqueiro, perguntou se eu fazia versões ou cópias dos meus próprios quadros, que gostaria de ver como ficariam certos quadros, e eu disse que os originais estão à venda, escolhe um, não vou fazer experiências só para ver como é que fica e depois não comprares, trabalhar para aquecer não quero e ele calou-se, depois falou-se já não sei a que propósito das Capazes, denegrindo-as e falando que não passa de uma questão de classe social, a filha da segunda figura do estado não representa as mulheres do povo, mas para mim que nunca li o manifesto feminista das Capazes e que apesar de Capaz rimar com Rapaz, penso que as mulheres têm o direito de se quererem igualar aos homens ressalvando certas diferenças: posso até escrever o poema mas não estou na realidade a ver uma senhora de trinta e cinco anos a carregar baldes de massa subindo andaime de obra,

iá!, não estou a ver mas na realidade até vejo todos os dias na minha zona uma trolha a acartar na obra ao lado do café. Acabo a perder-me no seu jargão semiológico de academia e a pensar que ele despreza a mulher, sai-se logo a seguir com a ideia que agora se um homem falar de homossexualidade sem ser um homossexual, isso é apropriação cultural, e eu respondo que apropriação e marxismo cultural são ideias de Direita, começo a compreender o seu pensamento e lanço a cana para desvendar, começo a falar como o homem branco tem oprimido as outras raças e ele fala-me que a teoria da raça é uma teoria cultural, e pede-me uma definição de homem branco, diz que esteve na Irlanda e lá há uma distinção entre homens brancos, consegue-se ver quem é católico ou quem é protestante, e acaba a meter outras histórias de haver brancos até no Japão, de os japoneses não serem amarelos, de devermos culpar os mongóis de invadirem a Europa e de agora se falar muito dos índios da Amazónia e se esquecer um povo quase xamânico e ainda indígena na Europa e de quem ninguém fala, algures no norte da Europa, talvez norte da Finlândia, aqui eu penso muitas coisas neste seu discurso, e quase me perco nos seus múltiplos argumentos, mas começo a ver que ainda há pouco, após elogiar o mrpp, já falava que era anarquista, e como falara do lifestyle, comecei logo a vê-lo como um lifestyle anarchist, vulgo anarquista individualista: para quem não há esquerda nem direita e o que interessa é o individual, o Meu [sic] bem-estar, mas agora ele começa a falar em ideias de direita puritana, é contra os árabes (e nem importa que sejam cristãos libaneses), fala mal da mulher, pergunta-me uma definição de branco para não discutir o mal do branco no mundo e o extermínio de qualquer índio ficando eu a pensar «ainda bem que não se fala desse tal povo xamânico no polo norte!, pelo menos que os deixem em paz e não apareçam por lá, na terra deles, a tirar fotos, a deixar beatas e latas de coca-cola pelo chão», ele está atacado do que se começou a chamar de «entãosismo», um tique dos de direita, acabará por me saltar a tampa quando eu, um pouco antes, lhe digo que a raça é uma questão genética, ou seja, hereditária (querendo eu dizer

que quando misturamos sangue nos tornamos multiraciais: o que é bom) e ele diz que a raça é uma questão cultural e que é a teoria que a esquerda defende e acaba por falar que conhece uma belga que começou a usar penteado afro e a usar bronzeador e se assumiu transracial, ou seja, uma branca decide ser negra e declara-se negra e que isso é uma ideia de esquerda: o facto de a raça ser uma questão cultural, é o que o centro-esquerda diz, aqui salta-me o tal testo da panela e a água a ferver tira-lhe as penas todas: sabes o que é o branco?, não precisa de ser europeu nem católico, pode ser o brasileiro evangélico que jagunça em Brasília, pode ser o John Lydon em Las Vegas com a t-shirt do make shit great again declarando-se falido porque, digo eu, já os Dead Kennedy's diziam Nazi Punks Fuck Off, pode ser até o Colombo e o Alvares Cabral que invadiram a América, mataram-os de gripe, tiraram-lhes a terra, o tabaco, o algodão, o ouro, a prata, as mulheres, e como o índio prefere suicidar-se a ser escravo, importaram negros de Angola e Guiné porque negro mesmo levando porrada negro trabalha, e quem ganha é o proprietário e quem é o proprietário? é o branco, e quem é o escravo?, é o negro que trabalha forçado, [aqui o texto entra em modo corticose:] são milhões de europeus até brancos que são forçados a trabalhar por outro branco, e tu quando falas que em Portugal só há duas raças, a dos brancos e dos judeus desprezados, esqueces os mouros, os negros, os ciganos, e todos os que são trabalhadores assalariados de um patrão que invariavelmente é branco, e ainda tens raiva porque o chinês ou nepalês trabalha por um salário que tu que não te assumes como escravo não queres exercer, e tens raiva contra ele e lhe ganhas ódio.

Acabo a dizer-lhe que prefiro ser antifascista a ser anticomunista, e ele acaba a falar que tem qualquer coisa contra os antis, que ele prefere não ser binário, fala até dos activistas antigays e que não tem nada contra activistas mas antis... antifa, antigay... ele perde-se, e eu digo-lhe o que penso: um antigay é muitas vezes um homossexual reprimido, ele ri-se e tenta dizer um piada com os rapazes com síndrome de Down, mas como eu confirmo que a sua piada é verdadeira e que de facto, os mon-

golóides [sic] fazem amor como coelhos, o que é bom no meu entender no sentido em que têm uma vida sexual activa e o mais feliz possível, ele acaba por se desiludir com as palavras.

E ficamos os dois a olhar um para o outro, eu cofio o cavanhaque, ele dá-me o seu cigarro para eu fumar, eu aceito, dou uma passa e devolvo, ele coloca no cinzeiro, eu dirijo-me à cozinha para aquecer o almoço, volto à sala para almoçar sentado à mesa, nestes dez minutos puderam-se ouvir as gaivotas e o som da grua a trabalhar na rua, ele acaba por dizer: Disse alguma coisa que te incomodou?

— O teu pensamento é ambíguo, é confuso, tu tornas impossível uma discussão séria, estamos a tentar solucionar a fome no 65 e tu vens dizer que há fome na Índia, e como não pudemos resolver o problema da Índia então também não pudemos resolver o problema da fome no 65, não sei, falas palavras e frases que eu não entendo, e eu não sou muito inteligente e por isso não sei se vale a pena falar mais contigo.

Saio, lavo a louça, recolho a caneca de café e venho para o meu quarto tomá-lo. Depois saio e vou levantar dinheiro para comprar tabaco, visto que o seu interesse em comprar-me um trabalho era nulo, até disse: não tentes vender-me nada antes do meio-dia. Volto e começo a escrever isto, ele lá em cima na sala a guitarrar, eu a fumar o meu descansado e a escrever, passado um bocado ele desce as escadas para sair de casa e diz que deixou tabaco na sala de estar, eu digo que não é preciso e que fui comprar, ah tábem era só história há bocado... ouço-o dizer ao bater a porta da rua.

— Sim, meu palhaço, não preciso do teu dom mecenaico, de te fazeres meu patrão. Fui ao multibanco.

Mas esta frase já ele não ouviu. Quanto a mim, vou ignorar, e fazer-me de burro e preparar a próxima saída de Brooklin, ele faz parte de alguma minoria desprezada e sente culpa em se reprimir e não se assumir, tenho a minha própria opinião sobre a questão fracturante que o persegue e que ele ainda não viu como solucionada e que o impede de andar direito na rua e o faz andar na ilusão de apenas comprar óculos para efeitos de

estética, como me mostrou para eu ver se lhe ficavam bem. Vou ignorar a minha opinião pessoal, porque ele nunca me dirá qual a sua própria opinião, continuará a mandar anzóis à água a ver se eu os capto, não, não entendo nada, far-me-ei de burro, respeitarei, direi bom dia boa tarde, e sairei daqui para fora antes que ele vote no Chega, ele parece um negacionista.

— Então me diga como correu a entrevista? Desculpe se não acreditei e me ri mas pensei que estivesse brincando...

— Olha, ainda ontem o senhor me ligou para eu lhe esclarecer algumas dúvidas... mas eu acho que ele não me vai chamar...

— Mais porquê?

— Ora, eu fui para lá muito descontraído, cruzei a perna, até parecia que não precisava de trabalho! Lembrei-me de ti e do outro, aquele Sérgio, lembras-te quando tu me disseste depois que na entrevista com ele nesse dia estiveram a falar de negócios? Lembra? Como você parecia estar em igualdade com ele? Tu concorrendo a ajudante de cozinha e ele o patrão a contratar? Até me disseste que ele ligou ao chefe de cozinha a dizer que tinham encontrado a pessoa ideal? E no que deu?

— Pois, mas eu arranjei coisa melhor.

— Este senhor despediu-se de mim ao telefone dizendo «nós voltaremos a falar» mas eu acho...

— É... deixa lá. Hoje gosto de você, gosto dessa camisa, lhe fica bem.

— Obrigado, também a levei no dia da entrevista, hoje vesti-a porque fui votar.

— Votou em quem?

— Votei nos comunistas?

— Não imaginava você comunista... você podia andar mais vezes de camisa, lhe cai bem no corpo.

— Ó, eu sei que fico galante mas aí eu penso «pra quê vestir bem se eu não vou galar ninguém»...

— Ah muito me conta...

— No fundo, eu sou como você, eu gosto de andar vagaba, desportivo, sem preocupação, mas quando preciso eu componho-me...

— O que eu disse é que não gosto de me vestir para estar em casa... sabe que agora me lembrei de minha mãe? Minha mãe hoje estava tão bonita, muito bem arrumada, eu disse: ó

mãe, você vai passear? Não. E porque está arrumada? Mas pia! Ela não gosta de dizer mas olha... e eu disse: mas mãe... não é mas pia, é mas olha. e por acaso você é uma professora? Não sou professora não, mas a palavra é «olha» e não «pia».

— Eheh

— Eu disse a ela: quando eu digo uma palavra errada, a senhora me corrige, não é?, e ela: bico calado.

— Eheheh

— Eu disse: pois, aí fiquei pensando: a minha mãe, 78 anos, não vai passear mas mesmo dentro de casa, ela fica sempre bem vestida muito bem parecida, e eu pareço uma gata borralheira... é fodido não é?

— Mas tu pareces porque queres, tu tens roupa bonita...

— Mas por acaso, eu tenho algum prazer de andar bem vestida dentro de casa, prefiro ser uma gata borralheira, não tenho prazer de estar bem arrumada pra quê?, e pra quem?, ôxe deixa eu parecer uma gata borralheira, um dia aparece um príncipe meio doido olha sei lá!, a vida não pára, eu estou viva ainda, tudo tem a sua hora, agora não me dá prazer nenhum me vestir, me pintar, pra quem?, e com que propósito?, não, deixa eu assim que estou bem.

— É como eu. Mas às vezes desmazelo-me. Tenho falado nisso com o meu novo colega de casa, ele veste sempre camisas de bom corte e com punhos ajustados pela costureira, ele preocupa-se com o parecer bem, tem tudo a ver com o seu trabalho, com o contacto com o público. Agora, com a internet e o feedback dos clientes, não queremos que a empresa receba uma avaliação negativa porque o serviço não estava de acordo, faleilhe até de um chefe que tive, eu era um chavalo que não gostava de gravata, e ele chamou-me à parte dos nossos colegas, um dia no final do almoço e disse «Ru, tens de usar um fato e uma gravata, camisa branca de preferência, considera-o como o teu fato de trabalho, eu próprio tu vês-me hoje assim mas quando vou à discoteca, eu levo até texanas!, compreendes?»

— É, a minha senhora também me enche de roupa, quer que eu a acompanhe sempre impeque...

— Mas eu já me desleixei tanto no passado, chegava a ir trabalhar com camisas furadas, sabes?, mesmo a ver-se o brinde da mixaria, sabes?, doutra vez, eu tinha um casaco azul polar que gostava muito e andava sempre com ele por causa do frio, e lá no escritório, fui discriminado e senti-me mal, não fui mandado embora, vim pelo meu próprio pé, mas lembro as palavras, ela a queixar-se à chefe que eu cheirava mal... pois é!, eu nunca havia lavado aquele casaco, andava com ele há dois anos, os brindes a queimar uns em cima dos outros, parecia que não tinha mais nenhum, enfim...

— Olha, eu estou a começar a separar a minha roupa, está lá em casa do governador no sofá da sala, vou dá-la a uma associação lá na Vendana que ajuda os pobre, para dar a quem precisa, vem aí o Inverno e o frio, tem muita gente que dorme na rua pá, eu tenho tanta roupa que não uso eu sei que tem muita gente que passa frio na rua, vou fazer uma coisa boa pelos outro, eu acho que é uma boa acção, eu pra lá com roupa amontoada, a gente também tem que pensar nos outro.

— Sim, a minha mãe também recolhe roupa mas sim... entrega lá à porta de tua casa, que é sempre quem está mais perto de nós que a gente pode ajudar quem precisa, não é?, se a gente puder ajudar o vizinho...

— Eu acho que estou fazendo bem a mim e ao próximo...

— Sim... e por falar no governador, como está ele, já lhe contou?

— Ele está doente, é o remorso, ele sabe o que fez, quando eu lhe disse que ia embora de vez eu vi as lágrimas rolarem pela cara dele abaixo, no dia seguinte me comprou estas botas e foi pagar o seguro do meu carro, mas eu lhe disse «não pense que vai me comprar com o seguro não, você me ameaçou de pôr na rua várias vezes e me pôs mesmo, que miséria me deu você nestes quatro anos?, não adianta agora chorar, é como minha mãe disse: deixa chorA!, não tenha pena dele, não tem pena que água quente não tire, eu sou como a minha filha, ela tem paciência, eu espero um ano, dois anos, três anos e depois sou igual a Pandora, dou o bote.» Mas tenho pena dele, está com

trinta e nove e meio de febre. Ele agora colhe o que semeou. Eu já aprendi a lição, gata escaldada tem medo de água quente

— É... agora ele vai desaparecer da sua vida e do nosso livro, aliás acho que devemos pensar em terminá-lo. Não vamos contar a tua nova e futura vida, agora que o sol te começa a sorrir. Acho que deveríamos acabar o livro com o teu caderno de pensamentos, seria o anexo final.

— Ele escondeu o caderno mas ele aparece, é só tomar um porre! Mas ainda falta contar a história do poste e dos macacos no poste, acho que foi o dia mais maravilhoso que passei aqui, que mais nos rimos eheheh...

— Eheh quase que te dava uma congestão de tanto rir, foi quando eu disse que tu parecias como os cavalos que têm palas nos olhos para só verem para a frente! Mas eu já reparei que você mudou, hoje você agora olha todo o pormenor na rua, agora já olha para os lados, é..., vou pôr a gravar... já está, começa:

« ... mas essa vai ficar na história vai mesmo»

« ... é... eu a querer ajudá-la a não apanhar chuva»

«... mas é que eu não vi ninguém, só via tudo preto, tudo negro, negrinho da silva, eu não escutava barulho de carros, eu não escutava vozes, tu podia falar o dia todo ali que eu não estava te escutando, nem estava te vendo, nem estava vendo o poste, nem estava vendo a chuva nem estava vendo o guardachuva, eu só via o passeio, e portanto, aquele passeio só dava para eu andar, não dava para mais ninguém, e tinha um gaiato que na imaginação, na minha imaginação tinha um gaiato que queria tomar o meu passeio...»

« ... ihihih...»

«E... eu olhava para um lado e via preto, não via nada, olhava para o outro, estava também negro, não via nada, e o gaiato queria me pôr fora do meu sítio!, eu disse cumué... eu vou botar ele para correr daqui para fora, ihihih e pus, meti ele no poste ahahah»

«Pois!, foi aí que eu me queixei...»

«Só dei conta quando ele disse que eu tinha atracado ele no poste ahahah»

«Mas tu nem viste poste nenhum!»

«Só acabei por escutar ele depois ahaha e aí eu disse olha que mentira cabeluda!»

«Eheheh ai que caralh...»

«Doeu doeu?»

«Ui por acaso não doeu...»

«Ahahah...»

«Porque eu tinha de levar o guardachuva na mão, e aí o que bateu no semáforo foi o meu braço, não foi o meu corpo não é?, a minha mão ia à frente a segurar o guardachuva, o que bateu foi a minha mão...»

«Mas se não tivesse o guardachuva... você tinha levado uma trombada ali...»

«Sabes que isso já me aconteceu uma vez?»»

«Mas não foi comigo!, ihihih»

«Tinha praí 17 anos ou quê...»

«Tava com quem?»

«Tava com os meus amigos vizinhos, nós tínhamos...»

«Mais eles fizeram como eu?»

«Peraí eu explico, foi uma coisa completamente absurda... nós estávamos naquela fase de ir comprar roupa às lojas sabes?, pares de calças, estava naquela fase meio beto, e então... eles iam comprar calças levis, coisas assim, calças caras de ganga, e eu ia com eles e com menos dinheiro, também naquela de pertencer ao grupo, eu tinha ganho dinheiro e ia comprar umas calças também, e era ali na Baixa, vê lá, nós fomos de autocarro, para nós era uma festa vir à cidade, e para mim também...»

«Pois era um bando de matuto!»

«E então, estávamos todos na rua, todos a falar e não sei quê e eu... ia a falar falar falar a olhar para o lado e de um momento Pum!»

«Ahahahah»

«Bato num parquímetro!»

«Eheheheh»

«Bati sabes?, mesmo no peito, sabes daqueles antigos mais baixos e de meter moedas sabes?»

«Ahahah queria estar lá para ver...»

«Bati e voltei para trás...»

«Claro!, não ia voltar para a frente ó intéligente!»

«Não claro... é que o corpo bateu lá e fez aquela...»

«Pressão...»

«Os meus colegas ahahaha a rirem-se...»

«Babaca.»

«É, às vezes queremos impressionar os outros e fazemos merda, por isso é gosto de estar na sombra. Fui bem gozado nessa tarde...»

«Olha... eu queria estar lá para ver, eu cagava de rir...»

«Pois é, fazias como eles...»

«Ah pois... eu fazia como no outro dia do guardachuva em que você levou uma trombada...»

«É... tu quase que morrias a rir a seguir... quando eu te expliquei o que tu fizeste, partiste-te a rir, parecia que ia ter um chilique, um ataque cardíaco é...»

«Ahahah pena foi eu não te ter visto, um dia vou contar às minhas neta ah vou vou, elas vão cagar de rir, é sim senhora, esse foi o dia mais engraçado da minha vida, eu nunca ri tanto, sinceramente...»

«Nunca se meta no caminho da Shivana eheheh»

«Ihihih isso é so o começo, se se meter no caminho dela ela atropela, ui nem é bom, me faz lembrar o Brasil, eu e o imperador da primeira vez que eu fumei com ele, nós fumámos em casa e depois saímos, nois ia na rua para ir para a discoteca que era a Broadway, nois caminhava, dum lado bares, do outro igual, e eu reparava, e via os postes de luz, os candeeiros, e em cima de um poste havia uma macaco, eu caminhava e só via macacos, em cada poste que eu passava lá estava um, e eu dizia ao imperador, e ele perguntava: você está se sentindo bem?, e eu dizia: tou vendo macaco, ele estão a me observar, ele dizia não, você está vendo coisas, e eu ficava com medo que os macacos não me deixassem entrar na Broadway...»

«Porque tu pensavas que os macacos...»

«Sim... que iam me prender por eu ter fumado marijuana

eheheh»

«Eh, às vezes dá esse efeito, a gente imagina coisas.»

«A Shivana atropela... naquele dia contigo de tanto rir eu quase que faço chichi nas calça, foi me'mo, a Shivana atropela, é por isso que eu era dona da escola, praticamente os menino quando me via saltavam o muro na hora do recreio, olha vamos embora que ela vem aí, era mesmo era, eu estou falando sério, quando a professora estava dando a aula antes do toque de saída eu me levantava para ir ao banheiro, e então, pegava um lápis e começava pela carteira do fundo furando eles de lápis, eu fazia tipo um ésse, um ziguezague, uma estrada, e só depois que furava o último é que eu ia pra casa de banho...»

«Eh...»

«Mas quando eu voltava eu ia de castigo, na hora da merenda eles comiam descansados mas na hora da saída eles tinham de pular o muro, quando eu levava suspensão de três dias em casa eu ia para a directoria, para a directora, a Dona Eusébia, todo o mundo falava mal dela, que era osso duro de roer tásaver?, botava os meninos de costas e virados para a parede, e a mim... eu olhava assim para a cara dela, baixava a cabeça e começava a rir, pegava a borracha dela, e um lápis de tinta, daquele azul, na altura tinha um programa de televisão, que era assim: Mulher TV, e eu botava: Dona Eusébia directora mulher tv, e depois sentava, ela ficava de pé, escrevendo não sei o quê, falando com a mãe de um aluno qualquer, o quê, eu cruzava as pernas, sentava na cadeira da directora e ficava igual a uma patroa, cabeça erguida toda dura toda imponente, e ela virava para mim depois que a mãe do aluno saía, e dizia: Qu'é que você está fazendo aí?, eu dizia: Eu estou vendo a senhora trabalhar!»

«Ahahaha»

«Ihihih pra eu aprender não é? Ela dizia: olhe, vá masé embora e depois amanhã, vem para a escola estudA e se não estudA... aí quem vai dar suspensão sou eu, não é a professora. Eu dizia: Tábem obrigada até logo, já fiz o meu expediente, agora vou embora para casa, trabalhou bem, é isso mesmo!»

«Ih era isso que dizias à professora?»

«Não, à directora. Quando era no outro dia, não ia para a escola, ia directa para casa dela, tomar café com ela...»

«Tomar café com ela?! Ihihih»

«Ela telefonava pra minha mãe, na altura minha mãe tinha telefone fixo, Shivana tá aí? Eu gostaria de falA com ela por favor. Primeiro, ela dava bom dia pra minha mãe, não é?, era bem-educada, era directora de um colégio, gostaria de falA com ela por favor. Eu chegava ao telefone: Bom dia, estou cheia de sono, não fui pra escola hoje, estava cansada e dormi demais. Era tal e qual assim o que ela respondia: olhe, tome banho, e venha a minha casa que eu quero tomar o café da manhã com você. Mas a propósito de quê? Ó directora, não pode ser por telefone? Não... porque eu quero conversar com você sobre ontem! Estou lascada... eu cá comigo eu estou lascada, eu vou ficar mesmo de suspensão... E depois, a mulher pegou um tal amor por mim que queria que minha mãe passasse um papel, assinasse um papel para eu ir morar na casa dela, para ser como filha dela. Eu disse cumué! Nunca na vida! Deixo meus pais nunca na vida, só se Deus os levA. E a partir daí, eu comecei a ir para casa dela, dormir na casa dela, almoçar na casa dela, e a aprontar na escola, um dia... me botaram pra correr de lá! Tu sabe da escola das freira em que eu mandei as freira tomar no cu quando eu levei um choque eléctrico  e quase que caio dentro da cisterna de água, eu disse à madre: olhe, vai tomar no cu, que eu não estudo mais aqui, vocês deixaram a cisterna aberta e eu levei um choque e fiquei com a cabeça do dedo inchada de pôr na tomada, ficou desta grossura a ferida. A madre chorou tanto pá, eu disse: não adianta...»

«Eheheheh»

«Fui expulsa porque mandei tudo tomar no cu, estudei nas escola toda, ninguém me quis lá, eu disse: melhor assim que eu não tenho de aturar ninguém, não gosto de vocês mesmo, mentira!, eu gostava de tudinho mas não dava o braço a torcer, mas eu gostava delas toda, e não tinha um Dia da Professora que eu não desse um presente chique, na altura os meus pais tinham condições, minha mãe vivia de confecção meu pai era marchan-

te de gado, ah fôdasse foi o tempo melhor que eu passei, eu era ruim quando era adolescente: leu escreveu o pau comeu, eu era menina ruim, por isso é que eu estou pagando ihihih»

«É... por isso é que hoje estás pagando...»

«Olhe... brincar com o coração dos outro ihihih eu já te falei de uma cubana que tinha um bar em Cochabamba, uuuuui o que eu não bebi de graça ihih eu bebia os melhores uísques que ela tinha ihih no final ela sempre queria dançar comigo... mais menino olha, comia de graça, bebia de graça, cada petisco bom ui e no final queria dançar comigo: e desde quando eu sei dançar cubano ihihih eu não sei dançar não, eu sou pé duro. E acabava por não ir, ai não... e na Venezuela, que a patroa me dava dinheiro para dançar em cima do balcão!, olha pra isso, a dona do bar, olha pra isso, olhámerda...»

«Pois, eras empregada dela, aqui quando eu ia às discos também havia empregadas contratadas pela discoteca para dançar em cima das colunas... para nós... chavalos, a olhar todos extasiados elas ali e íamos logo beber mais uma cerveja para ganhar coragem, faz tudo parte do negócio...»

«Você não entendeu...»

«Pois, ela punha-te em cima do balcão, era para tu atraíres os clientes a beber...»

«Você não entendeu o espírito da coisa, ela queria que eu dançasse em cima do balcão mas era quando todo o mundo fosse embora...»

«Ah pois era...»

«Você não entend...»

«Era um show privado que ela queria...»

«Ela tinha bom gosto, eu também gostaria que me fizessem um show privado eheheh»

«É o que eu digo... você acha? Danou-se!»

## As novidades finais

A novidade boa é ter arranjado um trabalho de média remuneração e com um horário das 9h PM até às 9h AM.

A novidade má é que o senhorio, a quem sou que tenho de ligar ou mandar mensagem, às vezes sms paga, para ele se dignar vir cá no dia 8 receber o valor do meu alojamento, o meu senhorio «passou-se dos carretos»: eu comentando com o meu colega de casa este define o senhorio como orgulhoso.

Explicando: este Sábado dia 9 mandei mensagem e ele pareceu não ter pressa, disse talvez Domingo ou Segunda ao final da tarde, respondi que fosse antes das 8h PM (e não acho que tenha de lhe explicar porquê), ele disse sim mas também tinha dito talvez, não marcou dia nem hora: deixou-me à espera.

Na madrugada de Domingo para Segunda, mandou mensagem pelo face às 2h30 AM, eu estava a trabalhar e só vi às 9h AM quando saí do turno da noite, a msg dizia: «amanhã vou tenta passar aí às 11h20AM»

Para quem dizia que ia passar ao fim da tarde, afinal mudou de ideia e quer passar de manhã. Não respondi, fodido pensei: vou ter de ficar acordado à espera dele. Esperei e ele nem «tenta passar» como disse que ia, na verdade... ele não passou e eu eu não pude ter o meu descanso merecido após 12 horas nocturnas de trabalho.

Ontem, 2ªf às 11h50 PM manda mensagem a perguntar se estou em casa às 11h20, eu leio a msg no trabalho tendo de interromper um reunião, e respondo fodido: «vai ser como hoje que fiquei à espera?», ele diz «não respondeste. Olha leva á Filomena á hora de almoc» e eu respondi que não tenho de ir a lado nenhum para lhe pagar e que se ele ainda não recebeu foi porque, mesmo morando na mesma rua que eu e ele, subindo -a todos os dias, não me bate à porta para ver se eu estou e se lhe pago. Rematei dizendo: «agora não me incomodes mais hoje porque estou a trabalhar.»

Ele respondeu dizendo que se não receber hoje vai tomar medidas adequadas. Mas desta sua mensagem ignorei o conteú-

do até depois das 8h de hoje e foi já quase ao sair do trabalho que a li. Li que a primeira medida adequada que tomou foi bloquear-me no messenger.

Respondi-lhe: dentro de duas horas chego a casa do trabalho, passa lá às 11h AM (afinal ele perguntara se eu estaria às 11h20...)

Não me respondeu, nem passou às 11h nem às 11h 20m AM, desconfio que também me bloqueou no telemóvel. Às 11h30 liguei-lhe duas vezes, atendeu mas não falou ou foi para o voice mail ou foi bloqueado. Gastei 50 cêntimos com a tentativa de lhe pagar a renda.

É agora meio-dia e pouco, acabo de escrever isto.

Fica à questão: É este um senhorio que respeita o inquilino?

Vai-me despejar? É que não tenho contrato de alojamento.

Talvez seja hora de procurar nova casa.

Preciso de um quarto para dormir e pintar, e outro quarto para arrumar os meus quadros, preciso de acesso a wc e a uma cozinha mesmo que comunitária, e que também possa fumar dentro do alojamento. É essencial ser um alojamento com janela.

p.s. : Ainda não me deitei e a culpa é de quem?

afinal este senhorio deve pensar que me faz um favor ao alugar um alojamento onde chove no meu quarto além das pulgas das quais o meu colega de casa também se queixou.

## Mudar de vida

Hoje, escrevo a esta hora da manhã porque estou sem sono, recebi no autocarro há meia hora um telefonema do meu último vizinho em Derza, ele perguntando como fazia eu para pagar a conta da luz, expliquei e aproveitei para lhe perguntar por um quadro em pano cru: O Aprendiz, não o encontro comigo aqui e talvez o tenha deixado lá na mudança, ele confirmou que eu o deixei mas não garante que ele, o quadro, ainda exista. Após a minha saída o quarto recebeu obras e agora está ocupado por um casal de activistas trans, ele disse que ia ver e que depois informa, tentei saber de um burrofone Nokia que também me falta mas ele não se recorda.

Enfim, se não me avisaram até agora, e já passaram quase dois meses, que lá deixei um quadro na parede, também deram sumiço no burrofone que já funcionava mal nem tinha cartão sim, mas tinha mensagens e números de telefone e era ainda um gravador de áudio, dava jeito não o ter perdido, ocorre-me que ainda não verifiquei todos os bolsos dos vários sacos de viagem, quem dera que lá estivesse, talvez sim talvez não, senão mais um dano colateral da década em Derza, a saber: um minidisk, uma máquina fotográfica, um caderno A4 inteiro com desenhos a pastel, um computador, tudo roubado, e agora, mais um telemóvel e um quadro em pano cru, roubado ou desaparecido: kill yr ídolos, rob them, mata os ídolos e rouba-lhes a glória, era a juventude e a sua ideia, quando novo alguém até me contou que apalpou os guizos do Burroughs velho em A'dam quando ele lá ia abastecer. Agora, mais velho, verifico que já me estou tornando um ídolo, ou pelo menos um trouxa com alguns valores mobiliários apetecíveis para serem esmifrados, sinal dos tempos: de miúdo de rua a tio na mata: mudei mesmo de vida.

Quanto a Shivana ou Raíssa ou Maria João Potiguá, também a sua vida mudou mas não é possível contar mais do que alguns rumores: alguns dizem que está gravemente doente, outros que entrou ao serviço de pessoas importantes e que por isso está abrigada debaixo de um «segredo de Estado», outros dizem ainda que voltou finalmente para o seu país natal com um bilhete premiado do euromilhões e os cinquenta porcento dos direitos de autor deste livro de crónicas dum jogo de futebol, que já vai longo e não encaixa bem na grelha de novidades a informar ao leitor.

Quanto à Comunidade do Além, resta-me deixar aqui uma lembrança do excelente ser humano que faleceu em 2021: o poeta Júlio Alberto Allen Vidal. No outro mundo onde ele estiver agora, certamente estará a contar os trocos para beber um café, comprar cigarros e escrever mais uns versos para o seu Diário do Quotidiano.

# GRANDES PENALIDADES

## Pensamentos de Shivana Ribeiro, *imperatriz do Povo de Além cuidando do Povo de Cá*

1

O casal é conhecido no divórcio,
Os irmãos na herança, os filhos na velhice e
Os amigos nas dificuldades.

2

Um bom marido não é um homem rico ou bonito.
É um homem que sabe o valor de uma mulher...

3

Meu pensamento do dia
O coração de uma mulher é como um instrumento musical,
Pois nas mãos certa pode emitir notas incríveis.

4

Seja o tipo de mulher que quando os seus pés pisam no chão todas as manhãs o Diabo diz ó merda, ela está de pé!

5

Descutir com pessoas que não aceita á verdade é como dar remédio a uma pessoa morta.

6

Amizade não se compra e nem se vende

aqueles que vai para o Facebook, o WhatsApp, e etc. E mente não é honesto não tem caráter, e brinca com a confiança das pessoas, espero que não me peça amizade

7

Este pensamento do dia,
é para alguns amigos.
A confiança, honestidade, e o
caráter.
E como papel depois de a maçado
Só presta para jogar fora

Se não tem está 3 coisas não merece ter amigos. E tão pouco ser meu amigo ou minha amiga.

8

A coisa mais preciosa é o tempo.
Então seja sábio e não desperdice

9

Não gastes mensagens como quem
não responde.
Não gaste palavras com quem não te escuta.
Não gaste a vida com quem não merece.

10

Pensamento do dia
A verdade pode machucar,
é sempre mais digna.

11

Na forma ou na lama,
valorize sempre quem te ama.
A beleza chama atenção, mas a dignidade conquista o coração

12
A violência é um
Refúgio dos incapazes

13
Meu pensamento do dia.
A gente só descobri a
Importância de
um abraço
quando precisar de um

14
Bom Dia para ser feliz não tem idade

15
Existe pessoas,
que não procura beleza, mais um grande
amor. Para sua vida.

16
Amigos é com vento
as vezes perto, as vezes longe mais são é ternos no nossos corações.

17

Meu pensamento do dia
A vida te ensinar que nem todo mundo é seu amigo.

18
Meu pensamento do dia hoje é um ditado brasileiro:
Quando me vêm com estorinha eu desço do salto e rodo a baiana

19
Ele me faça um favor
suba ou desça
da Shivana se esqueça

20
Os rios não bebem sua própria água
As árvores não comem seus frutos
O sol não brilha para si mesmo
E as flores não espalham sua fragrância para si
Viver para os outros é uma regra da Natureza
A vida é boa quando você está feliz
Mas a vida é muito melhor quando os outros estão felizes por sua causa.

21
.Meu pensamento do dia
A onde eu for
Deus
Está comigo se um
Dia
Eu não voltar eu
Fui com ele..

22
Meu pensamento do dia
Tenho três lado ;
O lado doce e amável.
E lado engraçado maluco.
E o lado que você nunca vai querer conhecer.

23
Pensamento Da Noite
Aprenda a ser sozinho
porque na hora da dificuldade será você por você mesmo
É assim que me sinto !

# RESULTADO FINAL

## Na paragem de autocarro

Na paragem de autocarro fazendo companhia à dama que vai embora:

— Poisé!, esses homes fazem-te muitas promessas, tenho de começar a prometer também...

— Não são promessas, são convites.

— E quando te convidam para ir beber uma súrvia ao Catar tu pensas que partes logo na hora, entre um convite e a conclusão do convite a coisa torna-se em promessa ué...

— Ele me convidou, pagava a minha passagem e depois eu voltava amanhã, eu disse não...

— É.. tenho de pensar em prometer-te qualquer coisa, por exemplo, pendurar-te naquela árvore de cabeça para baixo... ou então, fazer finalmente cortar a tua filha Pandora às postas como uma pescada mas não porque ela não é pescada, mas sim fazer um bom sushi de cobra e comê-lo acompanhado de uma tequilha sunrise ou até só limão e sal, tásaver... shotes de sushi com tequilha...

— Se você fizesse isso, eu também cortava você às postas e espalhava pelo lixo...

— Ah... mas depois fazia como a deusa Ísis e juntava as partes para ressuscitar oralmente o deus Osíris?

— Não!, juntava as partes e jogava nos porcos, dava para eles comer, fazia como aquele que foi goleiro do Flamengo!

— É por isso que eu gosto de você!

— Eu sei o que você quer...

— Hoje, estou muito triste contigo, é por não me poderes dar coices que não dormias comigo na antiga casa...

— Ihihih...

— E agora que tem cama larga passa a noite dando coice no velho... a minha cama era estreita e tu não te podias espraiar.

— Eu dou coice porque estou dormindo, não tenho culpa...

— É, você de noite é uma éguazinha que relincha como nós gostamos mas depois de dia vive na possibilidade do que

pode vir a acontecer, sempre na diplomacia, não no que faz mas no que gostaria de fazer...

— Você também quer levar coice?

— Quero pintar-te as unhas no céu e beber o teu néctar!

— Virgemária minha mãe olha o escambéu!, menino, você anda falhando a medicação?

— Dá-me um beijinho...

— Vem aí o autocarro, a gente se vê depois.

# NOTA DE IMPRENSA

## Vou falar com umas pessoas

Começara por ser simples empregada de andares, ou seja, naquele trabalho para o qual fora recomendada começara por fazer camas e limpar os quartos que a patroa da mansão alugava a turistas endinheirados vindos de todo o lado, Era humilde, trabalhava bem e concordava sempre com a patroa. Cedo subiu na sua consideração até se tornar quase amiga íntima. Quero dizer: a patroa apaixonou-se por ela e sequestrou-lhe os documentos, ela fugiu com a roupa do corpo para nunca mais voltar. Diz-me ela que a patroa telefonou para casa da mãe dela pedindo: — Volta Shivana, volta. Mas ela não voltou e diz-me que a patroa morreu com o coração partido, literalmente falando, não terá morrido de velhice. E porque morreu, Shivana ficou com remorsos para sempre e assumiu o nome que a patroa lhe deu: Shivana do pau oco.

Shivana não voltou à patroa porque não tinha paixão carnal por mulheres, e porque quando fugiu da mansão, encontrou na paragem da camioneta, segundo reza a lenda, um daqueles portugueses com mesmo muito e muito dinheiro que vão ao Brasil divertir-se. Como Ballard nos diz no relato das suas passagens por terras de vera cruz, as mulheres brasileiras estão disponíveis a amancebar-se com qualquer tipo que não cheire mal, com dinheiro que as mantenha e lhes dê um vida boa e as trate com respeito. Shivana designou-o de imperador e o imperador casou com Shivana e trouxe-a para Portugal, e a vida dela mudou para sempre.

Ao princípio, ainda trabalhou na área da restauração mas os patrões portugueses queriam molhar o pincel e quando Shivana foi fazer queixa à mulher do patrão, esta chamou-a de puta. O imperador ainda fez uma espera ao patrão mas não deu em nada. Shivana deixou de trabalhar, também não precisava, vivia num palácio, tinha cartão de crédito, viajavam frequentemente, o imperador tratava de tudo, Shivana não precisava de se esforçar mais, tinha uma vida de sonho e o marido pagava as contas, Shivana era dondoca e fiel.

A vida de Shivana começou a mudar quando descobriu que o imperador dava para os dois lados, ou seja, andava enrabichado com um jovem estilista brasileiro, o imperador passava agora quase todo o ano do lado de lá do Atlântico longe dela, mas continuava a pagar as contas. No final de contas, Shivana embora deprimida por ser trocada por um homem, queria lá saber, interpretava aquilo tudo como mais uma mania de português. E continuou vivendo e desfrutando da vida boa e apanhando cada vez maiores carraspanas para esquecer que tinha sido trocada, e que não passava de um pedaço de carne que já passara da validade. Mas continuou vivendo até ao dia em que soube que o imperador tinha tentado coisas com a sua filha adoptiva, Shivana cortou relações com a filha adoptiva que mantinha no Brasil e jurou vingança: haveria de encornar aquele português filho-de-uma-puta na sua própria cama.

Conheci Shivana por estas alturas no bar que ambos frequentávamos na zona nobre da cidade, eu morava num quarto e ela no palácio, morávamos relativamente perto um do outro e era habitual ela vir até minha casa beber, fumar, ouvir música e admito que também transámos ocasionalmente. Eu comecei a gostar dela e ela distraiu-se assim do imperador. Eu, pela minha parte, sonhei melhorar a minha vida e dar-lhe uma alternativa, queria até que ela se divorciasse para não vivermos escondidos. Mudei de casa porque fui obrigado, o senhorio vendera o prédio à câmara, quem no prédio estava a viver com contrato de arrendamento passou a ser inquilino da câmara, os ilegais como eu fomos quase despejados, deram-nos um mês para sair. Saí. Mudei para melhor mas longe do centro, tinha agora melhores condições para a receber mas o problema eram os transportes, o metro só funciona até à uma da manhã, ela começou a encontrar outros pontos de interesse e a voltar para mim menos vezes, eu acho que ela me conheceu pobre e nunca pensou que eu seria capaz de lhe dar uma vida boa.

E eu talvez não fosse capaz disso mas estava a tentar. De qualquer modo, Shivana acabou por conhecer outro português que lhe fez igualmente muitas promessas como o imperador e

ela acreditou nele, mudou-se para casa dele, ele passava a ser o novo pagador de contas, divorciou-se do imperador, assumiu-se com o governador, como chamava a este novo dono, até que as coisas começaram a correr mal. O governador tinha mentido e não era rico, era um pé-descalço e apenas tinha uma casa para morar e, ao contrário do imperador, é ciumento. Ameaçou pô-la fora de casa e pôs, dormiu na paragem do metro, eu recolhi -a por afinidade de manhã quando ela telefonou, eu precisava dela, ela mesmo não me dando carne, tinha restaurado a minha confiança e auto-estima, tinha apaziguado os fantasmas do meu passado e tudo apenas com o carinho, o sorriso e as palavras amáveis de Shivana. Shivana é poderosa.

A nossa convivência não deu certo, ela fez a paz com o governador e vive com ele desde então, arrependida de se ter divorciado sem um bilhete de regresso ao Brasil pago pelo imperador e tendo de viver na miséria dos favores do governador que, segundo ela: acorda para beber e bebe para dormir, e que quando está bêbado a insulta constantemente e quando está sóbrio diz que a ama.

Acresce que Shivana está gravemente doente e o que ela mais quer no mundo é voltar para casa da mãe, do filho e das netas, e eu acho que vou arranjar maneira de a ajudar a voltar, vou falar com umas pessoas. Eu não sei comprar um bilhete de avião mas vou arranjar maneira, sei de quem já fez vaquinhas no passado para bilhetes de avião. Eu vou arranjar maneira porque Shivana aqui não é feliz e não quero que morra sozinha neste país e longe da família. Os seus problemas de saúde foram descobertos quando numa saída copofónica com o governador ela teve um ataque cardíaco, foi de urgência para o hospital, trataram-na, mas os problemas voltaram: contínuas e fortes dores de cabeça, sangramento do nariz, e síncopes, desmaios na rua ao caminhar, esquecimentos frequentes de tarefas a realizar, fizeram-lhe uma ressonância e outros exames, começou a ser seguida em neurologia e psiquiatria, começou a ser fortemente medicada, diz-me ela na sua linguagem que a sua cabeça ganha

muita água e faz pressão no crânio e que isso lhe dá as dores de cabeça, eu só comecei a perceber quando numa manhã ela me mostrou uma mensagem do hospital a lembrá-la da consulta nesse dia e que vinha etiquetada como consulta de neurologia — paramiloidose. Consultei o doutor google e ele informou-me que esta doença não tem cura e é degenerativa. Geralmente, o teste do pezinho à nascença detecta e permite tratar a tempo muitas destas doenças, mas há cinquenta anos no Brasil ou não se fazia o teste ou a mãe que a deu à luz não quis saber do teste e até a abandonou no balcão de um bar por ser uma bebé feia. Shivana foi recolhida pela senhora que hoje ainda chama de mãe e que dela cuidou e lhe deu amor, um lar e uma família.

Shivana está lascada e até o médico neurologista desistiu dela, disse que não a operava porque ela poderia morrer na operação ou ficar paralítica mas a minha opinião é que se Shivana fosse a um hospital privado e pagasse a operação o médico operaria e ganharia o seu dinheiro, assim não, desistiu dela, disse-lhe que ela poderá no futuro ficar cega, que os esquecimentos e as dores de cabeça vão aumentar e que vai ser cada dia pior e que no futuro não lhe dá mais consultas porque ela é um caso perdido para a medicina, diz também que a médica de família passará de futuro a medicação. Shivana disse que teve quase a insultar o médico por este ter dela desistido mas ela próprio desistiu, o médico revelou-se um insensível que não quis naquele momento saber da saúde mental dela, quase que lhe disse textualmente: você tem os dias contados.

Shivana saiu do médico e entrou pela segunda vez numa igreja aqui em Portugal. Deus salvara-a de dois cancros retirando-lhe apenas o útero, Deus haverá de me salvar, disse-me ela ao telefone. E eu aceito esta sua crença, nós humanos tratámo-la mal, que Deus se existir a salve.

Que Deus a salve ou que a medicina brasileira te salve, este país fechou-te as portas.

Transcrevo relatório médico:

«

*Para os devidos efeitos declaro que a utente Shivana Ribeiro apresenta os seguintes antecedentes:*

*— Enxaqueca sem aura crónica*

*— Malformação cerebral (possível hidrocefalia ligada ao X com estenose aquedutal (HSAS)/ displasia diencéfalo-mesencefálica). Seguida em consulta de neurologia.*

*— Patologia depressiva. Acompanhamento em consulta de psiquiatria.*

*— Défice cognitivo.*

*— Bronquite crónica.*

*— Dislipidemia.*

*Por ser verdade e me ter sido solicitado passo a presente declaração que dato e assino.*

———, 24 de Abril,   23

»

***

Esta música de Sheila Chandra é para ti, querida, tu sabes quem és, não haverá cabrão que se ria, tu serás mais forte.

***

Meu pensamento da Noite<br>
Hoje eu tenho uma frase que diz assim.<br>
Ria e o mundo rirá com você.<br>
Chore e você chorará sozinho.<br>
É a pura verdade.<br>
Santinha

ZMB075